



Liliane de Fátima Dias Macedo

**BOLEIRAS DO ATERRO:
uma etnografia sobre futebol, gênero, sociabilidade e aprendizagem
em um parque público do Rio de Janeiro.**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas – Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Humanidades, do Departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Mylene Mizrahi

Rio de Janeiro,
Abril de 2024



Liliane de Fátima Dias Macedo

BOLEIRAS DO ATERRO:

**uma etnografia sobre futebol, gênero, sociabilidade e
aprendizagem em um parque público do Rio de
Janeiro.**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas – Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Humanidades, do Departamento de Educação da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora Abaixo:

Profa. Mylene Mizrahi

Orientadora
PUC-Rio

Prof. Valter Sinder

PUC-Rio

Prof. Pedro Pinheiro Teixeira

PUC-Rio

Prof. Arlei Sander Damo

UFRGS

Prof. Alexandre Barbosa Pereira

UNIFESP

Rio de Janeiro, 18 de abril de 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Liliane de Fátima Dias Macedo

Liliane de Fátima Dias Macedo é professora e pesquisadora. Pesquisadora do Estetipop (Laboratório de pesquisa antropológica em estéticas, aprendizagens e cultura pop/popular) e Doutoranda em Educação no Programa de Pós- Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC Rio. Atualmente desenvolve uma etnografia com mulheres jogadoras de futebol com financiamento CNPQ. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP (2019). Graduada em Educação Física pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri- UFVJM (2010-2016) com período sanduíche na Griffith University - Austrália (2013-2014) pelo Programa Ciência Sem Fronteiras. Atua como professora na educação básica, lecionando inglês e educação física.

Ficha Catalográfica

Macedo, Liliane de Fátima Dias

Boleiras do Aterro : uma etnografia sobre futebol, gênero, sociabilidade e aprendizagem em um parque público do Rio de Janeiro / Liliane de Fátima Dias Macedo ; orientadora: Mylene Mizrahi. – 2024.

178 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2024.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Futebol feminino. 3. Agência. 4. Comunidade de prática. 5. Redes. I. Mizrahi, Mylene. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Dedico essa tese aos meus pais, uma dona de casa e um auxiliar de serviço da educação básica, que mesmo sem terem tido a oportunidade de estudar nunca mediram esforços para que eu tivesse a melhor educação possível.

Agradecimentos

Agradeço inicialmente ao CNPq pela bolsa de estudos que financiou essa pesquisa. Sem ela nada disso teria sido possível.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio pela oportunidade de fazer parte de um dos melhores programas do país.

À Mylene Mizrahi pela orientação e por me conduzir nessa imersão na Antropologia.

A todos os professores do PPGE/PUC-Rio com quem pude trocar e aprender durante esses quatro anos.

A todos os funcionários do PPGE/PUC-Rio, em especial Marnie e Dudu que estão sempre disponíveis, contribuindo e facilitando esse processo tão desafiador.

Aos professores Valter Sinder e Pedro Pinheiro Teixeira pela avaliação e contribuições com esse trabalho ainda nas fases de qualificação que permitiram a melhoria da tese e meu crescimento enquanto pesquisadora.

Aos professores Arlei Sander Damo e Alexandre Barbosa Pereira por compor essa banca partilhando seus conhecimentos.

Aos meus amigos de turma do Doutorado, especialmente Viviane, Vanusa e Ingrid, com quem pude compartilhar momentos únicos de troca e aprendizagem.

A todos os membros do Estetipop, Gabriel, Mariana C., Mariana M., Adriane, Aline, Anna, Natália e Fabiana, por compartilharem o interesse na pesquisa antropológica, pela companhia, amizade e crescimento que cultivamos juntos.

Ao departamento de Educação Física da UFVJM, minha primeira casa, e todos os seus professores, onde a sementinha da carreira acadêmica foi plantada em mim.

À cidade do Rio de Janeiro que me acolheu e eu escolhi chamar de lar.

À Natália Melo, minha amiga e professora exímia que compartilha comigo o dia a dia da pesquisa acadêmica, as dores e as delícias da vida e que se tornou parte da minha família.

Aos meus amigos de Minas Gerais, em especial Larissa, Lucas, Bea, Igor, Wesley, Alana, Rafael e Guilherme, por sempre estarem presente, mesmo de longe, me apoiando e sempre acreditando em mim.

Aos meus amigos do Rio de Janeiro, em especial Cley, Tamara, Gaia, Nath, Gui, Marcella, Léo, Cassiane e Patrick, por terem me acolhido e se tornado minha família por aqui.

À Sônia, Teresinha, Ewerton, Cíntia, Paulinho, Maria e João, por me permitem fazer parte de sua família.

Aos meus irmãos, Glender, Dayane, Viviane e Marcos, pela presença constante e por compartilharem comigo esse sonho.

Aos meus pais, Edson e Jacira, por nunca terem medido esforços para que eu tivesse uma educação de qualidade, mesmo para isso tenham precisado renunciar os próprios sonhos.

À minha tia Naná por ser e sempre ter sido nossa fortaleza e maior incentivadora. Seu amor incondicional me fortalece.

Aos meus sobrinhos João Gabriel, Miguel, Lucas, Pedro Lucas e Isabela, por terem trazido mais vida e felicidade para nossa família.

À Camila Moraes, por ser minha companheira, porto seguro e lar, pelo amor, amizade, companheirismo e por caminhar comigo nessa vida. Por sempre me ouvir, entender e respeitar, me dando forças para finalizar mais essa etapa. A família que estamos construindo é que o me motiva a ser cada dia melhor.

Ao Mandelinha por, mesmo sem saber, encher minha vida com o amor mais puro e verdadeiro que já senti. Você chegou na hora certa e foi feito para nós.

Às Boleiras do Aterro, e demais participantes dessa pesquisa, meu agradecimento em especial por terem me recebido tão bem e compartilhado seus conhecimentos, histórias de vida e amor pelo futebol. Sem vocês nada disso seria possível.

Ao futsal feminino de Diamantina, e todos os envolvidos, onde essa história começou a ser escrita, quase 20 anos atrás.

Obrigada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Resumo

MACEDO, Liliane de Fátima Dias. **BOLEIRAS DO ATERRO: uma etnografia sobre futebol, gênero, sociabilidade e aprendizagem em um parque público do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2024. 178 p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Essa tese trata-se de uma etnografia realizada juntamente com um grupo de mulheres, as Boleiras do Aterro, que jogam futsal semanalmente em uma quadra pública localizada no Aterro do Flamengo. Em um diálogo entre Educação e Antropologia são levantadas questões sobre gênero, agência e sociabilidade. Para obtenção dos dados foi realizada a observação participante. O Aterro do Flamengo é considerado palco das peladas no Rio de Janeiro e é fator fundamental na dinâmica das Boleiras. A partir das observações foi possível descrever como se dão as interações das mulheres com esse espaço, entre elas mesmas e com os homens que participam dos jogos. Apesar de ser um agrupamento bem-organizado ele não é fixo. Semanalmente, acontecem associações e dissociações e o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos, independentemente de quais sujeitos estejam presentes. A relação com os homens, os usos do espaço público, os churrascos, o grupo do WhatsApp e heterogeneidade desse grupo faz com que esse seja único. Utilizo da Teoria Ator-Rede (ANT) de Bruno Latour et al. (2012) para descrever como a realidade das Boleiras se descortina e como ocorrem as agências, buscando entendê-la como um efeito, uma consequência e não algo dado, pronto e estável. Utilizo, ainda, as contribuições de Lave & Wenger (1991) e Ingold (2020) para compreender como se dá o aprendizado desse esporte pelas jogadoras, onde a aprendizagem é considerada um aspecto inerente de toda prática social e educação se trata de uma prática de atenção, e não de transmissão. No Aterro do Flamengo essas mulheres constituem um modo próprio de aprendizagem desse esporte. Em uma relação em que o futebol é o elo e o parque o espaço que possibilita que a prática ocorra, elas incorporam o jogo e todas as relações implicadas em sua prática.

Palavras-chave

Futebol feminino; agência; comunidade de prática; redes.

Abstract

MACEDO, Liliane de Fátima Dias. **BOLEIRAS DO ATERRO: An ethnography about soccer, gender, sociability and learning in a public park in Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2024. 178 p. Ph.D. thesis – Department of Education. Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

This thesis is an ethnography carried out together with a group of women, the Boleiras do Aterro, who play futsal weekly on a public court located in Aterro do Flamengo. In a dialogue between Education and Anthropology, questions about gender, agency and sociability are raised. A participant observation was carried out to obtain the data. Aterro do Flamengo is considered the stage for amateur soccer matches in Rio de Janeiro and is a fundamental factor in the dynamics of the Boleiras. Based on the observations, it was possible to describe how women interact with this space, between themselves and with the men who participate in the games. Despite being a well-organized group, it is not fixed. Associations and dissociations occur on a weekly basis and the only recurring factor is the games, regardless of who are present. The relationship with men, the uses of public space, the barbecues, the WhatsApp group, and the heterogeneity of this group make it unique. Bruno Latour's Actor-Network Theory (ANT) (2012) was used to describe how the reality of Boleiras unfolds and how agencies occur, seeking to understand it as an effect, a consequence and not something given, ready and stable. I also use the contributions of Lave and Wenger (1991) and Ingold (2020) to understand how players learn this sport, where learning is considered an inherent aspect of all social practice and education is a practice of attention, and not transmission. At Aterro do Flamengo, these women constitute a unique way of learning this sport. In a relationship in which soccer is the link and the park is the space that allows the practice to occur, they incorporate the game and all the relationships involved in its practice.

Keywords

Women's soccer; agency; practice community; networks

Sumário

1. Introdução	15
2. Entrada em campo	19
2.1. Aspectos metodológicos	19
2.2. O Aterro do Flamengo: espaço público, lazer e gênero	38
2.3. Conhecendo o campo	49
2.4. Primeiro contato	53
2.5. A virada de chave	55
2.6. As Boleiras do Aterro	59
3. Gênero, Futebol Feminino e Agência	62
3.1. Gênero	62
3.2. O futebol feminino no Brasil	78
3.3. Conceito de Agência, Gênero e Futebol	86
4. BOLEIRAS DO ATERRO: uma rede	92
4.1. O Grupo do WhatsApp	97
4.2. Futebol (não só) de mulheres	100
4.3. Lazer e sociabilidade	108
4.4. Futebol para todas!	114
5. Futebol, Jogo e Aprendizagem	123
5.1. O Aterro como espaço de aprendizagem	134
5.2. A aprendizagem na cena do jogo	141
5.2.1. Dinâmica dos jogos	141
5.2.2. Aprendizagem corporal na prática	143
5.2.3. Repetição e imitação como forma de aprendizagem	145

5.2.4. Comunicação dentro e fora de quadra	147
5.2.5. (Des)cumprimento das regras e conflitos	151
5.2.6. Observação como processo de aprendizagem	153
5.2.7. Aprendendo sobre a vida	155
6. Conclusão	160
7. Referências Bibliográficas	166
Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pessoas identificadas	172
Anexo 1 – Regras das Boleiras do Aterro	176

Lista de figuras

Figura 1 - Localização da quadra	21
Figura 2 - Jogadoras em quadra	21
Figura 3 - Bola de Futebol e quadra utilizadas pelas Boleiras	22
Figura 4 - Frase motivacional	22
Figura 5 - Divulgação de dia, horário e local que o grupo se encontra para jogar	23
Figura 6 - Regras do Grupo	24
Figura 7 - Objetivos do grupo	25
Figura 8 - Poster de divulgação do torneio	26
Figura 9 - Parque do Flamengo - Perímetro do tombamento	40
Figura 10 - Linha esportiva da Nike Inspirada no Aterro do Flamengo	44
Figura 11 - Visão área do posto 2 na Praia do Flamengo	50
Figura 12 - Quadra esportiva utilizada pelas Boleiras	51
Figura 13 - Visão aérea da quadra esportiva utilizada pelas Boleiras	51
Figura 14 - Pesquisadora e Boleiras	58
Figura 15 - Foto utilizada nas redes sociais e no WhatsApp do grupo	60
Figura 16 - Imagem de capa da página do Facebook das Boleiras do Aterro	73
Figura 17 - Mulheres e homens jogando	101
Figura 18 - Mulheres e homens jogando	101
Figura 19 - Churrasco	105
Figura 20 - Churrasco	106

Lista de Abreviaturas e siglas

CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CND	Conselho Nacional de Desportos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
DPHAN	Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LPP	<i>Legitimate Peripheral Participation</i>
Lula	Luís Inácio Lula da Silva
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Proex	Programa de Excelência Acadêmica
ANT	Teoria Ator-Rede
UFF	Universidade Federal Fluminense

*Desde pequena muito preconceito
Aqueles papo futebol não é pra mulher
Mas aprendi a dominar no peito
Pôr no chão e responder com a bola no pé*

*Sempre com a molecada correndo na rua
É ligeira monta o time e a panela é sua
Não quer brincar de boneca nem pintar na escola
Só quer saber de driblar, correr atrás de bola*

*Qual é, qual é?
Futebol não é pra mulher?
Eu vou mostrar pra você, mané
Joga a bola no meu pé(2x)*

*Agora a menina já virou mulher
Tá correndo atrás do sonho e sabe o quer*

*Driblando as dificuldades, deixando pra trás
Com orgulho é jogadora e ama o que faz*

*Qual é, qual é?
Futebol não é pra mulher?
Eu vou mostrar pra você, mané
Joga a bola no meu pé*

*Se você pensa que é fácil
A vida dessa mulherada
Mas não é não, você tá enganado
Antes de jogo não tem balada*

*Além de muito treino e dedicação
Não tem final de semana nem feriadão
E se quiser pagode só tem no buzão
Então fecha com a palma agora no refrão*

*Qual é, qual é?
Futebol não é pra mulher?
Eu vou mostrar pra você, mané
Joga a bola no meu pé (2x)*

*Mina de fé, de garra, swing, samba no pé
Na ginga, catimba e encanta, por ser mulher*

*Dona da bola não enrola
Na roda entra de sola
Seja de bola ou de samba
Faz o que quer*

*Quem é?
Que toca, provoca, dá de mané
Assim como quem não quer nada
Na manha chega onde quer*

*Faz batucada, é ousada
Na roda é respeitada
Toca instrumento e o seu de trabalho é o pé*

*Qual é, qual é?
Futebol não é pra mulher?
Eu vou mostrar pra você, mané
Joga a bola*

*Joga a bola no meu pé
Joga a bola no meu pé
Joga a bola no meu pé
Joga a bola no meu pé*

Cacau Fernandes e Gabi Kivitz, Jogadeira.

1

Introdução

Os esportes são atividades corporais que se tornaram bastante difundidas pelo mundo no século XX. De acordo com Mauro Betti (1989) o esporte em si é considerado uma instituição social autônoma no mundo moderno que foi institucionalizado pela burguesia inglesa emergente da Revolução Industrial (1760-1840). Norbert Elias & Eric Dunning (1992) apontavam em seus estudos, ainda no século passado, sobre a importância do esporte ser tratado como tema de interesse das ciências sociais desde a década de 1950.

No dossiê sobre o esporte em uma perspectiva antropológica, Arlei Sander Damo et al. (2008) sinalizam que a partir da contribuição de autores das ciências sociais, entre os quais estão Elias e Dunning, Bourdieu e Hobsbawm, Eduardo Archetti e Roberto DaMatta, os esportes passaram a ser considerados objetos de estudo para essa área de pesquisa.

Diferentemente do período que vai até pelo menos o início da década de 1990, em que eram frequentes as restrições ao estudo do esporte, do lazer, do corpo, do espetáculo e de outros fenômenos afins, as discussões, agora, se voltam para o modo como se deve teorizar o campo esportivo e quais os aspectos mais interessantes de serem investigados empiricamente (Damo et al., 2008, p. 7).

A partir de então, surge um novo campo de pesquisa onde o esporte, por muitas vezes banalizado, passa a ser levado a sério e se torna objeto central de investigações nas ciências sociais, inclusive abordando temas que, em algum momento, foram considerados desnecessários, como é o caso do futebol. Apesar de ainda ter muito caminho pela frente, atualmente existe uma grande quantidade de conhecimentos nessa área, assim como uma extensa bibliografia (Damo et al., 2008).

Os autores mencionados acima ainda afirmam que uma perspectiva antropológica contribui para análise e interpretação dos fenômenos. Assim, para a Antropologia o que interessa de fato é a “análise dos significados atinentes à prática e à fruição de atividades ditas esportivas em seus contextos históricos e sociais” (Damo et al., 2008, p.8). Nesse contexto de pesquisa, tem-se que o esporte vai além do que simples uso do corpo. Para se compreender os significados do esporte é necessário considerar a complexidade social e cultural

do mundo moderno em que esses esportes acontecem. Para Betti (1989) o esporte reflete características da sociedade em que se encontra inserido.

No Brasil, o futebol é um esporte que ocupa um local de destaque em detrimento dos demais e isso se deve a sua ampla difusão e da intersecção com fatos sociais. Aqui, o futebol não é somente uma modalidade esportiva. E, por isso, passou a ser um objeto de estudo muito pesquisado pelos cientistas sociais e se faz presente enquanto espaço de discussão em fóruns acadêmicos nacionais e latino-americanos (Damo et al., 2008).

Roberto DaMatta (1994) sinaliza como se deu o processo de popularização do futebol no Brasil que o transformou nesse instrumento privilegiado de dramatização de muitos aspectos da nossa sociedade. O futebol hoje em dia é uma prática em que códigos, interesse, identidades, redes de sociabilidade e uma diversidade de sujeitos estão envolvidos, se constituindo como prática profissional, educativa, ritual e cotidiana, como coloca Eliene Lopes Faria (2008).

Apesar dessa identificação do futebol com o povo brasileiro, esse esporte ainda é marcadamente masculino. Como apontado por diversos autores¹ que estudam o futebol no Brasil, essa democratização do esporte e sua consolidação enquanto identidade nacional não aconteceu da mesma forma para as mulheres. Elas foram vítimas de um intenso processo de exclusão, fomentado por leis, dessa prática. Somente na década de 80 as mulheres foram autorizadas legalmente a praticar esse esporte. Entretanto, esses próprios autores mencionados afirmam que mesmo ilegalmente, as mulheres praticavam esse esporte.

Em menores proporções, quando comparado ao futebol masculino, o futebol feminino hoje possui maior representatividade no cenário esportivo brasileiro e mundial.

Mesmo sendo pouco acessível às mulheres, tal é o impacto do futebol na cultura brasileira que ele não se restringe a uma faixa etária específica, sendo praticado da infância à velhice, ainda que a amplitude do acesso dos jovens seja marcante (Faria, 2008, p. 14).

¹ Faria (2008); Esperança Sardinha (2017); Silvana Goellner (2005), Fábio Franzini (2005); Suraya Darido (2002) etc.

Dessa forma, ao praticar futebol as mulheres movimentam uma série de símbolos e significados que envolvem questões de gênero, sociabilidade e aprendizagem.

Por mais que o esporte tenha incorporado o léxico do mercado, da ciência, do trabalho e de outros tantos campos afeitos à seriedade dos adultos, não custa lembrar que as performances atléticas destinam-se, em todo o caso, ao entretenimento, à excitação e à sociabilidade do seu público (Damo et al., 2008, p. 17).

O trabalho que realizo nessa tese se situa, então, nesse contexto de análise dos significados implicados na prática desse esporte por mulheres, como também na investigação da fruição dessa atividade em seu contexto histórico e social. Essa pesquisa foi realizada juntamente a um grupo de mulheres que praticam o futebol amador semanalmente em uma quadra pública na cidade do Rio de Janeiro. Considero esse espaço como um local de produção de uma sociabilidade feminina e de aprendizagem na prática.

O texto de tese está dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo introduzo a minha pesquisa que se faz à luz da antropologia e educação. No segundo capítulo apresento a minha entrada em campo que passa inicialmente pelos aspectos metodológicos da pesquisa e a escolha do objeto de estudo. É nesse capítulo também que apresento minha trajetória e vivência acadêmica e no futebol, que são fatores essenciais para que hoje eu pudesse realizar essa pesquisa. O capítulo conta, ainda, com uma apresentação do Aterro do Flamengo como espaço público de lazer onde as Boleiras se encontram e praticam esse esporte. Minha chegada e inserção no campo são abordadas nesse capítulo, e, para finalizar essa parte, apresento o grupo estudado, as Boleiras do Aterro.

No capítulo seguinte, faço uma discussão teórica sobre gênero, futebol feminino e agência. Essa discussão tem como objetivo contribuir para a compreensão sobre as Boleiras do Aterro, quem são essas mulheres e quais as implicações o futebol, o gênero e a raça têm em suas vidas. Abordo ainda a inserção da mulher no futebol brasileiro e quais implicações reverberam atualmente. Considerando essas mulheres agentes de sua própria história, abordo as diversas modalidades de agência utilizadas pelas Boleiras para se inserir e se manter nesse ambiente socialmente masculino.

O capítulo quatro é onde apresento “*Uma etnografia das Boleiras do Aterro*”, trazendo uma discussão sobre sociabilidade, em que a partir das contribuições de Bruno Latour et al. (2012), busquei apreender de forma descritiva como a realidade em que as Boleiras se encontram se descortina e como ocorrem as agências. Nesse capítulo apresento o grupo estudado enquanto uma rede que está sempre em movimento, criando, refazendo e desfazendo associações onde o futebol é o que une essas mulheres na prática. Revelo, ainda o ritual envolvido na composição desse grupo que se refaz semanalmente.

No quinto e último capítulo intitulado “*Futebol, Jogo e Aprendizagem*” apresento o futebol como um espaço de aprendizagem na prática inerente de toda prática social a partir das considerações de Jean Lave e Etienne Wenger (1991) e de Tim Ingold (2020) onde a educação se trata de uma prática de atenção, e não de transmissão. Nessa pesquisa, o jogo é considerado um espaço para produção de subjetividades, de relações e sociabilidade feminina. Dessa forma, é na prática que essas mulheres apreendem o futebol e todas as formas de aprendizagem que esse esporte implica.

Em minhas conclusões apresento uma síntese dos principais achados de minha pesquisa reforçando o caráter fluído e não estabilizado dessa rede de sociabilidade.

2 Entrada em campo

2.1. Aspectos metodológicos

Meu esforço nessa tese foi o de buscar compreender o futebol para além do jogo, o jogo como um “fato social” a partir da noção de “fato social total” de Marcel Mauss (2003) onde o foco está nas jogadoras enquanto um espaço de produção de subjetividades, de construção de relações, de aprendizagem e sociabilidade. Segundo o autor:

Nesses fenômenos sociais ‘totais’, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam (Mauss, 2003, p. 187).

Para isso, construí um texto etnográfico, em um diálogo entre Educação e Antropologia, levantando questões sobre gênero, agência e sociabilidade em que busquei sobretudo apreender quem são essas mulheres praticantes de futebol, o que o esporte representa para elas, como elas se organizam e se relacionam entre si.

O objetivo inicial era de que o trabalho de campo se realizasse em uma escola pública do Rio de Janeiro, contudo, devido à pandemia da COVID-19, não foi possível a realização das atividades de campo nas instituições escolares tendo em vista o distanciamento social exigido à época. Então, partimos para a segunda opção que era a realização do trabalho de campo em algum espaço não escolar. Nesse momento de buscas, encontrei um grupo de mulheres que praticam futebol no Aterro do Flamengo².

Meu encontro com as Boleiras do Aterro se deu de forma espontânea em um momento em que eu não estava em atividades acadêmicas, mas sim em um momento de lazer. Tentando fugir um pouco do isolamento social que estávamos vivenciando devido à pandemia, decidi, juntamente com minha companheira, dar

² Que daqui em diante chamarei somente de Aterro.

um passeio no Aterro por ser um espaço amplo e aberto onde teríamos pouco ou nenhum contato com outras pessoas, mantendo o distanciamento e aproveitando um pouco ao ar livre.

Foi nessa caminhada pelo parque que observei um grupo de mulheres jogando futsal³ em uma das quadras e isso me chamou atenção, tanto pela pesquisa quanto pelo fato de que, desde que cheguei no Rio Janeiro⁴, nunca havia visto mulheres jogando futebol assim em locais públicos, mesmo já tendo procurado pela região na qual eu moro, a Zona Norte da cidade.

Voltei para casa com essas mulheres em mente e pensando que poderia desenvolver minha pesquisa com esse grupo, já que nesse momento eu e minha orientadora Mylene Mizrahi já havíamos acordado que seria a melhor opção, dentro do cenário que estávamos, fazer uma pesquisa no espaço não escolar. Mencionei para ela o grupo e busquei saber mais sobre quem eram essas mulheres. Em uma busca rápida nas redes sociais - Facebook e Instagram - encontrei as páginas do grupo, intituladas “Boleiras do Aterro” no Instagram e “Futebol Feminino do Aterro do Flamengo” no Facebook.

Nas respectivas páginas oficiais nas redes sociais, poucas eram as informações sobre o grupo. As postagens se resumiam em fotos dos jogos, das jogadoras, das regras e dos momentos pós-futebol como os churrascos que descreverei mais à frente no texto. Em ambas as redes sociais a descrição do grupo era a seguinte:

Grupo de mulheres que amam jogar futebol. Nos reunimos todos os domingos das 09:00 às 11:00 h na quadra perto do posto 2 - Praia do Flamengo (Aterro). Entre em contato conosco para que seu número seja incluído no nosso grupo de WhatsApp.

Essas postagens foram muito importantes para que eu pudesse ter uma visão maior de quem eram essas Boleiras e conhecer um pouco, mesmo que só virtualmente, o grupo. Seguem alguns exemplos de imagens que eram postadas nas páginas. Quase todas as postagens são feitas de forma igual em ambas as redes (Figuras 1-8).

³ Vale pontuar que em alguns momentos do texto uso Futebol e Futsal como sinônimos. O Futsal é uma adaptação do futebol para prática em uma quadra esportiva, com times de cinco jogadores cada. Anteriormente era chamado também de Futebol de Salão. Maiores informações podem ser encontradas em: <<https://www.cbfs.com.br/futsal-origem>>. Acesso em 20 mar. 2021.

⁴ Importante dizer que mudei de Minas Gerais para o Rio de Janeiro para cursar o doutorado.



Figura 1 - Localização da quadra
Fonte: Página das Boleiras no Facebook⁵.



Figura 2 - Jogadoras em quadra
Fonte: Página das Boleiras no Facebook⁶.

⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100053670114479>>. Acesso em 20 mar. 2021.

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100053670114479>>. Acesso em 20 mar. 2021.



Figura 3 - Bola de Futebol e quadra utilizadas pelas Boleiras
Fonte: Página das Boleiras no Facebook⁷.



Figura 4 - Frase motivacional
Fonte: Página das Boleiras no Facebook⁸.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100053670114479>>. Acesso em 20 mar. 2021.



Figura 5 - Divulgação de dia, horário e local que o grupo se encontra para jogar
Fonte: Página das Boleiras no Facebook⁹.

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100053670114479>>. Acesso em 20 mar. 2021.

⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100053670114479>>. Acesso em 20 mar. 2021.

REGRAS DO GRUPO:

(WHATSAPP E FACEBOOK)

- *Respeitar a todas;*
- *Focar as conversas nas redes sociais do grupo apenas no futebol;*
- *Proibida pornografia;*
- *Evitar tópicos relacionados a política e religião.*

Figura 6 - Regras do Grupo

Fonte: Página das Boleiras no Instagram¹⁰

¹⁰ Disponível em: <<https://www.instagram.com/boleirasdoaterro?igsh=MWdnc2VoOGZxa3E=>>. Acesso em 21 mar. 2021.

OBJETIVOS DO GRUPO:

- *Divulgar a prática da esparte entre mulheres;*
- *Jogar de forma amadora, como atividade física e diversão entre amigas;*
- *Aprender a jogar com integrantes de vários níveis e saber trabalhar em equipe;*
- *Evoluir nas habilidades individuais e como time a cada treino;*
- *Confraternizar e saber conviver com a diversidade de idéias e histórias de vida.*

Figura 7 - Objetivos do grupo

Fonte: Página das Boleiras no Instagram¹¹:

Importante de ressaltar é que além de serem poucas as postagens, as páginas são pouco atualizadas. Por exemplo, a última publicação, em ambas, está datada de 06 de novembro de 2021 e divulgava um torneio organizado por elas. No momento do torneio eu já estava realizando meu trabalho de campo e pude acompanhar um pouco do evento.

¹¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/boleirasdoaterro?igsh=MWdnc2VoOGZxa3E>>. Acesso em 21 mar. 2021.



Figura 8 - Poster de divulgação do torneio
 Fonte: Página das Boleiras no Instagram ¹²

Apesar da pouca movimentação das páginas oriundas das redes sociais, foi por elas, e pelas postagens, que pude conhecer melhor o grupo e saber quando e onde se reuniam e também com qual frequência. Após a análise das páginas compreendi que esse espaço seria muito interessante por suas peculiaridades e resolvemos iniciar a pesquisa nesse ambiente. Apesar da quadra no Aterro não ser dentro da escola, que era o objetivo inicial, esse espaço também pode ser compreendido como um lugar de aprendizagem e sociabilidade, onde, de acordo com Lave (2015), a aprendizagem é situada em complexas comunidades de práticas, ela é parte das práticas sociais em curso.

Agora, a questão de ‘como a aprendizagem acontece’ não é sobre o que acontece em um único contexto educacional – uma loja de alfaiates, uma escola, uma sala de aula –, mas sobre como o aprender-na-prática seja constituído por participantes em

¹² Disponível em: <<https://www.instagram.com/boleirasdoaterro?igsh=MWdnc2VoOGZxa3E>>. Acesso em 21 mar. 2021.

movimento através e lidando com, e por entre os contextos dos quais eles participam, contextos que funcionam para influenciar, cindir e conectar, ou ao contrário para moldar, na sua vida cotidiana (Lave, 2015, p. 42).

Em relação aos contextos de aprendizagens com o futebol, há uma pesquisa que me ajuda teoricamente com o tema. Em sua tese de doutorado, sobre a aprendizagem do futebol por meninos, Faria (2008) apresenta como no futebol o modo de aprender hegemônico é realizado também nas relações com seus pares na prática, ou seja, uma aprendizagem situada. Ao praticar futebol, os participantes aprendem esse esporte, constituem suas identidades, seus tipos corporais, suas formas de atenção, conhecimento e emoções. O jogo é composto de relações sociais complexas em que sua apropriação não acontece de forma passiva, mas sim através de uma relação tensa e sutil onde “a cultura futebolística marca o corpo dos praticantes ao mesmo tempo em que é marcada por ele” (Faria, 2008, p. 6).

Voltando para o espaço em que a minha pesquisa aconteceu, o lugar em que as mulheres jogam fica localizado em uma parte bem movimentada do Aterro, bem próximo à praia do Flamengo. Há sempre muitas pessoas praticando esportes nas quadras e campos, ou assistindo, correndo, caminhando, passeando com animais, na praia, fazendo festas ou churrasco, e outro indivíduos somente sentados sob as sombras das árvores. Aos domingos, a prefeitura fecha algumas vias do Aterro para que a população possa usufruir de momentos de lazer naquele espaço sem se preocupar com o fluxo dos carros que se movimentam entre a Zona Sul e o Centro da cidade.

O grupo das BOLEIRAS DO ATERRO é um grupo grande e bem heterogêneo, considerando o perfil de suas participantes, e possui organizações e regras próprias, além de acontecer em um espaço público. Esses fatores fazem com que esse grupo tenha sua própria individualidade e importância social. As jogadoras possuem idades bem diferenciadas, durante a minha observação em campo, que se deu entre 2021 e 2023, identifiquei meninas de 16 anos, assim como mulheres de 63. Elas são oriundas de diversos bairros do Rio de Janeiro e não somente dos arredores do Aterro. É um grupo que se reúne desde 2016 e tem uma rotatividade muito grande de participantes.

Aos domingos, no futebol das Boleiras, é comum sempre encontrar pessoas novas em quadra, assim como alguém que desaparece por um tempo e depois

retorna ao grupo. Às vezes passam-se alguns domingos sem que o grupo se reúna, devido à fatores diversos com chuvas, falta de jogadoras, feriados e outros, depois, os encontros voltam a acontecer normalmente. Elas possuem uma relação de parceria na quadra, mas a interação entre os membros do grupo fica, muitas vezes, restrita somente àquele espaço.

A ida ao campo, e a observação participante, apontou para caminhos que inicialmente não tinham sido pensados por mim. A discussão sobre a sociabilidade foi revelada pelo trabalho de campo e se mostrou um dos pontos centrais da pesquisa. Apesar de muitas pesquisas sobre a prática do futebol por mulheres apontarem somente para a discriminação sofrida por elas nesse esporte, encontrei na Antropologia o aporte teórico que me permitiu ir além dessa visão reducionista do que é o futebol feminino, especialmente o amador, no Brasil.

Um estudo¹³ realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em parceria com o Ministério do Esporte, intitulado “Práticas de Esporte e Atividade Física, da Pnad 2015”, apontou que o futebol é a modalidade esportiva mais praticada no Brasil com 15,3 milhões de pessoas ou 39,3% dos 38,8 milhões de praticantes de esportes. Isso nos rendeu o título de país do futebol. Seja no campo, na quadra, na areia, na rua, no campinho de terra, nos quintais, em praticamente qualquer lugar é possível jogar futebol. De chuteira ou descalço, com uma bola oficial ou não, o futebol acontece. Nos condomínios de luxo ou nas favelas, ele sempre está presente. Esse é seu encanto.

Jorge Knijnik & Esdras Vasconcelos (2003, p. 4) trazem sua perspectiva sobre o futebol no Brasil:

O futebol também está classificado entre os ícones da cultura brasileira. Identificado como parte integrante do ‘ser nacional’, eterno mobilizador de paixões, a qualificação do Brasil como ‘país do futebol’ não deixa sombra de dúvidas. O futebol é nosso, é coisa nostra! A modalidade acabou sendo inclusive aclamada e proclamada por sociólogos, historiadores e antropólogos como um fator que ajudou a população brasileira a praticar e compreender a democracia.

Da Matta (1994) afirma que no Brasil só três coisas são levadas a sério: o futebol, a cachaça e o jogo do bicho. O autor alega que no Brasil o futebol foi o primeiro professor de democracia e igualdade, pois foi através dos jogos que o

¹³ Disponível em: <<http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/57492-pesquisa-indica-alto-grau-de-sedentarismo-e-reforca-que-investimento-publico-em-esporte-e-essencial>>. Acesso em 21 mar. 2021.

povo aprendeu a obedecer às regras e esse esporte se tornou “uma paixão das massas e um acontecimento festejado e amado pelo povo” (Da Matta, 1994, p. 12). Da Matta argumenta, ainda, que essa paixão pode ser resultante do fato de o futebol promover “sentimentos básicos de identidade individual e coletiva entre nós” (Da Matta, 1994, p. 12).

Mas, nesse espetáculo democrático, não são todos que participavam. As mulheres não faziam parte desta democracia e encontravam dificuldades até para assistir essa modalidade (Knijnik; Vasconcellos, 2003). O futebol se consolidou como uma prática esportiva genderizada, o que dificultou a inserção das mulheres nesse espaço. A prática feminina desse esporte aconteceu somente por volta dos anos 80, muito tempo depois de sua chegada oficial ao Brasil, ainda em 1894¹⁴, quando ela passou a ser permitida e difundida, apesar de ainda existirem várias imposições sobre o corpo e aparência das mulheres praticantes, como a necessidade de se manterem femininas, com cabelos longos por exemplo, segundo Esperança Sardinha (2017). Sendo assim, as mulheres praticantes sempre foram alvo de discriminações e preconceitos no mundo futebolístico.

Apesar de sofrerem discriminações, as mulheres se mantêm nesse espaço. Atualmente, tanto no Brasil quanto no mundo, existem grandes times de futebol feminino que promovem diversos campeonatos, torneios, ligas, copa do mundo e Olimpíadas. Além do nível profissional, as meninas e mulheres também praticam o esporte nas escolas, praças, clubes, praia, e na rua. Isso mostra a importância e valor desse esporte para elas, e, que apesar do preconceito sofrido, existe algo a mais que estimula suas permanências no esporte. E é isso que inicialmente me impulsiona nessa pesquisa.

Busquei demonstrar, com a pesquisa, a forma que enxergo o futebol enquanto praticante dessa modalidade e professora de educação física: um espaço de relacionamentos e de aprendizagem. Por ser um esporte coletivo, ele favorece a criação de laços e relações e por consequência aprendizados com seus pares, mesmo quando jogado de forma livre, sem ensinamento tradicional, como ocorre em escolas de futebol e aulas de educação física. Como apontado por Ana Maria

¹⁴ Segundo José Witter (1990, p. 1663) “a história do futebol brasileiro começa no século XIX, oficialmente com a chegada das primeiras bolas e uniformes para sua prática, trazidos por Charles Miller, no ano de 1894”.

Gomes e Eliene Faria (2005), o futebol é tão presente e tão difundido no Brasil que seu aprendizado acontece independentemente do seu ensinamento.

Dessa forma, antes de adentrar no texto e nos achados etnográficos, acredito ser necessário sinalizar de onde estou falando, fazendo um resgate de minha trajetória até aqui. Sou uma mulher, lésbica, jogadora de futebol e professora de educação física. As questões sobre gênero no esporte perpassaram toda minha vida e a minha trajetória escolar.

Esse esporte entrou na minha vida ainda na infância de uma forma bem espontânea. Cresci juntamente ao meu irmão Glender que é apenas um ano mais velho que eu e a pouca diferença de idade entre nós contribuiu para que crescêssemos juntos e compartilhássemos gostos, brincadeiras, comidas, esportes, músicas e filmes. Sempre fomos muito unidos e amigos. Foi com ele, no quintal de casa, que me recordo de jogar futebol pelas primeiras vezes. Usávamos o portão grande da garagem como gol e passávamos horas brincando “de bola” no quintal de chão de cimento sem revestimento. Brincávamos descalços e frequentemente machucávamos os pés no cimento grosso.

Os jogos com meu irmão em casa, e na rua com os amigos, são as primeiras lembranças que tenho de prática nesse esporte, ainda muito nova, por volta dos 7 ou 8 anos. Na mim infância em Diamantina-MG era comum as crianças brincarem na rua de casa durante o dia, e até de noite sem supervisão. Acredito que o fato de ser uma cidade pequena, do interior e com baixo nível de violência contribuiu bastante para essa minha experiência. Meninas e meninos brincavam juntos e compartilhavam vicências em que a diferença de gênero, pelo menos na infância, não se mostravam fatores importantes. Brincávamos de tudo, inclusive futebol, todos juntos, todos os dias. Assim foi minha infância.

Por volta dos meus 10 anos, o futebol passou a ocupar maior parte do meu tempo de brincadeiras. O campinho íngreme e de terra perto da minha casa foi palco da descoberta da minha paixão pelo futebol e da minha habilidade com esse jogo. Mesmo nunca tendo participado de nenhuma aula de futebol, eu dominava o jogo. Jogávamos todos juntos, meninos e meninas - em menor quantidade - de idades diversas, por horas, quase todos os dias. Eu era conhecida na minha rua pela minha habilidade, que se destacava em relação ao meu irmão que nunca foi “bom de bola”. Em alguns dias específicos, íamos até uma instituição de ensino que acolhia meninos em vulnerabilidade social, e que era próxima a nossa rua,

para usar a quadra esportiva do local a fim de jogar futsal. Muitas vezes, especialmente nos fins de semana, passávamos horas naquele espaço somente jogando. Essa é uma das melhores lembranças que tenho da infância.

Entretanto, ao entrar na adolescência, comecei a identificar as primeiras dificuldades de ser uma menina em um espaço socialmente masculino. Muitas de minhas amigas que antes jogavam comigo, agora “mocinhas” não queriam mais jogar bola na terra com os meninos. Os interesses da maioria começaram a mudar, mas eu seguia querendo jogar futebol, mesmo que só com os meninos. Eu ia crescendo e seguindo dessa forma, frequentemente os meninos da rua iam até minha casa para me chamar para jogar. Em determinado momento, eu era a única menina que ainda jogava na rua com os meninos. Foi então que passei a presenciar as discriminações por ser a única mulher num espaço considerado masculino.

Em casa, na rua, na escola, sempre ouvia comentários de que aquilo não era para mulher, ou que eu estava ficando “mocinha” e não podia ficar assim no meio dos meninos. O bullying por ser menina em meio a tantos meninos era constante, piadas machistas e homofóbicas, assim como a desconfiança e certa insatisfação dos meus pais.

Apesar de não gostar dessa situação, e muitas vezes entrar em embates verbais e até físicos para impor minha vontade de jogar, nada disso era suficiente para me afastar do campo e da bola. Ao iniciar as séries finais do Ensino Fundamental, passei a estudar em Colégio Militar que possuía uma educação rígida e muito militarizada. Apesar desse formato de educação, foi nessa escola que me recordo de ter participado da primeira aula de futebol. Nas aulas de educação física as turmas eram separadas entre meninos e meninas, onde as meninas faziam aula com uma professora e os meninos com um professor. Esse formato, penso eu, teria tudo para dificultar a prática do futebol na escola, contudo, a professora em questão promoveu as aulas de futebol/futsal para as meninas. Assim, foi nessa referida escola militarizada que passei a jogar futebol somente com meninas, e, logo no primeiro ano, passei também a disputar campeonatos escolares que me deram visibilidade na cidade, até o ponto de ser convidada para uma escola de futsal.

Toda minha infância e adolescência foram marcadas pelo esporte com treinos, viagens, torneios, campeonatos. O futebol, que eu já sabia jogar e tinha

aprendido no campinho de terra perto de casa, foi aprimorado, com treinos de técnica, tática e força. Aos 15 anos passei a fazer parte da seleção de futsal feminino da cidade - esse era o sonho de toda menina que jogava futebol -, e passei a participar de competições a nível regional, estadual e nacional.

Os treinos de futsal passaram a ocupar um grande espaço na minha vida e na minha rotina. Passei a jogar cada vez mais e conviver mais com minhas companheiras de time que logo se tornaram minhas melhores amigas. Além do contato nos treinos, estávamos sempre juntas em outros espaços, frequentávamos as casas uma das outras, saíamos junto para nos divertir, compartilhávamos o mesmo gosto musical, estético e até alimentício..., era um espaço em que eu me sentia confortável, incluída e compreendida, e, como costumávamos dizer, uma segunda família. Foi também nesse espaço que me entendi enquanto uma mulher lésbica e ele foi primordial para eu me tornar quem sou. Não é possível falar sobre mim sem falar da minha trajetória nesse esporte.

A minha experiência se difere do grupo das Boleiras do Aterro onde, em sua maioria, as jogadoras não mantêm laços de amizade, como um grupo, fora daquele espaço. Suas interações se restringem, salvo algumas exceções, aos encontros de domingo. Discutirei mais a frente sobre essa particularidade.

Ainda sobre minha ligação com o futebol, o preconceito que vivenciei me incomodava, machucava, mas nunca fez com que eu pensasse em desistir da prática, assim como muitas das minhas amigas Boleiras. Ao adentrar na universidade, minha escolha de curso a Graduação em Educação Física se deu graças a essa minha experiência com o esporte. Eu ainda fazia parte da equipe de futebol e desejava me formar para trabalhar com o esporte. Ainda na faculdade tive diversas outras experiências em áreas diferentes e que me trouxeram muito interesse, mas o futebol sempre esteve presente como entusiasmo maior. Além de jogar na seleção de futsal da cidade, ao ingressar na graduação, passei a jogar na equipe do curso e com outras colegas como forma de lazer. Participei de jogos universitários e ainda criamos um grupo que se reunia toda semana para jogar.

Com meu tempo cada vez mais dedicado à faculdade, em meados do curso parei de jogar pela seleção da cidade e passei a praticar somente como lazer na faculdade e com as amigas, mas nunca parei. A minha vivência com o futebol é algo que faz parte de quem eu sou, me completa e me realiza, é um dos lugares que me sinto mais confortável. Depois da minha mudança para o Rio Janeiro a

fim de cursar o doutorado e devido à pandemia, pela primeira vez na minha vida fiquei sem jogar futebol, fato esse que foi alterado graças à essa pesquisa.

Minha vivência no esporte, juntamente com a faculdade de Licenciatura em Educação Física, me fizera refletir e criar inquietações sobre as relações de gênero no esporte. Durante a minha formação acadêmica, o interesse pelas relações de gênero sempre foi evidente e passou a ser meu foco de pesquisa. O meu interesse pelo futebol feminino vem desde a graduação, porém, por dificuldades de encontrar orientação, nunca consegui desenvolver uma pesquisa sobre esse tema no esporte. Em outra pesquisa realizada ainda na graduação, tratei das questões de gênero e a formações de professores de Educação Física. Durante essa investigação, percebi o quanto a escola perpetuava as desigualdades de gênero e quanto os cursos de formação de professores não preparavam seus futuros docentes para lidar com essa realidade.

Após a graduação, iniciei o mestrado em Educação e defendi a minha dissertação de mestrado sobre a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica em escolas da comunidade de Quartel do Indaiá, localizada na minha cidade natal, Diamantina-MG, onde realizei uma pesquisa no âmbito documental e empírico a partir da análise de documentos oficiais escolares e de entrevistas com os sujeitos institucionais, nesse caso, docentes, diretores, supervisores e inspetores escolares. Contudo, essa pesquisa, assim como a da graduação, não contemplou os alunos, e isso era uma grande lacuna para mim. Em conversas com alunos e pelos corredores das escolas e assistindo aulas, as questões de gênero, incluindo as discriminações, estavam sempre presentes.

A partir desse momento comecei a estudar mais sobre gênero com o objetivo de ingresso no doutorado, que aconteceu em 2020, quando fui aprovada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e contemplada com uma Bolsa de Doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)/ Programa de Excelência Acadêmica (Proex) e posteriormente contemplada com a Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), por excelência acadêmica, que permitiu com que eu me mudasse para o Rio de Janeiro e abandonasse minha profissão de professora na minha cidade natal.

Ingressei no Programa com objetivo de realizar uma etnografia, para escrever meu texto em diálogo com as jogadoras de futebol, escutando-as e acompanhando-as. Sendo assim, a minha pesquisa é centrada em uma abordagem antropológica que culmina na produção desse texto etnográfico a partir do meu trabalho de campo com jogadoras de futsal.

Dessa forma, utilizei da observação participante para obter os dados para realização dessa pesquisa. A Antropologia deve ser considerada como uma prática de educação e realizar a observação participante é também ser educado (Ingold, 2016), e, “a escrita etnográfica se faz em relação estreita com a teoria antropológica e é simultânea e definitivamente marcada pelo trabalho de campo [...] Se colocarmos nossas hipóteses ao campo, ele nos devolverá novas perguntas” (Mizrahi, 2019, p. 165).

Para realização da pesquisa existiram algumas condições fundamentais, que foram: primeiramente o estabelecimento de uma relação com as jogadoras; segundo, a aceitação e contribuição, por parte delas, com a pesquisa; pois, assim como Da Matta (1978) afirma, na Antropologia tudo é fundado na alteridade, só pode existir um antropólogo quando existe um nativo para ser informante e assim produzir dados; terceiro, a construção do diário de campo para registro; e por fim, o diálogo com a teoria antropológica e a construção do texto etnográfico.

A Antropologia é uma busca pela educação, mas não uma educação que se baseia na instituição escolar e que acabou por adquirir um sentido de inculcar conhecimento na mente dos alunos, mas sim na educação em seu sentido original, que consiste em levar os alunos para fora do mundo e provocar o deslocamento de pontos de vista. E a observação participante consiste nisto (Ingold, 2017).

Ao diferenciar a Antropologia da etnografia, Ingold (2015a, p. 1) sinaliza que o objetivo da antropologia é de “buscar um entendimento generoso, comparativo, não obstante crítico, do ser humano e do conhecimento em um mesmo mundo no qual todos nós habitamos”.

Assim, o que Antropologia propõe, e o que busquei com essa pesquisa, é um estudo com as pessoas ao invés de um estudo de pessoas. É uma atividade conjunta em que a Antropologia não fornece conhecimentos sobre as pessoas ou sobre o mundo “ela educa a nossa percepção do mundo, e abre nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser” (Ingold, 2015a, p.15).

O processo da observação participante envolve muita espera e se trata de uma prática de correspondência, onde é necessário viver atencionalmente com os outros. Dessa forma, “praticar a observação participante é, portanto, juntar-se em correspondência àqueles com quem se aprendeu ou entre os quais se estudou, num movimento que, ao invés de voltar no tempo, segue em frente” (Ingold, 2016, p.409). Os passos da observação participante são como a vida, eles dependem das circunstâncias e não caminham em direção a um fim preestabelecido:

Envolvem modos de levar a vida e de ser por ela levado, de viver uma vida junto com outros – humanos e não humanos – que reconhecem o passado, atentam para as condições do presente e se abrem especulativamente a possibilidades futuras (Ingold, 2016, p.409).

A observação participante é perceber o que as pessoas dizem e fazem, é escutar, olhar e responder de acordo com sua prática, trata-se de uma forma de participar atentamente, e, sendo assim, é uma forma de aprendizado. E é isso que eu fiz na minha pesquisa, assim como os antropólogos o fazem (Ingold, 2017).

O antropólogo escreve - bem como de fato ele pensa e fala – *para* ele mesmo, para os outros e para o mundo. Esta correspondência verbal encontra-se no coração do diálogo antropológico. Ele pode ocorrer em qualquer lugar, independentemente de quanto nós possamos pensar nós mesmos ‘em campo’ ou fora dele. Antropólogos, tal como eu tenho insistido, pensam, falam e escrevem no e com o mundo. Para fazer antropologia, não há que imaginar o mundo como um campo. (Ingold, 2015a, p. 20, grifos do autor)

Os praticantes da Antropologia fazem etnografia. Somente compreendendo do que se trata a etnografia e sua prática é que se torna possível compreender o que a análise antropológica representa enquanto forma de conhecimento. Mas essa não se trata de uma questão de método, mas sim sobre estabelecer relações, eleger informantes, transcrever textos, mapear campos, construir um diário, entre outros. Trata-se de um esforço intelectual para a produção de uma descrição densa, como colocar Clifford Geertz (1991).

A etnografia se trata de “de descrever as vidas das pessoas que não nós mesmos, com uma precisão e uma afiada sensibilidade através da observação detalhada e da experiência de primeira mão” (Ingold, 2015, p.1). Os objetivos descritivos e documentais da etnografia transformam as trajetórias de aprendizado em maneiras de coletar dados, com objetivo de produzir resultados que

usualmente são a construção de artigos e monografias, como no nosso caso específico, a produção da tese de doutoramento (Ingold, 2016).

Sobre a escrita etnográfica, Mizrahi (2019) citando Michael Taussig (1993) afirma que se trata de um processo criativo, surpreendente, e que ao fazê-lo podemos ver coisas que não enxergamos durante o trabalho de campo, pois apesar de o conhecimento estar ali, uma grande parte só se torna visível ao escrever. Ao abrir o caderno de campo, ela conseguiu perceber que suas constatações, feitas no campo, “encontravam eco nas falas de todos os informantes” (Mizrahi, 2019, p. 165). Os dados recolhidos em sua pesquisa de campo dialogam com os autores escolhidos para sua abordagem teórica, “para a análise do material recolhido no contexto etnográfico estudado, é necessário antes um diálogo entre as referidas correntes teóricas ao invés de uma abordagem que as tome em moldes exclusivistas” (Mizrahi, 2019, p. 20).

Sobre o diálogo com a teoria, “em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo — isto é, sobre o papel da cultura na vida humana” (Geertz, 1991, p. 19). Os conceitos mais gerais, criados pela academia, se entrelaçam no texto etnográfico com intuito de tornar cientificamente eloquentes os acontecimentos simples de campo. Para assim

Tirar grandes conclusões a partir de fatos pequenos, mas densamente entrelaçados; apoiar amplas afirmativas sobre o papel da cultura na construção da vida coletiva empenhando-as exatamente em especificações complexas (GEERTZ, 1991, p. 19-20).

Sobre a minha pesquisa, importante também delimitar que se trata de uma etnografia realizada em contexto urbano. A maior parte dos estudos sobre a cidade e o contexto urbano desconsideram os seus moradores e tomam a cidade como uma entidade à parte. José Magnani (2002, p. 14-15) coloca que “em algumas análises, a dinâmica da cidade é creditada de forma direta e imediata ao sistema capitalista [...] quando aparecem atores sociais, são os representantes do capital e das forças do mercado”.

Já os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na

qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) de todo o intrincado processo urbano (Magnani, 2002, p. 15)

Pensando assim, o autor propõe uma abordagem antropológica por meio do método etnográfico que ele denomina “de perto e de dentro”, que se trata de uma proposta para “resgatar um olhar de perto e dentro capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos” (Magnani, 2002, p.17). Em uma perspectiva de perto e de dentro é possível apreender padrões de comportamentos dos atores sociais, múltiplos e heterogêneos, que vivem sua vida na cidade e dependem dela e seus equipamentos. O que se propõe, então, é um olhar a partir dos próprios atores sociais, de como eles se deslocam pela cidade, desfrutam dos serviços, utilizam os equipamentos, estabelecem encontros e trocas em esferas diversas de sua vida como “religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc.” (Magnani, 2002, p. 18)

Entretanto, contrariamente às visões que privilegiam, na análise da cidade, as forças econômicas, a lógica do mercado, as decisões dos investidores e planejadores, proponho partir daqueles atores sociais não como elementos isolados, dispersos e submetidos a uma inevitável massificação, mas que, por meio do uso vernacular da cidade (do espaço, dos equipamentos, das instituições) em esferas do trabalho, religiosidade, lazer, cultura, estratégias de sobrevivência, são os responsáveis por sua dinâmica cotidiana. Postulo partir dos atores sociais em seus múltiplos, diferentes e criativos arranjos coletivos: seu comportamento, na paisagem da cidade, não é errático mas apresenta padrões (Magnani, 2002, p. 18).

Dessa forma, o trabalho etnográfico realizado com as Boleiras utiliza-se de uma abordagem de perto e de dentro, onde os atores sociais e sua interação com o espaço é ponto fundamental. Faço uso da definição de Ingold (2017, p. 223-224) para demarcar o que busquei construir com essa pesquisa, que é “a realização de uma investigação generosa, aberta, comparativa e crítica das condições e possibilidades da vida das mulheres jogadoras de futebol”. Estive sempre atenta ao que elas diziam e faziam, recebendo com bom grado o que me foi dado, ao invés de procurar meios de, por subterfúgios, extrair o que não me foi dado.

Importa salientar que em nenhum momento da pesquisa busquei soluções finais, mas sim caminhos pelos quais a vida se faz, sem a exclusão de outros, tendo lugar para todas as pessoas e coisas. Utilizei de uma Antropologia comparativa e crítica, pois não existe um único caminho e não podemos estar satisfeitos com as coisas tal como estão. Ao construir meu texto etnográfico,

busquei realizar uma descrição de como a prática do futebol pelas mulheres é de fato vivida e experienciada, de forma detalhada e fiel.

2.2.

O Aterro do Flamengo: espaço público, lazer e gênero

Para uma etnografia de espaços urbanos, como nessa pesquisa, não basta apenas investir a atenção “aos atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados” (Magnani, 2002, p. 18), fazem-se necessário também considerar “a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise” (Magnani, 2002, p. 18). Assim, nessa pesquisa, compreender Aterro do Flamengo é parte fundamental.

Utilizaremos ainda a categoria “pedaço” cunhada por Magnani (2005, 2002), que define quando um espaço, ou parte dele, se torna um ponto de referência para distinguir um grupo de frequentadores como pertencentes a uma determinada rede de relações.

Assim, *pedaço* designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável do que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2005, p. 178, grifos do autor)

A noção de “pedaço” é formada por um elemento de ordem espacial/física, ou seja, um espaço delimitado ou constituído por determinados equipamentos e um elemento de ordem social demarcado por uma rede de relações que acontece nesse espaço. Esses equipamentos podem ser bares, lanchonetes, salões, campos de futebol etc., e constituem esse território como lugar de passagem e encontro. Em locais mais centrais, como o Aterro que recebe pessoas que não necessariamente moram em seus arredores e são vizinhos, permanece o que Magnani denomina como “efeito pedaço”, “venham de onde vierem, o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços” (Magnani, 2002, p. 22).

Mas esse conceito de “pedaço” não consegue abarcar completamente quando o lugar funciona como ponto de referência para um número mais

diversificado de frequentadores. Quando existe uma base física que permite a circulação de pessoas oriundas de lugares distintos e que não estabelecem laços mais estreitos entre elas, Magnani (2002, p. 22, grifos do autor) sugere o uso da categoria “manchas” que são:

Áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Numa *mancha* de lazer, os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição seja por complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituir pontos de referência para a prática de determinadas atividades.

Apesar de “pedaço” e “mancha” terem em comum a delimitação espacial, o que os diferencia é que no “pedaço” a relação com o espaço pode ser transitória, podendo mudar de lugar sem o grupo se dissolver, pois existe um código comum, já na “mancha” o que a caracteriza são os equipamentos que fornecem algum bem ou serviço, havendo uma relação mais estável com o espaço, é visível na paisagem, reconhecida e frequentada por um maior número de pessoas (Magnani, 2002).

O Parque do Flamengo, oficialmente nomeado Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, mas conhecido popularmente como Aterro do Flamengo é um parque urbano a beira mar com 1.251.244, 20 m² de área verde, localizado no Bairro do Flamengo, junto à orla da Baía de Guanabara. Ele se estende do Aeroporto Santos Dumont até o início da Praia de Botafogo. Foi inaugurado em 12 de outubro de 1965, mesmo ano de seu tombamento realizado pela Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) o atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) – com base em Ana Almeida (2012); Márcia Chuva, (2017); Maria Lucia Menezes (2017); Ana Rosa Oliveira (2006); Haruyoshi Ono (2002); Portal Multirio [s.d]; e Portal Rio Prefeitura [s.d].

O Aterro, como costuma ser chamado por seus frequentadores, “é considerado o maior parque urbano do mundo e a maior área de lazer ao ar livre da cidade” (Chuva, 2017, p.140). O aterramento do parque foi realizado com materiais provindos do desmonte do Morro de Santo Antônio, de onde foram utilizados cerca de 8 milhões de m² de terra para realização da obra, que

inicialmente tinha como objetivo a construção de quatro vias expressas realizando uma ligação viária entre a zona sul e o centro (Ono, 2002).

Abaixo segue a Figura 9 com o perímetro do Aterro.

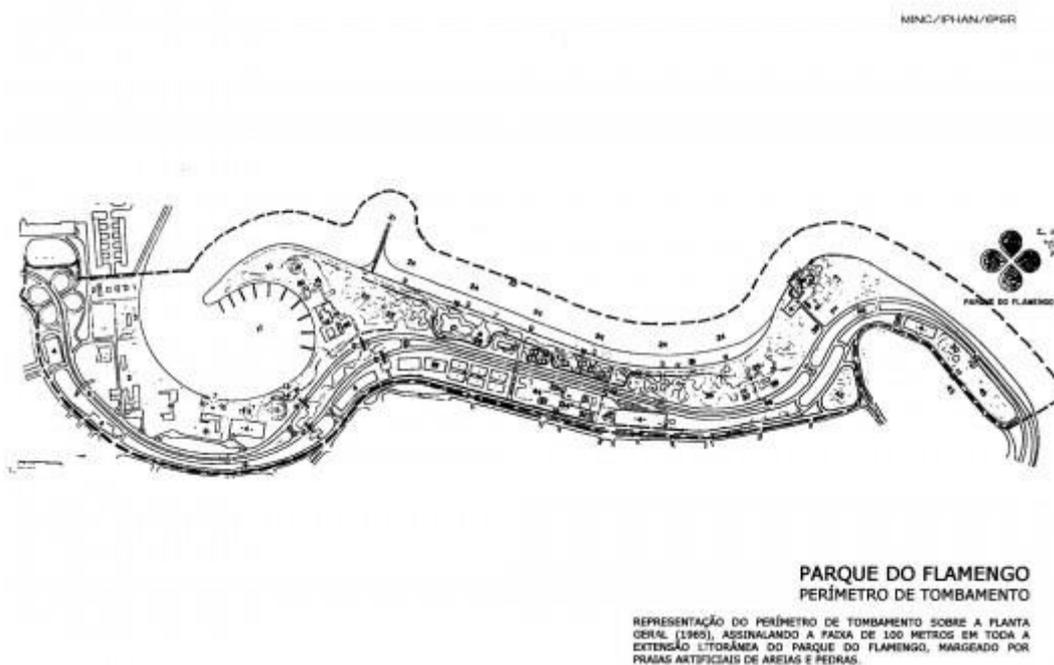


Figura 9 - Parque do Flamengo - Perímetro do tombamento
Fonte: Oliveira (2006)

Representação do perímetro de tombamento sobre a planta geral (1965), assinalando a faixa de 100 metros em toda a extensão litorânea do Parque do Flamengo, margeado por praias artificiais e pedras [MINC/IPHAN/6ªSR].

Em sua dissertação de mestrado sobre as peladas no Aterro, Almeida A (2012, p. 22) assinala que “o desmonte do morro, o aterro que acompanha o traçado da antiga Avenida Beira-Mar e a construção do Parque foram concebidos de modo integrado”.

O objetivo das três iniciativas era permitir a criação de terrenos valorizados na área central da cidade e, sobretudo, a construção de vias expressas ligando o Centro a Copacabana. A idéia de ganhar áreas de mar por meio de aterros era uma tentativa da administração municipal de evitar os altos custos das desapropriações necessárias ao alargamento das principais vias do Flamengo, Catete, Glória e Botafogo. As obras de construção do Parque começaram a ser feitas em 1960. Pode-se dizer que o Aterro do Flamengo foi concebido dentro de uma série de iniciativas que visavam resolver o problema viário no Rio de Janeiro. Entre 1950 e 1960 a cidade conheceu uma explosão metropolitana significativa, alimentada por

intensos fluxos migratórios. A expansão física da malha urbana se acelerou e com ela aumentaram as distâncias entre o centro e as áreas suburbanas. O crescimento das favelas e o processo acelerado de verticalização da Zona Sul, com consequente adensamento populacional, são do mesmo período (Almeida A, 2012, p .22-23).

Dentre os diversos autores já citados acima, assim como os sítios eletrônicos oficiais da cidade do Rio de Janeiro, é possível encontrar uma informação consensual sobre a criação dos espaços de lazer do referido parque. A iniciativa foi de Carlota Macedo Soares, conhecida como Lota Soares, paisagista e urbanista autodidata com apoio do então governador Carlos Lacerda (1960-1965), que conseguiu transformar o Aterro em um grande complexo de lazer, indo além de solucionar os problemas de trânsito. De acordo com a própria Lota, em uma carta enviada à Rachel de Queiroz em 1965, o objetivo era:

Proteger a paisagem, e dar ao povo um dos mais importantes elementos, até hoje completamente ignorados pelas administrações, de uma grande praça na qual ele pudesse descansar, se divertir, e fazer esporte da maneira mais barata possível. O tremendo sucesso do empreendimento prova a necessidade que havia de um centro desta natureza, na qual a família carioca de poucos recursos pudesse passar o domingo, os dias feriados ou de folga. Fez-se o mínimo de arquitetura para não empanar a vista, fez-se o máximo de divertimentos mas que ao mesmo tempo conservasse a beleza e o caráter do jardim (Lota Soares, 1965, n.p)

Na carta, ela ainda afirma que o parque é a primeira coisa dada de graça à população carioca e defende ser a hora de pensar nas pessoas pobres e dar a estes um local ou o que fazer em seus poucos momentos de descanso. Lota Soares se mostrava aflita com a situação do trabalhador não possuir um local para ter aonde ir e se refazer da semana de trabalho, praticar um esporte, uma atividade coletiva, ou somente descansar ao ar livre. Suas ideias foram inspiradas no Central Park, nos Estados Unidos.

Um mês após sua nomeação, Lota comunicaria ao governador que o Aterro do Flamengo era ‘a última grande área no centro da cidade que possibilitava ao seu governo realizar uma obra que reunisse grande utilidade pública e beleza’. Além disso, segundo ela, ‘a área do aterro, [pedia] um cuidado especial no sentido de preservar sua paisagem privilegiada e a brisa marítima’. E, visionariamente, previa: ‘Um simples corredor para carros poderá se transformar numa imensa área arborizada e acabará se convertendo num símbolo para a cidade’.

Para Lota não se tratava de criar um parque convencional, com fontes, bancos, bustos de celebridades e playgrounds. Em sua ideia de Parque estava implícita a tarefa de contribuir para melhoria da qualidade de vida, conter a ofensiva da

especulação imobiliária e possibilitar a reconciliação dos cidadãos com sua cidade (Oliveira apud Oliveira, 2006, n.p).

Sendo assim, foi criada um grupo de trabalho com objetivo de desenvolver o projeto idealizado por Lota Soares, que foi composto por arquitetos, urbanistas, botânicos e engenheiros. O projeto arquitetônico foi elaborado por Affonso Eduardo Reidy e o desenho paisagístico por Burle Marx (Almeida A, 2012; Chuva, 2017; Menezes, 2017; Oliveira, 2006; Ono, 2002; Portal Multirio [s.d]; Portal Rio Prefeitura [s.d]).

Como resultado, além das pistas para regulamento do tráfego automotivo, o grupo de trabalho foi responsável pela criação do Parque que foi inaugurado com uma estrutura que contava com inúmeras áreas de lazer ao ar livre, incluindo três passagens subterrâneas e cinco passarelas de acesso à praia e parques. Foram construídas ainda “duas pistas de aerodelismo, oito campos de futebol, oito quadras de vôlei, futebol de salão e basquete” (Almeida A, 2012, p. 25). O local ainda conta com um coreto, um anfiteatro, dois parques de recreação e o Museu da Carmem Miranda.

Existem ainda espaços para “piquenique, áreas de estar com mesas e bancos; campos esportivos para futebol, tênis, basquete e vôlei”, “um tanque para modelismo naval, além de algumas pequenas construções como um teatro de arena, um teatrinho para fantoches e marionetes” (Ono, 2002, p. 132). No decorrer do tempo foram acrescentadas algumas construções como o Monumento a Estácio de Sá, o restaurante Rio’s, e a Marina (Ono, 2002).

O Aterro é conhecido, por seus frequentadores e moradores do Rio de Janeiro, como um lugar privilegiado para a prática de atividades físicas, esportes e lazer desde sua inauguração. O tombamento foi importante para garantir que não houvesse outras implicações e usos diferentes das suas finalidades iniciais. Apesar da disputa constante e das inseguranças sobre os usos do espaço, o parque se tornou uma grande área de lazer e práticas esportivas na cidade do Rio de Janeiro e é frequentado por moradores de todos os bairros e não somente por aqueles que residem no entorno e, mesmo localizado na Zona Sul, não se elitizou, tornando-se uma área de convívio e diversão popular (Almeida A, 2012).

De acordo com Almeida A (2012) as peladas acontecem nas quadras de futebol do Aterro desde sua inauguração, e estas são provavelmente o “pedaço”

mais ocupado e disputado do parque. Ela mostra, a partir de sua pesquisa em jornais, como o Aterro do Flamengo passou a ser considerado o lugar das peladas e “templo sagrado” dos peladeiros na cidade do Rio de Janeiro. Sobre os peladeiros, ela afirma que:

Eles compartilham códigos comuns e fazem daquelas quadras uma área de sociabilidade que, em determinadas circunstâncias, vai além do esporte. Aquelas quadras de futebol são o ‘pedaço’ dos peladeiros no Aterro do Flamengo e na cidade do Rio de Janeiro e lá eles se identificam enquanto tal (Almeida A, 2012, p. 29).

Em uma reportagem da revista Placar em 1971 sobre o Campeonato Carioca de pelada, o Aterro já era conhecido como palco das peladas na cidade. Segundo a revista, este foi o maior torneio de futebol do mundo, com 30 mil participantes. Na reportagem, um dos aspectos de maior importância era a diversidade dos jogadores que frequentam aquele lugar.

Gente de todo tipo, de todas as atividades, condições sociais, condições técnicas, econômicas, se inscreveu.”, entre eles homens públicos, homens de negócio, craques do passado, jovens, funcionários e operários. “No Aterro, uma vez por ano, eles são todos iguais oitenta e oito de cada lado, na terra batida, entregues à paixão da pelada (Revista Placar *apud* Almeida A, 2012, p. 30).

Um evento importante para a identificação do Aterro do Flamengo como o lugar das peladas jogadas na cidade do Rio de Janeiro, bastante destacado pela imprensa na época, foi o I Torneio de Peladas, em 1966, organizado pelo Jornal do Sports. (Almeida A, 2012, p.32)

As peladas são um dos usos mais populares e intensos do parque, inclusive à noite, que se faz possível pois o parque possui iluminações adequadas para tal. “Times amadores (masculinos e femininos) e torneios de dentes de leite são as categorias mais presentes nas quadras. Há, inclusive, jogos de menor duração e com a modificação das regras, para atender aos interesses de ocasião” (Menezes, 2017, p. 19).

O reconhecimento do Aterro do Flamengo como lugar privilegiado para as peladas foi tamanho que até a Nike, grande marca internacional de calçados e roupas esportivas, notou. Em uma matéria, de 2008, o blog “Sport2wear”¹⁵ postou

¹⁵ Disponível em: <<https://sport2wear.wordpress.com/2008/07/25/e-o-aterro-do-flamengo-foi-parar-na-nike/>>. Acesso em 20 mar. 2023.

uma matéria intitulada “E o Aterro do Flamengo foi parar na Nike” mostrando que há alguns anos a Nike havia lançado uma linha de produtos esportivos, inspirados nos grandes celeiros de atletas de cada país e, no caso do Brasil, o local escolhido foi o Parque do Flamengo.

O resultado foi a linha de produtos da Nike chamada ATERRO – Parque do Flamengo – Figura10.



Figura 10 - Linha esportiva da Nike Inspirada no Aterro do Flamengo
Fonte: Blog Sport2wear.

Sobre as peladas, Almeida A (2012) afirma não existir uma grande variedade de estudos e a define como uma categoria social que pode assumir significados distintos a depender do contexto que está colocada. Seja para desqualificar o nível técnico do jogo ou somente para designar um tipo de partida com formas variadas de prática, muitas vezes utilizando de improvisos, como falta de uniformes e chuteiras, e números diferentes de jogadores.

O autor Jorge Villela (1997, p. 69) aborda sobre a questão do futebol amador ou informal, como se chama:

Desde há muitas décadas e ao longo de todo o país a prática de um tipo de futebol informal, com regras particulares e variáveis de lugar para lugar, é intensa no Brasil. Gramados, jardins públicos, praças, praias, ruas, campinhos de várzea e de futebol ‘society’, etc, são o palco destes jogos sem árbitros e ficais-de-linha que se adequam às dimensões do ‘campo’ de jogo. O número de jogadores também varia com o tamanho do terreno disponível. As ‘balizas’, muitas vezes marcadas com pedras, tocos de madeiras ou mesmo chinelos não têm largura fixa e nem sempre são proporcionais ao comprimento e largura do campo. No caso da ausência de traves, a altura é imaginária e a bola chutada pelo alto que ultrapassa a linha de gol

é admitida como válida ou não por um golpe de vista; a bola passa na altura do goleiro: é gol. Se passa mais acima foi chutada para fora.

Basta um passeio pelo Aterro, passando pelas quadras, que é possível observar que aqueles espaços públicos estão sempre ocupadas pelos “peladeiros”. As quadras são muito disputadas, principalmente por serem gratuitas, e conseguir um horário por lá não é tão simples, especialmente após as 19 horas quando o expediente de trabalho já finalizou (Almeida A, 2012).

No Portal Rio Prefeitura é possível encontrar informações sobre o uso desses espaços. Para agendar um horário, um dos responsáveis deverá ir à Administração do Parque em uma segunda-feira, das 9h30 às 17h, levando a documentação requerida dos dois representantes. Essa documentação é a seguinte: cópia de um documento de identidade; CPF; comprovante de residência; foto 3×4 e cópia de um documento de identidade de cada um dos participantes do grupo.

Existe uma série de regras para que seja possível que o espaço seja utilizado por algumas pessoas, um grupo. É preciso que o grupo contenha, no mínimo, 7 participantes onde ao menos duas devem ser maiores de idade. É necessário o preenchimento de cadastro que irá habilitar o grupo a pleitear um horário, procedimento realizado na terça-feira subsequente, para o jogo. Após cumprir as exigências, o requerente recebe uma cópia da autorização com o horário concedido e as normas para utilização dos campos.

A autorização para uso dos campos de pelada é grátis e intransferível e é necessário o cumprimento de algumas regras no próprio espaço, como: uso do campo pelo prazo de duas horas; proibição de chuteiras com travamento; proibição de fumo de qualquer espécie, comer, beber, manter animais ou bicicletas nas áreas de campo; proibição da permanência nos campos de pessoas que não estejam jogando e é proibido o uso de churrasqueiras e assemelhados nos campos ou no seu entorno. Entre 1h e 6h da manhã o uso dos campos está liberado, sem necessidade de agendamento prévio.

Entretanto, com o trabalho de campo etnográfico, pude constatar que essas regras nem sempre são cumpridas. Durante a observação participante, observei e participei de churrascos nas imediações das quadras, inclusive durante os jogos, com consumo de diversas bebidas, além do churrasco, de bebidas alcólicas e

cigarros. Animais, inclusive pertencentes às jogadoras e jogadores, estão sempre pelos arredores das quadras.

Outro ponto observado é que mesmo o horário da quadra estando reservado, se ela não for ocupada na hora exata pelo grupo, ela pode vir a ser ocupada por outras pessoas, mesmo sem autorização. Fato esse que pode gerar conflitos, como aconteceu com o grupo estudado nessa tese, o “Boleiras do Aterro”.

Em uma conversa com a criadora do grupo, Lua, ela me informou que apesar de jogarem naquele local há alguns anos, já passaram por conflitos com um outro grupo, masculino, que estavam querendo usar a quadra no horário delas. Nos domingos pela manhã no Aterro, horário que as Boleiras jogam, existe uma predominância masculina nas quadras e campos. Em um dos domingos, descii erradamente em um ponto de ônibus na Glória e assim precisei caminhar até o posto 2 na praia do Flamengo onde se reúnem as boleiras.

Nos domingos o trânsito de veículos nas vias do parque fica suspenso, então os pedestres e ciclistas tem maior liberdade de transitar por lá. Para fugir do sol quente, fui caminhando por dentro do parque usufruindo das sombras das árvores. Posteriormente em uma conversa, comentei com Lua sobre o trajeto que havia feito, e que durante essa caminhada em todas as quadras e campos não havia visto nenhum grupo de mulheres jogando. Lua concordou comigo e me deu a seguinte explicação¹⁶:

É espaço público ao qual nós conseguimos devido a uma conquista de briga, exatamente por isso, tinha muito grupo masculino né, então assim, para conquistar esse horário que a gente tem, das 09:00 às 11:00 horas foi uma luta. Porque nós brigamos muito com homens aqui para se impor, entendeu? Porque só eles queriam jogar, o horário só era deles. E quando nós começamos a jogar 09:00 horas, tinha um grupo que jogava mais tarde 11:00 horas e queria pegar o nosso horário. O que nós fizemos? Fomos lá administração do parque, resolvemos isso com a administração do parque e a polícia aqui. Então nós conseguimos conquistar esse horário, então é por isso que as vezes eu bato com as meninas: meninas vamos chegar cedo, porque isso foi uma conquista nossa, nós lutamos para isso, levamos documento para a administração, porque não era justo só eles quererem jogar e pegar o nosso horário. Eles queriam pegar nosso horário por causa do sol. Então nós lutamos bastante por isso, e uma das coisas que eu brigo muito com as meninas é esse negócio de horário. Vamos chegar no horário porque é uma conquista para mim, eu tive trabalho para isso e eu não fui a única, tiveram outras pessoas, mas eu também corri muito atras por causa disso. Por isso eu luta tanto com esse negócio de horário, vamos chegar cedo e não vamos deixar de jogar para não perder a vaga que tem lá, que é uma conquista nossa. Os rapazes

¹⁶ No texto daqui em diante uso essa forma de identificar as falas das interlocutoras da pesquisa.

que jogam de manhã seguram um pouco para nós quando a gente não vem tão cedo né, eles dão essa valorizada pra nós.

O Aterro enquanto espaço público, “é um exemplo de como as pessoas compreendem e interpretam a cidade a partir do contexto e intencionalidade de sua construção pelo Estado e urbanistas” (Menezes, 2017, p. 5). Entretanto, numa sociedade de classes o acesso a esses espaços pode não ser totalmente acessível, igualitário e harmônico, sendo sempre um espaço de disputa, como destacado por Lua.

O Parque do Flamengo, seu passado e presente revelam o paradoxo e a contradição contemporânea presentes nos espaços públicos das cidades, em especial das cidades latinoamericanas, onde as desigualdades sociais são intrínsecas à sociedade de forma geral, mas cujas expressões da luta de classes se revelam mais didaticamente no plano urbano local (Menezes, 2017, p. 11).

Sobre os espaços públicos, é preciso considerar, a partir de Luciana Andrade & Luís Baptista (2015, p. 130-131), que “são palco de interações sociais de um tipo específico”, são abertos a todos e permitem a interação entre desconhecidos, podendo até resultar em conflitos. Sendo assim, mesmo que aberto a todos “há restrições sociais que emergem no processo de interação e que fazem com que os diferentes grupos sociais não frequentem todo e qualquer espaço público de um mesmo modo” (Andrade; Baptista, 2015, p. 130-131).

O espaço urbano, a cidade, é um lugar de contrastes e lógicas diversas que irão acometer de forma diferente os diversos grupos sociais a depender de classe, raça/cor, idade, gênero, sexualidade, religião, local de moradia entre outros, assim como um local para luta por direitos. Dessa forma, homens e mulheres, mesmo que compartilhem as mesmas situações de classe ou possuam a mesma raça, irão vivenciar os fatos da vida cotidiana de uma forma diferenciada devido à sua experiência de gênero, segundo Márcia Macedo (2002).

A categoria gênero, como um dos principais elementos articuladores das relações sociais no contexto urbano, nos permite entender como os sujeitos sociais estão sendo constituídos cotidianamente por um conjunto de significados impregnados de símbolos culturais, conceitos normativos, institucionalidades e subjetividades sexuadas (Scott, 1990) que atribuem a homens e mulheres um lugar diferenciado no mundo, sendo essa diferença atravessada por relações de poder que conferem ao homem, historicamente, uma posição dominante (Macedo, 2002. p. 57-58).

O espaço urbano sinaliza a divisão entre os lugares masculinos e femininos onde a dominância masculina pelo espaço da rua fica estabelecida, nos termos de Joseli Silva (2007, p. 120):

Enfim, os espaços de constrangimento, como a rua em determinados locais e horários, ou espaços de confinamento, como as residências em periferias distantes, são claramente elementos que tanto se referem às diferenças de acesso físico entre mulheres e homens a determinados espaços, como a construção de barreiras invisíveis criadas pelo olhar e força daqueles que impõem sua ordem e alcançam legitimidade.

Em sua tese de doutorado sobre os skatistas em São Paulo, Giancarlo Machado (2011) também sinaliza a predominância masculina nos espaços públicos centrais da cidade. De acordo com o autor, apesar do número crescente da participação de mulheres nessa prática, a presença masculina era significativamente maior.

Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2012) sinalizam que 90% das mulheres realizam afazeres domésticos, em contrapartida, somente 50% dos homens. Os dados ainda informam que as mulheres gastam cerca de 26,6 horas semanais realizando afazeres domésticos, enquanto o público masculino dedica 10,5 horas.

À respeito da ocupação e usos dos espaços públicos pelas mulheres, é possível reconhecer que o ambiente doméstico é considerado um local de segurança para as mulheres e rua tido como local que gera medo. Sobre os estudos a respeito da ocupação dos espaços da cidade pela mulher, existe uma dificuldade dos estudiosos urbanos em fazer uma leitura sobre a condição da mulher na cidade, segundo Lúcia Siqueira (2015)

As divisões espaciais oriundas das questões demográficas, econômicas, culturais e políticas foram durante anos eleitas como prioritárias nas análises urbanas, o que gerou certa “invisibilidade” das mulheres na multidão urbana. ‘A cidade passou a ser uma aglomeração de indivíduos assexuados, submetidos a um ponto de vista global - leia-se masculino - que não vivem outras relações sociais entre si que não sejam as de classe’ (Calió, 1997, p.4). E complementa, ‘misturada na multidão, a mulher vive uma falsa impressão de igualdade de uso e de mobilidade urbana’ (Calió, 1997 *apud* Siqueira, 2015, p. 17).

Dessa forma, o ordenamento espacial urbano é político, e a mulher ainda é concebida dentro do espaço doméstico. Existe, então, uma diferença no acesso de

homens e mulheres ao espaço público. Assim, a ocupação desses espaços pelas mulheres é um ato de resistência, nos termos de Letícia Sampaio & Lauro França (2015), ou como prefiro chamar, uma modalidade de agência.

Sobre o Aterro do Flamengo, em conversa com uma das Boleiras, ela sinalizou a importância de as mulheres estarem ocupando aquele espaço, como forma de representatividade feminina.

Eu sempre fui frequentadora do Aterro, sempre vim aqui caminhar e andar de bicicleta e um dia eu as vi jogando (as boleiras). E aí tem até a questão da importância da ocupação do espaço para outras mulheres, porque quando eu as vi jogando, eu me informei como eu poderia fazer para jogar com elas porque eu já gostava de jogar. E aí elas falaram que se reuniam aqui aos domingos e então eu passei a vir.

2.3. Conhecendo o campo

Minha primeira incursão ao campo se deu em abril de 2021, ainda em um momento de grande isolamento social causado pela pandemia da COVID-19. Após contato com o grupo “Boleiras do Aterro” pela sua conta oficial no Instagram, confirmei que os jogos estavam acontecendo normalmente. Dessa forma, no dia 25 de abril de 2021, fiz minha primeira ida ao campo. Saí de casa por volta das 8:45h da manhã, utilizando um transporte por aplicativo. Minha viagem tinha como destino o aterro do Flamengo, mais precisamente o posto 2, onde em suas proximidades possuem quadras esportivas, sendo uma delas utilizada por esse grupo de boleiras, todo domingo entre 9:00h e 11:00h.

Cheguei ao Aterro por volta das 9:10h, mas por não conhecer bem aquela região da cidade, pois só havia ido ao Aterro uma única vez, demorei cerca de 15 minutos para encontrar o posto 2 e a quadra ocupada pelas jogadoras. Posteriormente, descobri que poderia ter colocado no aplicativo de transporte o posto 2, e assim desembarcaria bem próximo e só precisaria caminhar alguns metros, foi o que fiz na minha volta.

Dessa forma, só encontrei a quadra por volta de 9:30h. O time feminino já estava na quadra jogando. O Aterro estava bem cheio nesse dia. Havia muitas pessoas praticando esportes ou assistindo, correndo, passeando com animais, na

praia, algumas fazendo festas e churrascos, ou somente sentadas sob as sombras das árvores. Também existem inúmeros vendedores ambulantes, que vendem de água de coco a cerveja, assim como refeições, espetinhos, sorvetes e tudo que se possa imaginar. Descobri, posteriormente, que aos domingos, a Prefeitura fecha as duas vias da Avenida Infante Dom Henrique, que fazem parte do parque do Aterro, para que as pessoas possam usufruir de momentos de lazer. Então, existe um grande fluxo de pessoas, crianças e animais, praticando os mais diversos tipos de atividade como corrida, patins, patinete, bicicletas, motos elétricas, entre outros.

Ao encontrar a quadra decidi, nesse primeiro momento, somente observar à distância a dinâmica de interação dessas jogadoras. O objetivo era, primeiramente, me familiarizar com o espaço, com a forma que elas jogavam, se reuniam e se relacionavam. Por não ser do Rio de Janeiro, aquele era um local completamente novo e desconhecido para mim. Explorar o local e observar de longe fizeram com que eu começasse a compreender a dinâmica daquele espaço urbano e de seus frequentadores. Então, estendi uma canga no gramado e me sentei sob uma grande árvore Amendoeira¹⁷ bem próxima à quadra onde as mulheres jogavam (Figuras 11, 12, 13) e comecei observar e fazer algumas anotações em meu caderno de campo.

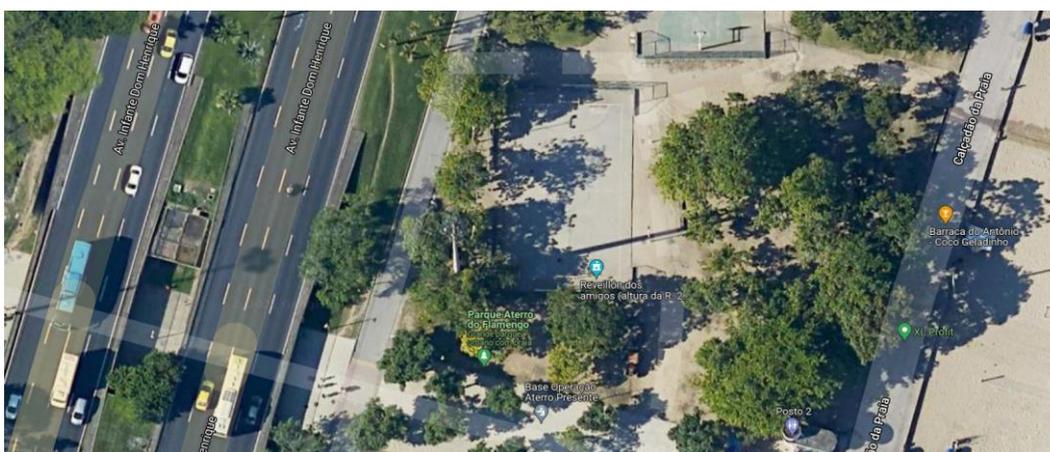


Figura 11 - Visão área do posto 2 na Praia do Flamengo
Fonte: Google Maps (online).

¹⁷ Amendoeira ou Amendoeira-da-Praia é uma espécie de árvore de grande porte, típica de regiões tropicais. No Aterro, ela se encontra presente em grande quantidade e as pessoas costumam utilizar a sombra feita por elas para se proteger do sol, relaxar, brincar com crianças, fazer piqueniques, churrascos e até festas de aniversário.



Figura 12 - Quadra esportiva utilizada pelas Boleiras
Fonte: Google Maps (online).

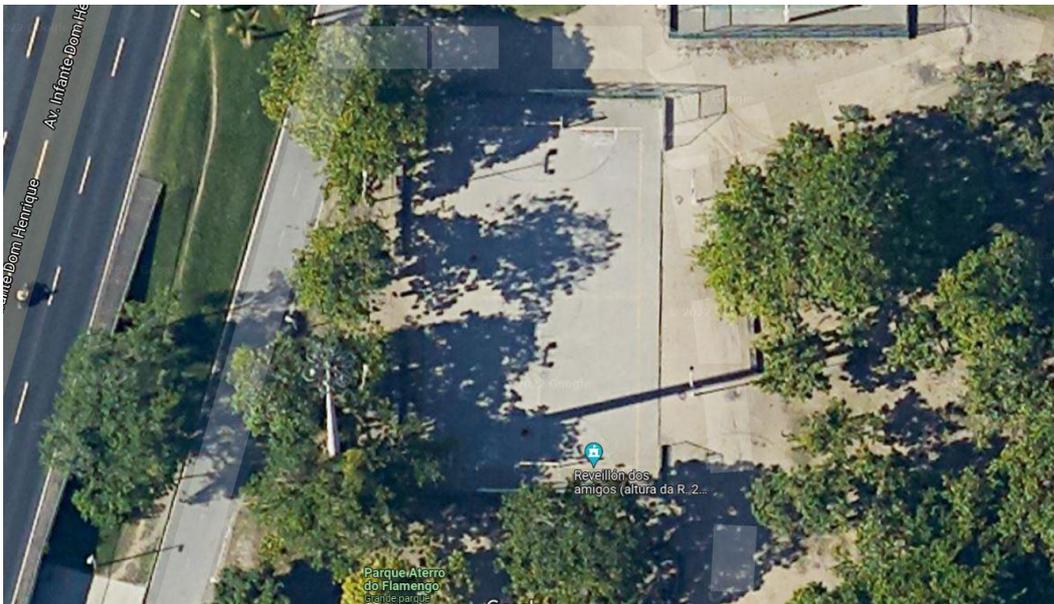


Figura 13 - Visão aérea da quadra esportiva utilizada pelas Boleiras
Fonte: Google Maps (online).

Logo nessa primeira observação consegui perceber algumas dinâmicas desse grupo e do momento de jogo. Elas jogavam em dois times de 4 jogadoras cada mais um goleiro, que era homem. Esse fato é bem comum em peladas de mulheres, onde muitas vezes não temos mulheres goleiras e necessitamos recorrer aos homens para completar a equipe. Na lateral havia mais jovens sentadas, que esperavam sua vez de jogar assim como alguns outros homens e crianças que estavam ali interagindo com as jogadoras em quadra e até atuando como árbitros

do jogo em algum momento. Logo compreendi que esses homens ali presentes possuíam alguma relação com as jogadoras.

Praticamente todas as boleiras vestiam roupas que são comumente utilizadas na prática do futebol/futsal: shorts de tecido leve, coletes e chuteiras. Nenhuma delas utilizava a caneleira, que é um equipamento de segurança obrigatório em jogos oficiais. Pude notar, também, que duas delas jogavam descalças, que é uma prática bem comum em peladas de futebol. Algumas jogadoras aparentavam ser bem novas, talvez adolescentes, outras já adultas.

A partir das contribuições de Mylene Mizrahi (2019) podemos compreender que o uso das roupas e acessórios feitos pelas jogadoras têm relação direta com a prática do futebol. Segundo a autora, se trata de “uma indumentária cujo sentido é atribuído na relação com o contexto em que ela se insere” (Mizrahi, 2019, p. 83). Assim como no baile funk de Mizrahi, onde as roupas deveriam ser justas e elásticas para permitir liberdade aos movimentos corporais, no futsal as roupas precisam ser leves, confortáveis e permitir movimentos específicos do jogo. Os cabelos são presos para não atrapalharem a visão caindo sobre o rosto.

O jogo acontecia sem uso das regras oficiais do futsal, mas foi possível notar que havia uma organização e regras próprias. O revezamento dos times em quadra acontecia de forma harmoniosa, onde o time que ganhava a partida continuava e o que perdia saía, esse é um ponto bem característico em peladas também. Os goleiros também se revezavam, mas eram sempre homens. Como o jogo não possui um árbitro oficial, na maioria das vezes as próprias jogadoras em quadra, ou as que esperam sua vez para jogar, ou até mesmo esses homens ali presentes, ditam as regras, sinalizando quando é falta, ou quando a bola sai de quadra. Apesar de não ser um jogo oficial, com uso de todas as regras, técnicas e táticas, as mulheres levam o jogo bem a sério, se esforçam e se empenham para incentivar as companheiras. Nos acertos havia gritos de incentivo, na defesa gritos pedindo marcação, outras orientações também acontecem o tempo todo de uma jogadora para outra.

Um outro ponto que chamou bastante minha atenção foi clima de diversão e descontração. As jogadoras, tanto em quadra quanto fora, conversavam muito, brincavam e até zombavam com os erros e furadas dentro de quadra. Na lateral, algumas jogadoras que esperavam ouviam música, dançavam, reboavam e riam muito.

Apesar de suas páginas oficiais informarem que o horário reservado daquela quadra para as boleiras é 9:00h e 11:00h, o jogo se estende após esse horário. Nesse dia, foi somente por volta de 12:30h que a última partida acabou. As mulheres e alguns dos homens se reuniram no meio da quadra e tiraram uma foto, que posteriormente vi que foi postada no Instagram da equipe.

Nessa primeira ida ao campo, uma coisa que chamou muita a minha atenção, devido ao momento pandêmico que estávamos vivendo, onde o Brasil registrava ainda um grande número diário de mortes pela COVID-19, foi o não uso de máscaras. Durante todo o jogo somente três jogadoras usavam máscara de proteção, no entanto, na foto postada nas redes sociais, todas estavam usando a máscara.

2.4. Primeiro contato

Por cerca de 4 domingos, não consecutivos, fui ao Aterro observar o futebol das mulheres, mas sem me apresentar. Como disse anteriormente, essa foi uma escolha intencional para que eu pudesse apreender mais sobre o espaço físico do Aterro do Flamengo e sobre o grupo das Boleiras do Aterro a partir da observação, e pela necessidade de me resguardar devido à pandemia. Então, somente quando tomei a vacina da COVID-19, me senti confortável para interagir com mais pessoas de forma tão próxima como acontece em uma quadra esportiva.

Assim, somente no segundo semestre de 2021 me apresentei às Boleiras. Era um domingo de muito sol, como de costume no Rio de Janeiro. Cheguei ao Aterro bem cedo, cerca de 8:30h da manhã, pois queria me apresentar a elas ainda no início do jogo, quando estivessem se organizando para começar. Nessa época já havia aprendido a chegar no Parque utilizando o transporte público, o que facilitou muito meu acesso ao campo de pesquisa. Como moradora da Zona Norte do Rio de Janeiro, assim como algumas das jogadoras, para chegar no Aterro é preciso se deslocar pela cidade. De ônibus, o trajeto dura cerca de 40 minutos sendo necessário sair bem cedo de casa.

Nesse dia, estava acontecendo um torneio de futsal na quadra utilizada pelas meninas. O evento foi divulgado na conta de Instagram do grupo e a

inscrição, para quem desejasse participar, custava 15\$. Foi um evento bem organizado, mas como eu ainda não havia conversado pessoalmente com as Boleiras, não consegui saber de todos os detalhes. Ao chegar notei um número bem maior de jogadoras em comparação aos demais dias de observação, contabilizei cerca de 30 mulheres, algumas as quais consegui reconhecer dos jogos anteriores, outras nunca havia visto por lá.

Outro diferencial foi que nesse dia havia um árbitro apitando os jogos. Ele estava uniformizado como tal e utilizava um apito para marcar faltas, entradas e saídas de bola. Havia também uma estação de Futmesa¹⁸ próximo à quadra, onde algumas mulheres e homens jogavam nos períodos entre as partidas do torneio. Uma grande caixa de som animava os participantes e expectadores tocando músicas animadas de funk, pagode, axé e outros gêneros. Em razão do torneio, nos arredores da quadra havia muitas pessoas assistindo os jogos, assim como no próprio parque havia um número maior de pessoas pois acontecia um outro evento esportivo, uma corrida de grandes proporções.

A quadra onde acontecia o torneio estava enfeitada com bandeiras e bolas de aniversário de cor laranja, sinalizando o torneio. As jogadoras utilizavam coletes e uniformes que identificavam suas equipes - equipes masculinas também participavam desse torneio.

Me aproximei da quadra e fiquei observando um pouco. Assim que teve um intervalo no jogo feminino e homens começaram a jogar, eu abordei um grupo de mulheres que bebiam água e conversavam sobre momentos do jogo. Me apresentei como educadora física e pesquisadora de doutorado, expliquei meu interesse de pesquisa com o futebol feminino e perguntei quem era a responsável pelo grupo. Me apontaram duas mulheres como organizadoras e jogadoras mais antigas, Lua e Maria.

Lua é uma mulher alta, branca, de cabelos longos, lisos e escuros. Lua vestia uma bermuda de malha colada ao corpo, dessas que parecem uma legging, porém mais curta, camiseta larga, chuteiras vermelhas, meias de futebol e usava os cabelos presos. Já Maria é uma senhora de idade mais avançada, negra, de baixa estatura, e cabelos cacheados. Ela também estava utilizando bermuda, camiseta

¹⁸ Futmesa ou Tecball, seu nome oficial, é um esporte que mistura futebol, vôlei e tênis de mesa. A modalidade tem suas regras próprias e utiliza uma bola e uma mesa com rede para a sua prática. É possível jogar um contra um ou em duplas. Não é permitido tocar a bola com as mãos, podendo dar no máximo três toques na bola, sendo necessário colocá-la na metade oposta da mesa.

larga e chuteiras. Ela usava, ainda, uma bandana preta que cobria uma parte dos cabelos e a parte frontal da testa. Ambas participavam do torneio e integravam as equipes participantes.

Ao observar as roupas utilizadas pelas jogadoras pude perceber que todas utilizam roupas adequadas para a prática de atividades físicas, mas as roupas se diferem de uma mulher para outra. Algumas utilizam roupas “femininas” como shorts de tecidos elásticos que ficam bem rentes ao corpo, algumas jogam somente de top ou até mesmo uma parte de cima de biquini; em contrapartida, algumas jogadoras utilizam roupas “masculinas” como calções largos semelhantes aos dos jogadores de futebol profissional, assim como camisas também largas de times de futebol. Essas escolhas têm implicação direta na performatividade de gênero dessas mulheres, que abordarei mais à frente.

Na conversa com Lua e Maria expliquei mais sobre a minha pesquisa e meu interesse de acompanhá-las, através da observação participante, por um período. As organizadoras foram muito receptivas, aprovaram minha presença naquele espaço e imediatamente começaram a me apresentar para algumas outras jogadoras que estavam por perto. Logo me perguntaram se eu também jogava futebol e com minha resposta positiva me intimaram a jogar na próxima vez. Nesse dia o torneio se estendeu pela tarde a fora.

2.5. A virada de chave

Após conversar com Maria e Lua, retornei ao Aterro para realização da pesquisa, já com o conhecimento das boleiras sobre o meu objetivo ali. Todos os domingos, às 9:00h, eu estava ali presente. Sempre me sentava nos bancos que ficam na lateral das quadras, sob a sombra das Amendoeiras, onde as jogadoras deixam seus pertences, bolsas, roupas, sapatos, garrafas de água etc. Esses bancos são utilizados pelas jogadoras para descanso e para aguardar entre uma partida e outra. Muitas se sentam no gramado e nas copas das árvores. Os bancos também são utilizados como mesa, onde os homens ficam bebendo, comendo e interagindo quando o jogo deles acaba. Em dias de churrasco, o banco ainda serve como mesa para comidas e até apoio para churrasqueira.

Mesmo presente todos os domingos, ou quase todos¹⁹, ainda sentia que as jogadoras não conversavam tanto comigo, ou ignoravam a minha presença enquanto pesquisadora naquele espaço. Eu sempre interagia, puxava algum assunto, tentava conversar com elas, mas poucas me davam algum tipo de abertura. Até que um dia, em conversa com uma outra boleira, Bia, ela me perguntou se eu jogava. Aí eu disse que sim, mas que estava sem praticar há alguns anos. Ela insistiu que eu deveria jogar, porém eu não estava com roupas adequadas para a prática. Bia me dava mais abertura, ela ficou interessada quando eu disse que estava realizando uma pesquisa, quis saber de onde eu vinha, e quando disse que era de Minas Gerais nosso papo fluiu. Bia ama viajar e disse que tem muita vontade de conhecer minha cidade natal, Diamantina-MG. Bia é uma moça branca, de cabelos ruivos e ondulado, média estatura e cheia de tatuagens pelo corpo, que também foi um ponto importante para iniciar conversas com ela já que eu também possuo algumas tatuagens.

No domingo seguinte, fui a campo com uma roupa adequada para prática de atividade física, não necessariamente o futsal, pois eu não possuía um par de chuteiras, mas usava short de tecido, camiseta e um tênis de corrida. Logo que cheguei à quadra, Bia me olhou e disse: *“hoje você veio pra jogar?”*. Ainda não haviam chegado todas as meninas para completar a quantidade necessária, quatro em cada lado mais o goleiro, para o jogo iniciar. Caso eu entrasse em campo, completaria os times. Esse não era necessariamente meu objetivo, pois estava há muito tempo longe das quadras e estava receosa em jogar. Depois de muita insistência por parte das boleiras eu disse que iria tentar, mas adiantei que estava fora de forma e sem prática.

Nesse dia então, joguei várias partidas e marquei gols. Algumas meninas comentaram que eu estava “escondendo o jogo”, se referindo ao fato de eu saber jogar futsal. Assim, comecei a ir sempre com roupas adequadas a jogar, pois notei que o ato de estar em campo, com a bola nos pés, me aproximava ainda mais das minhas interlocutoras e abria mais espaço para diálogo. Dois domingos depois, Lua me disse que como eu já estava frequentando os jogos há mais de três

¹⁹ A quadra do Aterro é aberta, então dependendo de como estiver o clima, no caso de chuvas, o futebol não acontece. Também já aconteceu de chegar ao Aterro e elas não estarem por lá jogando. Posteriormente descobri que elas fazem uma lista dias antes para ver quem irá no domingo. Se não alcançar o número necessário de jogadoras o jogo é cancelado.

semanas eu já poderia participar do grupo das Boleiras no WhatsApp²⁰. Essa era uma regra para que uma integrante fosse oficialmente aceita no grupo. Esse momento foi, em minha visão, a virada de chave no processo da minha inserção em campo. Jogar com minhas interlocutoras me tornou integrante daquele grupo, os momentos em quadra serviam como ponta pé para aproximação e diálogo com jogadoras com as quais, até então, eu não havia conseguido interagir. Ao jogar com elas, eu saí da posição de somente observar enquanto pesquisadora, e passo a ser, literalmente e efetivamente, “do pedaço”.

Essa minha inserção no campo se aproxima com o relato de Geertz (1989), que só é possível a partir de um trabalho de campo em moldes etnográficos, sobre a briga de galos em Bali. Geertz sinaliza que ao chegar em uma aldeia balinesa para realizar seu trabalho como antropólogo ele e sua esposa eram tratados com indiferença pelos nativos, como se não estivessem lá. A situação só mudou, quando ao assistir uma briga de galo, que era proibida e acabou sendo interrompida pela presença da polícia, Geertz e sua esposa, ao invés de usarem do benefício de serem turistas, fugiram juntamente com os nativos e se esconderam em um galpão para disfarçar a polícia. Desse momento em diante ele e sua esposa deixaram de ser invisíveis na aldeia e passaram a ser literalmente “aceitos” e toda aldeia, inclusive pessoas que ele nem imaginava, se abriram para eles. Como o antropólogo sinaliza, essa pode não ser uma receita muito generalizada para alcançar os objetivos do trabalho de campo, que são o acordo e harmonia, mas elas funcionaram para ele, assim como para mim, que com o uso de roupas esportivas e jogar com Boleiras, foi o que trouxe resultado – Figura 14.

²⁰ WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, é possível enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.



Figura 14 - Pesquisadora e Boleiras
Fonte: Acervo pessoal

Para “ser do pedaço” não basta frequentar o lugar, mesmo que com alguma regularidade, é preciso “estar situado (e ser reconhecido como tal) numa peculiar rede de relações” (Magnani, 2002, p. 21) que combina diversos fatores, entre eles a participação em atividades comunitárias e desportivas.

[...] A rede de relações – que instaurava um código capaz de separar, ordenar e classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era ‘do pedaço’ e em que grau (‘colega’, ‘chegado’, ‘xará’ etc.). Essa categoria, nativa, [...] passou a ser usada para designar um tipo particular de sociabilidade e apropriação do espaço urbano. O pedaço [...] apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto esta última é o lugar da família, à qual têm acesso os parentes e a rua é dos estranhos [...], o pedaço é o lugar dos colegas, dos chegados. Aqui não é preciso nenhuma interpelação: todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer. (Magnani, 2002, p. 21)

2.6. As Boleiras do Aterro

Como já descrevi anteriormente, o grupo Boleiras do Aterro é um grupo de mulheres que praticam futsal semanalmente em uma quadra no Aterro do Flamengo. O grupo é composto por mulheres de idades variadas, entre 17 e 63 anos, de diferentes classes sociais, cores, corpos, e locais de moradia. O grupo, apesar de amador, é muito organizado e possui regras para participação. Nos domingos, qualquer mulher que chegar à quadra e solicitar sua participação, será autorizada a participar. Um dos objetivos do grupo, segundo Karla (uma das Boleiras), é que mais mulheres vejam e queiram participar. Porém, para fazer parte oficialmente do grupo, a jogadora precisa comparecer ao menos 3 domingos, aí é colocada no grupo do WhatsApp.

É no grupo do WhatsApp que toda a comunicação entre as Boleiras acontece. Inclusive, um dos fatores de eu ter ido ao Aterro uma vez e não ter encontrado as jogadoras por lá foi por não participar ainda do grupo. Lá, alguns dias antes do domingo, elas conversam e montam uma lista com quem irá comparecer no Aterro. A depender de quantas pessoas confirmem a presença, o futebol não acontece. Normalmente a quantidade mínima para que tenha o Fut²¹ é de 8 jogadoras, 4 em cada lado, contando com a participação de dois homens como goleiros.

O grupo do WhatsApp é intitulado “BoleirasdoAterro DOM 9h” (Figura 15), possui atualmente 43 participantes, porém o número presente aos domingos raramente alcança 15 jogadoras. Como fixado na descrição do grupo existem as “REGRAS DO FUT”, que são elas:

- Respeitar a todas;
 - Proibido pornografias;
 - Evitar tópicos relacionados à política e religião;
 - O grupo é de futebol e o foco nas conversas deve ser esse;
 - Aqui apenas lista do fut, assuntos de futebol e utilidades pública.
- Ocasionalmente, informaremos aqui sobre algum evento do time, apenas;

²¹ Como as Boleiras se referem ao futebol dos domingos.

- Fotos aleatórias: Não publicar fotos de festas, meme, propagandas ou coisa parecida.



Figura 15 - Foto utilizada nas redes sociais e no WhatsApp do grupo
Fonte: Grupo do WhatsApp das Boleiras do Aterro

Em um domingo de jogo, houve um conflito na quadra e algumas jogadoras se desentenderam por discordarem de algumas regras. Por esse motivo, foi marcada uma reunião para votação de novas regras para o Fut. Depois da votação, Karla, uma das moderadoras do grupo, enviou um documento²² em formato PDF, escaneado e assinado por algumas membras do grupo e que continha as regras e normas do grupo Boleiras do Aterro. O documento é datado de 18 de outubro de 2020. Além das normas e regras presentes no documento em PDF, Karla também enviou um resumo da votação. As regras novas eram a respeito do uso de coletes, sistema de trocas de times, faltas, goleiros, empate e acréscimos. Decidiram ainda que a cada seis meses deve ser feita uma nova votação a fim de rever as normas do grupo.

Ainda sobre as normas, Karla ressaltou que o grupo é usado basicamente para repassar informações importantes, enviar fotos que são tiradas nos jogos e para a lista de quem irá comparecer no domingo. A lista é iniciada, normalmente,

²² Ver anexo 1

na sexta-feira à noite ou aos sábados e todas que irão comparecer no domingo devem colocar seu nome. Essa lista possui um formato pronto e as meninas só copiam e colam trocando a data.

Muitas vezes, acontece de alguém que não colocou nome na lista aparecer no Fut, assim como alguém que colocou, não comparecer. No grupo, Lua e Karla, principalmente essa última, cobram bastante que as jogadoras que colocaram o nome na lista realmente compareçam no domingo e no horário certo, às 9:00h. O argumento sempre é de que o atraso pode resultar na perda da quadra, apesar de que o grupo de homens que joga no horário anterior, das 7:00h às 9:00h, sempre estendem seu período de jogo e ficam mais tempo na quadra evitando que ela seja ocupada por terceiros até as boleiras iniciarem.

Como foi sinalizado acima, as interlocutoras dessa pesquisa são as mulheres participantes do grupo intitulado Boleiras do Aterro e que se reúnem de maneira a estabelecer uma relação com o espaço público, o esporte, os homens e entre elas mesmas. Assim sendo, não podemos descartar os marcados de raça e gênero.

Ao falar sobre futebol feminino, ou futebol de mulheres é importante considerar quem são essas mulheres. O gênero é um dos marcadores centrais dessa pesquisa, mas ao falar sobre futebol de mulheres não posso ignorar as relações de gênero e tudo que elas implicam. Dessa forma, no próximo capítulo faço um recorte teórico sobre gênero, futebol feminino e agência para contextualizar quem são essas mulheres jogadoras de futebol e em que contexto elas estão inseridas hoje no nosso país. O objetivo desse próximo capítulo também é de esclarecer que não estamos falando de uma mulher enquanto categoria universal, mas sim que existem várias formas de ser mulher em contextos plurais.

O mundo do futebol, segundo Cláudia Kessler (2015, p. 28), “é composto por mulheres que exercem diversas funções sociais, que pertencem a diferentes classes, com diferentes idades e posições de destaque nos grupos esportivos dos quais participam” e é sobre essas mulheres que estamos tratando aqui.

3

Gênero, Futebol Feminino e Agência

*Eu, enquanto uma mulher negra,
favelada e sapatão nunca poderia
fazer isso.*

Carol, *Diário de Campo*

3.1. Gênero

Gênero é um conceito essencial para se compreender a nossa estrutura social. Ele é fundamental para produzir sociedade. Levi-Strauss (1975) em seu livro “As Estruturas Elementares do Parentesco” observa que o parentesco impõe uma organização cultural baseada no sexo e na procriação biológica a partir da troca de mulheres e da proibição do incesto.

A troca de mulheres, ou troca matrimonial, fez com que os grupos humanos passassem a se relacionar, dando-se assim a criação do social. A partir da proibição do incesto, os homens não poderiam se casar e reproduzir com suas filhas ou irmãs, devendo assim trocá-las por mulheres de outro grupo. Dessa forma, essa referida organização obrigava os grupos a conviverem e criarem acordos de sobrevivência. Nessa troca de mulheres, nessa união institucional, era imposta uma divisão sexual das tarefas, que criava assim uma forma de dependência material entre um homem e uma mulher e seus grupos, como também garantia um casamento sólido e longo (Levi-Strauss, 1975).

O tabu do incesto garantia que as trocas de mulheres fossem efetivadas, estabelecendo assim uma relação de parentesco. As diferenças sexuais passam a ser fundamentais para estruturação da sociedade e para designar diferentes experiências sociais para homens e mulheres. As questões levantadas por Lévi-Strauss mostram como a sexualidade humana é essencial na sociedade, marcada pelo binarismo entre homem/mulher e macho/fêmea.

A relação global de troca que constitui o casamento não se estabelece entre um homem e uma mulher como se cada um devesse e cada um recebesse alguma coisa. Estabelece-se entre dois grupos de homens, e a mulher aí figura como um dos objetos da troca, e não como um dos membros do grupo entre os quais a troca se

realiza. Isto é verdade, mesmo quando são levados em consideração os sentimentos da moça, como aliás habitualmente acontece. Aquiescendo à união proposta, a moça precipita ou permite a operação de troca, mas não pode modificar a natureza desta. Este ponto de vista deve ser mantido com todo rigor mesmo no que se refere à nossa sociedade, onde o casamento toma a aparência de um contrato entre duas pessoas. Porque o ciclo de reciprocidade que o casamento abre entre um homem e uma mulher, do qual a função do casamento descreve os aspectos, é apenas um modo secundário de um ciclo de reciprocidade mais vasto, que afiança a união de um homem e uma mulher, filha ou irmã de alguém, mediante a união da filha ou da irmã deste homem, ou de um outro homem, com este mesmo alguém (Levi-Strauss, 1975, p. 155).

Sobre essa troca de mulheres, Gayle Rubin (1975, p. 9) sinaliza que “o sistema de parentesco não troca apenas mulheres. Ele troca acesso sexual, status genealógico, linhagens de nome e de ancestrais, direitos e pessoas – homens, mulheres e crianças – no sistema concreto de relações sociais”. De acordo com Rubin, em um sistema de parentesco ficam especificados alguns direitos masculinos sobre a parentela feminina em que as mulheres, por sua vez, não têm esses mesmos direitos e essa troca social revela um sistema onde elas não possuem plenos direitos de si mesmas. Dessa forma, a subordinação das mulheres é produto das relações pelas quais o sexo e o gênero são produzidos e organizados, e “a ‘circulação de mulheres’ é um passo inicial na direção da construção de um arsenal de conceitos com os quais se possam descrever os sistemas sexuais (Rubin, 1975, p. 9).

É sobre o gênero, sobre o controle da sexualidade feminina e sobre a heterossexualidade mandatória que a organização social do sexo se assenta. O gênero se trata de uma divisão socialmente estabelecida, é um produto das relações sociais de sexualidade. No parentesco, somente o casamento transformaria duas metades incompletas, homem e mulher, em um inteiro (Rubin, 1975).

Ao abordar a questão do parentesco, Françoise Héritier (1989) afirma que a família é um dado universal, pois, em nenhuma sociedade existe uma instituição que exerça a mesma função, assim, a autora reforça que não se trata de um fato natural, mas sim culturalmente construído. A divisão sexual das tarefas gera um elemento comum aos casamentos, que é a prestação de serviços mútuos entre os cônjuges. Essa divisão garante uma relação estável e duradoura, pois torna os parceiros dependentes uns dos outros, criando assim, uma espécie de contrato de sustento. O casamento serviria então para que os cônjuges pudessem sobreviver

sem precisar se entregar às atividades do sexo oposto. A este contrato, se junta ainda a regulamentação das prestações sexuais, que torna o casamento um lugar privilegiado de reprodução biológica.

Em seu livro “Parentesco Americano: uma exposição cultural” David Schneider (2016) apresenta os resultados de sua investigação que se iniciou na década de 1950 com objetivo de compreender o parentesco na sociedade americana, da qual é nativo. Ele sinaliza que o parentesco americano pode ser compreendido como um sistema cultural, no qual, para a cultura americana, a família é centrada na reprodução, compreendendo-se somente um estado de coisas biológico e natural onde o casamento se trata de uma união sexual. Dessa forma, a família é um par de reprodutores, homem e mulher, vivendo com seus filhos. De acordo com a cultura americana, caberia à mulher, por ser de sua natureza, o cuidado com os filhos, já ao homem é designado a autoridade e controle da família.

Nesse contexto, o gênero é construído através do parentesco, mas não somente através dele. O gênero também se constrói na economia, na política e atualmente, nas sociedades modernas, atua de forma amplamente independente do parentesco, nas elaborações de Joan Scott (1991).

Rubin (1975, p. 1) nomeia por “sistema de sexo/gênero” a parte da vida social onde ocorre a opressão das mulheres. Esse sistema é definido como “o conjunto de arranjos pelos quais a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (Rubin, 1975, p. 1). Este sistema ainda é reproduzido atualmente com a permanência dessa estrutura sexual. Em um texto mais recente, Rubin (2017, p. 48) argumenta que “o desenvolvimento desse sistema sexual tomou lugar no contexto das relações de gênero”.

De acordo com Guacira Louro (1997) existe uma dicotomia dos sexos e esta é responsável pela grande diferenciação do masculino para o feminino. Scott (1991) também aponta essa dicotomia ao afirmar que homem e mulher vivem em polos opostos e sua relação é baseada em uma concepção de dominação-submissão.

No que diz respeito ao gênero como campo de estudo, o termo propriamente dito foi inicialmente usado por feministas nos anos 60 com o início dos movimentos feministas, em que mulheres americanas e inglesas buscavam separar

o gênero do caráter biológico referente ao sexo que lhe era atribuído, enfatizando assim o seu caráter social – Cecilia Sardenberg & Marcia Macedo (2011); Louro (1997); Paula Silva et al. (2006); e Scott (1991). Quando sinalizado esse caráter fundamentalmente social do gênero, não se pretendia negar a biologia ou negar que o gênero se constrói com ou sobre corpos sexuados, busca-se sobretudo ressaltar de forma explícita a construção social e histórica que é criada sobre as características biológicas (Louro, 1997).

Donna Haraway (2004) afirma que o gênero é fundamental na construção e classificação de sistemas de diferença.

Gênero é um conceito desenvolvido para contestar a naturalização da diferença sexual em múltiplas arenas de luta. A teoria e a prática feminista em torno de gênero buscam explicar e transformar sistemas históricos de diferença sexual nos quais ‘homens’ e ‘mulheres’ são socialmente constituídos e posicionados em relações de hierarquia e antagonismo (Haraway, 2004, p. 211).

O gênero tem sido um conceito muito estudado pelas feministas. Na história do pensamento feminista é notável a recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino. O gênero somente passou a ser compreendido teoricamente como uma categoria de análise a partir do final do século XX (Scott, 1991).

O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (Scott, 1991, p. 21).

Os pesquisadores somente começaram a entender a natureza recíproca do gênero e da sociedade quando buscaram compreender como o conceito gênero legitima e constrói relações sociais. Um exemplo citado é a política: a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. Entretanto, esse é somente um dos domínios que pode utilizar o gênero para análise histórica (Scott, 1991).

O gênero é uma dimensão fundamental para regulamentação de igualdades e desigualdades. As compreensões generalizadas e naturalizadas entre masculino e feminino suportam as estruturas hierárquicas. No século XIX, por exemplo, o conceito de classe era baseado no gênero. Dessa forma, as significações de gênero

e de poder se estabelecem mutuamente. Com a utilidade dessa categoria analítica é possível aprofundar os sentidos que foram estabelecidos para os gêneros, onde homens e mulheres não são categorias fixas (Scott, 1991).

O gênero, então, precisa ser redefinido e reestruturado juntamente com a noção de igualdade política e social que inclui classe e raça, além do sexo.

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político foi concebido, legitimado e criticado. Ele se refere à oposição masculino/feminino e fundamenta ao mesmo tempo seu sentido. Para reivindicar o poder político, a referência tem que parecer segura e fixa fora de qualquer construção humana, fazendo parte da ordem natural ou divina. Desta forma, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, os dois, parte do sentido do poder, ele mesmo. Colocar em questão ou mudar um aspecto ameaça o sistema por inteiro (Scott, 1991, p. 27).

Judith Butler também busca dissolver a dicotomia sexo/gênero através da contextualização do sexo, o trazendo para o social. Para Butler (2019, p. 214) o gênero não é uma identidade estável, mas sim constituída no tempo através de uma “repetição estilizada de certos atos”. É na estilização do corpo que os gêneros são instituídos. A identidade de gênero “é uma performance apoiada em sanções sociais e tabus” (Butler, 2019, p. 214). Os gêneros não são inscritos de forma passiva nos corpos e nem determinados pela natureza ou pelo patriarcado. Ele é “aquilo que colocamos, invariavelmente, sob controle, diária e incessantemente, com ansiedade e prazer” (Butler, 2019, p. 229).

Nesse direcionamento da categoria gênero, corroborando com Butler, em seu texto sobre estéticas e cabelos negros, Mizrahi (2019a) afirma que é através do consumo que os corpos são estetizados e as aparências politizadas.

Aqui, a noção de performatividade de gênero é especialmente relevante, pois se o gênero não está nunca dado, mas precisa ser permanentemente reiterado através de atos de performance, esses mesmos atos necessitam recorrer às coisas para serem concretizados e terem seus efeitos garantidos. É, portanto, em um processo de desalienação dos bens de consumo – o meio pelo qual nos apropriamos das coisas – que podemos reiterar não apenas o nosso gênero, mas o modo como nos entendemos e nos posicionamos no mundo – os nossos diferentes sentidos de self. (Mizrahi, 2019a, p. 481)

O gênero se constitui através das relações de poder que regulam os diversos seres corporais, não é um artifício que se pode adotar ou rechaçar à vontade, ou seja, não se trata de um efeito da escolha. A repetição ritualizada pela qual essas

normas produzem tem efeito não só no gênero, mas também na materialidade do sexo (Butler, 2019).

A categoria ‘sexo’ é, desde o início, normativa; é o que Foucault chamou de ‘ideal regulatório’. Nesse sentido, então, ‘sexo’ não só funciona como norma, mas também é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, ou seja, cuja força regulatória é evidenciada como um tipo de poder produtivo, um poder de produzir – demarcar, circular, diferenciar – os corpos que controla. Assim, ‘sexo’ é ideal regulatório cuja materialização se impõe e se realiza (ou fracassa em realizar) por meio de certas práticas altamente reguladas. Em outras palavras, ‘sexo’ é um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo (Butler, 2019a, p. 15-16).

Com essas ideias de gênero nas quais a presente pesquisa se orienta, vamos percebendo que o corpo é histórico e ganha significados de acordo com suas interações no mundo, é um conjunto de possibilidades. Os corpos são feitos pelas pessoas e esse processo acontece de forma diferente entre elas. Esses corpos somente são reconhecidos a partir de sua aparência atribuída a algum gênero, homem ou mulher. Através de atos sedimentados, os corpos se transformam em gênero, não se trata de uma estrutura fixa, uma essência ou fato natural ou cultural. Dessa forma, “se o gênero é um significante cultural assumido pelos corpos atribuídos de sexo, e se esse significante é codeterminado por diferentes atos e suas percepções culturais” (Butler, 2019, p. 219), não é possível compreender sexo e gênero como distintos.

O fenômeno do sexo natural, ou estereótipo da mulher de verdade, surge a partir de uma sedimentação das normas de gênero. Enraizadas nos corpos, essas normas fizeram com que ao longo do tempo fosse produzido um conjunto de estilos corporais, que são reforçadamente considerados como naturais, são divididos de maneira binária e se relacionam entre si. Em sua etnografia sobre o Figurino Funk, Mizrahi (2019a) apresenta algumas dessas oposições ao descrever corpos femininos e masculinos no baile funk, assim como suas vestimentas. Ela observou que o corpo feminino tendia a ser mais “redondo, curvilíneo, e as cores das quais se utiliza para se recobrir são ‘suaves’ como o são os movimentos sinuosos realizados na dança, realçados por roupas justas” (Mizrahi, 2019a, p. 78), em contrapartida, o corpo masculino era sempre “mais reto, anguloso, assim como o são os vigorosos movimentos de sua dança, acompanhados de roupas largas e

em cores ‘fortes’” (Mizrahi, 2019a, p. 78). Demonstrando assim o tipo de corpo valorizado e a noção de pessoa funk.

As teorias feministas se apoiavam numa falsa ideia de uma mulher universal para o seu uso político. Butler (2019) argumenta que não existe um ponto de vista universal sobre as mulheres. Ela se preocupa que isso possa reforçar a restrição binária das identidades de gênero. As experiências de diversas mulheres devem ser expressas e não um único modelo de “feminilidade”. O gênero, enquanto categoria, foi desenvolvido para compreender o que é mulher:

[...] O poder político e explicativo da categoria ‘social’ de gênero depende da historicização das categorias de sexo, carne, corpo, biologia, raça e natureza, de tal maneira que as oposições binárias, universalizantes, que geraram o conceito de sistema de sexo/gênero num momento e num lugar particular na teoria feminista sejam implodidas em teorias da corporificação articuladas, diferenciadas, responsáveis, localizadas e com consequências, nas quais a natureza não mais seja imaginada e representada como recurso para a cultura ou o sexo para o gênero (Haraway, 2004, p. 246).

Esse ideal de mulher faz com que corpos que não se encaixem nele sejam alvos de processos de discriminação e exclusão. Os debates sobre sexualidade apontam que esta deve ser tratada como construção social e como dispositivo de poder, onde o sexo e a sexualidade exprimem ainda questões sobre gênero, raça e classe. As hierarquias de valor sexual funcionam da mesma maneira que os sistemas ideológicos do racismo, etnocentrismo, e chauvinismo religioso (Rubin, 2012).

Dessa forma, não podemos falar de gênero sem falar de raça. Não é possível eliminar a raça, ou a classe ou o gênero, em seus papéis sociais do que é ser homem e mulher na nossa sociedade. A luta racial atravessa a luta de classes e a igualdade de gênero. Dessa forma, Raíssa Santos & Edna Rossetto (2018, p. 165) argumentam que a luta racial deve caminhar juntamente “com a luta de classe, na transformação da sociedade englobando a luta do feminismo interseccional”.

A categoria da interseccionalidade emerge no final da década de 1990, buscando atender a variedade de diferenças combinadas ao gênero, raça e classe social. A interseccionalidade avalia como essas variáveis operam em conjunto e interagem com as relações de poder. Assim, é importante ressaltar que a mulher negra vivencia uma intersecção de duas formas de opressão, pois são perpassadas pelo racismo e pelo sexismo.

As teorias feministas mais tradicionais, do chamado feminismo branco liberal, desconsideram a importância da categoria raça em suas pesquisas. Observemos o relato de Kimberlé Crenshaw (2004), que inicia seu texto contando uma história que explica o porquê de ela ter se dedicado ao estudo da interseccionalidade. Ela relata que ainda na faculdade, juntamente com dois amigos negros, compareceu a um evento onde um desses amigos teria sido aceito em uma prestigiosa agremiação estudantil, que até então não aceitava alunos negros. Ao chegar ao local, Crenshaw e seu amigo foram avisados que não poderiam entrar pela porta da frente. Ao questionar o porquê, já imaginando que era pelo fato de serem negros, foram informados que seu amigo poderia entrar, e ela por ser mulher, não. Foi aí que ela se deu conta que a situação se tratava de uma discriminação de gênero.

E enquanto dávamos a volta no edifício para entrar pela porta dos fundos, fiquei pensando que, embora tivéssemos assumido uma postura de solidariedade contra qualquer discriminação racial, essa solidariedade simplesmente havia desaparecido quando ficou claro que a discriminação não era racial, mas de gênero. Nesse momento, assumi um compromisso comigo mesma de entender esse fenômeno (Crenshaw, 2004, p. 8).

Segundo Crenshaw (2004, p. 8) “as experiências das mulheres negras não podem ser enquadradas separadamente nas categorias da discriminação racial ou da discriminação de gênero”, para ela, essas duas categorias devem ser cruzadas para poder abordar as questões de interseccionalidade que essas mulheres encaram. A autora também assinala que alguns países, incluindo o Brasil, têm desenvolvido políticas para eliminar as desigualdades raciais e de gênero, com mecanismos e proteção legal contra essas formas de desigualdades, porém, as leis não preveem essas interseccionalidades e as políticas acabam não tendo o efeito desejado, fazendo com que as mulheres acabem ficando sem proteção.

A interseccionalidade aponta que nem sempre estamos lidando com grupos diversos, mas sim com grupos sobrepostos. Ao sobrepor o grupo das mulheres, com o grupo de pessoas negras, e o de pessoas pobres, é possível identificar que em algum momento essas diferenças se entrecruzam, e isso não acontece por acaso. Assim, pode se observar que as mulheres negras tendem a ser mais excluídas das práticas tradicionais dos direitos humanos e civis. Existe uma visão tradicional da discriminação que exclui essas sobreposições. As mulheres negras

são afetadas de uma forma específica pela combinação de duas formas de discriminação, a discriminação racial e a discriminação de gênero (Crenshaw, 2004).

Crenshaw (2004) aponta também que existe um problema de invisibilidade dessa forma de discriminação dentro dos movimentos políticos e das políticas de intervenção. Existe uma dificuldade em incorporar questões relativas à discriminação interseccional, mesmo dentro de movimentos feministas e antirracistas, gênero e raça algumas vezes ainda são tratados como problemas mutuamente exclusivos. Essa situação faz com que mulheres negras fiquem invisíveis em ambos os movimentos políticos. Na agenda das feministas, muitas questões que afetam exclusivamente mulheres negras não são incluídas. Carla Akotirene (2019) em seu livro ‘Interseccionalidade’ pontua que o movimento negro ignora o marcador de gênero assim como os movimentos feministas não enxergam a raça, e isso acentua as experiências de opressões feminizadas.

As discriminações sofridas por essas mulheres podem ser exemplificadas. Crenshaw (2004) relata que em uma fábrica nos Estados Unidos homens negros eram contratados, assim como mulheres brancas, entretanto, mulheres negras, não. Somente as mulheres brancas eram contratadas para trabalhos como secretárias ou garçonetes, que seriam atividades apropriadas para mulheres, mas nesse caso, não para todas. As empresas não contratavam mulheres negras para serem a primeira face vista pelos clientes.

Em seu livro “Mulheres, raça e classe”, Angela Davis (2016) traz uma rica e importante discussão sobre a interseccionalidade pois aponta como as opressões de raça, classe e gênero estruturam nossa sociedade, e, por conseguinte, as mulheres negras se mostram como o grupo mais atingido pelas consequências dessas opressões. Davis deixa exposta a necessidade de não hierarquizar as opressões sofridas, mas sim mostrar como elas se interseccionam. Akotirene (2019) corrobora ao afirmar que não existe hierarquia de opressão, mas sim uma heterogeneidade de opressões conectadas que são geradas em uma matriz de opressão colonialista, que sobrevive graças ao racismo cisheteropatriarcal²³ capitalista.

²³ É um sistema sociopolítico no qual a heterossexualidade cisgênero masculina tem supremacia sobre as demais formas de identidade de gênero e sobre as outras orientações sexuais. É um termo

Em uma análise histórica do feminismo negro norte-americano no século XIX e início do XX, Davis (2016) aborda o lugar das mulheres negras, desde o período escravocrata, nas lutas pela abolição da escravatura como também no movimento sufragista. Inicialmente, a autora aponta para situação das mulheres escravizadas, onde não havia influência patriarcal sobre essas, pois elas trabalhavam pesado, eram punidas e tinham condições iguais aos homens. Além desses castigos, a mulher negra escravizada também sofria de violências por serem mulheres, como o estupro, “aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escravo” (Davis, 2016, p. 19).

A feminilidade, caracterizada pela delicadeza, fragilidade, instinto materno, e doçura, não passa de uma construção política. Esse modelo de mulher construído não abarca a realidade das mulheres negras. Davis relata a história da abolicionista Sojourner Truth, uma mulher negra, que ao fazer um discurso perguntou de forma provocativa “e eu não sou uma mulher?”.

Após a abolição, as mulheres negras passaram a desenvolver o trabalho doméstico em casas de pessoas brancas. No Brasil, Lélia Gonzalez (1983, p. 230) também afirma que à mulher negra cabe o papel da doméstica, “ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas”. É no cotidiano que as mulheres negras conseguem constatar como são vistas como domésticas.

Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem ‘educadas’ ou estarem ‘bem vestidas’ (afinal, ‘boa aparência’, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria ‘branca’, unicamente atribuível a ‘brancas’ ou ‘clarinhas’) (Gonzalez, 1983, p. 230).

Importante também sinalizar o racismo presente no movimento sufragista feminino, onde houve a exclusão das demandas das mulheres negras pelo direito ao voto com a justificativa de que defender o voto das mulheres negras poderia

que enfatiza que a discriminação exercida tanto sobre as mulheres como sobre as pessoas LGBT e tem o mesmo princípio social machista.

dificultar a conquista do voto feminino. Houve a total inexistência qualquer forma de sororidade²⁴ das mulheres brancas para com as negras (Davis, 2016).

A comunidade negra e as mulheres negras sempre lançaram mão de formas de resistência e luta. Inclusive na mobilização pela educação, na aprendizagem da escrita e leitura, muitas vezes de forma clandestina, era um dos caminhos usados na resistência.

A história da luta das mulheres por educação nos Estados Unidos alcançou o auge quando as mulheres negras e brancas comandaram juntas, depois da Guerra Civil, a batalha contra o analfabetismo no Sul (Davis, 2016, p. 124).

Posto isso, podemos afirmar que a interseccionalidade atua “desfazendo a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única” (Akotirene, 2019, p.14). E é a partir dela que devemos combater juntos, o racismo, o capitalismo e o heteropatriarcado. É através da interseccionalidade que, “em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos” (Akotirene, 2019, p. 43).

Nesse levantamento teórico importante para a nossa tese no que diz respeito às repercussões analíticas que envolvem o gênero, por último, como apontando por Crenshaw (2004), é preciso saber diferenciar o que está acontecendo em função da raça e em função de gênero. É preciso também identificar especialistas nesses assuntos, em níveis mais locais e básicos. Identificar as pessoas que trabalham efetivamente em prol de mulheres negras e que compreendam as influências que afetam a vida dessas.

Só assim a discriminação interseccional deixará de ser uma causa de desproteção para as mulheres. Só assim as discriminações racial e de gênero serão mais corretamente redirecionadas com o objetivo de garantir soluções mais eficazes. A interseccionalidade oferece uma oportunidade de fazermos com que todas as nossas políticas e práticas sejam, efetivamente, inclusivas e produtivas (Crenshaw, 2004, p. 15-16).

²⁴ Significa uma união entre as mulheres apoiada na empatia e no companheirismo que busca alcançar e manter relacionamentos e atitudes positivas entre elas. Dessa forma, as mulheres se juntam e se apoiam sem julgamentos a favor da igualdade de gêneros.

Toda essa discussão teórica de gênero contribui para compreensão de quem são as Boleiras do Aterro, quem são essas mulheres e quais as implicações o futebol, o gênero e a raça têm em suas vidas. São mulheres jovens, de meia idade, idosas, magras, gordas, de classe alta, de classe baixa, homossexuais, heterossexuais, negras, brancas, da zona norte, zona sul e zona oeste do Rio e que possuem em comum o gosto pelo futebol.

Podemos observar todas essas singularidades na imagem de capa do grupo na página do Facebook – Figura 16.



Figura 16 - Imagem de capa da página do Facebook das Boleiras do Aterro
Fonte: Página do Facebook das Boleiras do Aterro²⁵.

Ao descrever essas mulheres e sua prática, não podemos desconsiderar suas individualidades e colocá-las dentro de um padrão de único de mulher universal, como mostra Butler (2019). Em campo pude observar as diversas experiências e constituições do ser mulher das Boleiras.

Em uma de minhas incursões em campo fui convidada a participar de um jogo que ocorreria na quarta-feira à noite na mesma quadra usada aos Domingos. Prontamente aceitei o convite e, ao chegar ao Aterro encontrei diversas jogadoras que frequentavam os jogos aos domingos assim como outras novas e alguns homens. Carol, que é barbeira, estava presente e nesse dia utilizava um calção largo, uma blusa do Botafogo, chuteiras, meias dobradas na canela e uma bandana

²⁵ Disponível em: < <https://www.facebook.com/profile.php?id=100053670114479>>. Acesso em 20 abr. 2021.

na cabeça. Carol é uma jovem negra, baixinha e com alguns piercings no rosto e tatuagens espalhadas em seu corpo. Ela sempre está com seus cabelos cacheados longos e pretos muito bem penteados e com os cachos definidos.

É notável que Carol é uma jovem que se preocupa com sua aparência, ela sempre está usando munhequeiras esportivas, bandanas ou viseiras na cabeça. Em dias de sol ela costuma também usar óculos de sol. Carol é uma jovem vaidosa, mas que não se encaixa nos padrões de feminilidade esperados para mulheres. Ela utiliza roupas consideradas masculinas, não faz uso de saias, maquiagens ou outros itens considerados como femininos. A estilização que Carol faz do seu corpo, a forma como ela se veste e se apresenta se difere do padrão universal esperado para mulheres e que buscamos desencorajar nessa pesquisa. Carol reforça e expressa sua individualidade enquanto mulher, negra e lésbica na forma que se apresenta ao mundo.

As escolhas estéticas de Carol despertam a questão do gosto. O gosto por roupas masculinas é uma característica dela e de algumas outras Boleiras. Pierre Bourdieu (2007) ao desenvolver sobre gosto afirma que se trata de uma capacidade que se aprende ao longo da vida. Para ele o gosto é princípio de tudo e serve de base para classificar a si mesmo e pelo qual se é classificado. O gosto, que ele chama de preferências manifestadas, é uma afirmação prática de uma diferença inevitável. O gosto começa a ser apreendido ainda na infância e depende do capital cultural e econômico que a pessoa está inserida. Mizrahi (2019, p. 36) afirma que “o vestuário para Bourdieu, é uma extensão dos outros bens de consumo cultural, e um dos tipos de consumo que melhor realizam a função de associação e dissociação” e completa argumentando que “a moda é produto das necessidades de distinção e inclusão social”.

Carol ainda afirmou que na profissão que ela exerce as mulheres são minorias e ela precisa sempre estar se afirmando e “fazendo mais” para se manter. A barbearia é um ramo profissional muito masculino e as mulheres que se inserem nesse nicho ainda são poucas e passam por diversos desafios. Do assédio ao não reconhecimento de sua competência e capacidade para exercer a função, Carol afirma que ainda sofre muitas discriminações nesse meio. Ser uma mulher lésbica assumida, em sua opinião, é um ponto que passa mais credibilidade aos clientes que muitas vezes a enxergam como semelhante e confiam mais em seu trabalho por isso. Ela ainda me relatou que muitas vezes os seus clientes se sentem na

liberdade de abordar assunto relacionados à outras mulheres, como falar do corpo ou aparência, só pelo fato dela ser lésbica e se relacionar com mulheres.

Nessa noite atípica de quarta-feira em campo, um dos meninos que jogava com as Boleiras, um jovem branco de cabelos lisos, acendeu um cigarro de maconha e começou a fumar na lateral da quadra. Ele ofereceu o cigarro para as pessoas que estavam ali, incluindo Carol. Ela recusou se levantou e afirmou que aquilo ali era o típico exemplo do privilégio branco. Em tom de revolta Carol afirmou que ela, “enquanto uma mulher negra, favelada e sapatão” nunca poderia fazer algo daquele tipo. Carol se referia ao seu estereotipo físico que é sempre alvo de abordagens policiais simplesmente por ser quem é. Ela afirma que sem drogas ela já é constantemente parada pela polícia e que por isso não pode fazer esse tipo de coisa.

A afirmação de Carol encontra respaldo na interseccionalidade, onde sua vivência é perpassada por questões de gênero, raça e sexualidade. A vivência de Carol não é a mesma do rapaz branco que ofereceu a maconha nem mesmo de outras mulheres que não vivenciam essa intersecção. Por isso é tão importante considerá-las ao falar de minhas interlocutoras

Além do Aterro Carol também joga futebol em outros espaços, que abordarei melhor no capítulo seguinte. Ao encontrá-la em um outro local de jogo pude perceber que a maioria das jogadoras presente nesse outro espaço, que era uma quadra particular em um clube, eram mulheres brancas. Ao fim do jogo, conversando sobre a experiência de jogar ali ou em outros espaços Carol me afirmou que o futebol ali era diferente, a maioria das mulheres eram de classe social mais alta, moravam na região da Tijuca em locais longe das favelas e que não compartilhavam experiências de vida parecidas com a dela. Mas, que isso não influenciava tanto na prática do esporte, que o que ela queria mesmo era jogar futebol.

Assim como Carol, outras jogadoras possuem uma experiência perpassada pelas questões de gênero, raça e sexualidade. Em minha conversa gravada com Maria, pergunto a ela sobre sua relação com o futebol. Maria é uma mulher negra, de 63 anos e heterossexual, na referida conversa, me afirma que mesmo sempre tendo praticado esporte durante sua vida, o futebol não era uma realidade para ela, principalmente enquanto jovem e residente no Maranhão-SL. Ela afirmou que as

poucas vezes que jogou futebol, enquanto morava lá, foi brincando com seus sobrinhos.

Eu gosto muito de esportes, sempre amei, mas para mim não foi fácil desde quando criança né. Eu acordei tarde, se eu tivesse começado mais cedo hoje eu era uma jogadora né, profissional. Antigamente os homens achavam que futebol não era para a mulher né, era só homem, hoje em dia não tem mais isso né. Tudo que os homens exerciam hoje as mulheres exercem e ainda melhor os homens.

Maria relata, ainda, que durante toda a sua vida precisou trabalhar muito e que isso a afastou um pouco dos esportes, mas sempre que possível ela estava praticando algo. O futebol, que veio conhecer e praticar de fato somente quando se mudou para o Rio de Janeiro, parecia algo distante, tendo em vista o contexto em que ela estava inserida enquanto jovem. Maria, que tem 63 anos, viveu toda sua juventude com o futebol sendo proibido legalmente no país. Ela tinha 22 anos quando as mulheres puderam, perante a lei, praticar a modalidade. Assim, mesmo gostando do esporte, a participação não acontecia de forma tão facilitada em comparação aos dias atuais.

Praticamente todas as minhas interlocutoras sinalizam que já escutaram de outras pessoas - sejam elas familiares, professores, amigos e até desconhecidos - que futebol não era para mulher. Esse imaginário se mantém até os dias atuais. Outra boleira, Malu, afirma que desde a infância precisou lutar para ocupar esse espaço. Segundo ela, nas aulas de educação física, somente os meninos praticam futebol, enquanto as meninas só podiam jogar vôlei ou outras modalidades de menos contato. Em casa, ela precisou enfrentar os pais que não apoiavam e chegaram a proibi-la de jogar afirmando que esse esporte não era de mulher.

Durante minha trajetória nesse esporte também testemunhei em diversos momentos amigas e até mesmo alunas que eram proibidas de jogar futebol pelos pais. Em todas as vezes as desculpas para a proibição eram pautadas em questões de gênero e sexualidade como o medo de a filha se “tornar” homossexual pelo simples fato de jogar futebol.

A boleira Mel afirma praticar esse esporte desde que estudava no colégio, mesmo tendo passado por situações semelhantes, onde a inserção no universo futebolístico era dificultada pelo simples fato de ser mulher, ela conseguiu romper essas barreiras. Mel reconhece que nem todas as mulheres, especialmente por

volta dos 40 anos como no seu caso, tiveram a mesma experiência que ela. Mas fica feliz de que hoje as mulheres estão ocupando cada vez mais esse espaço.

Sempre joguei futebol, desde os tempos do colégio eu jogava futebol e handebol, então eu já venho de um histórico no futebol. Eu acho que a mulher está cada vez mais ocupando seu espaço. E que espaço é esse? O espaço que ela quiser. A mulher pode estar em qualquer lugar, ela pode estar onde ela quiser, ela pode fazer o que ela quiser.

Durante o período de observação puder perceber como as Boleiras enxergam a relação de ser mulher nesse espaço. Reconhecem as discriminações enfrentadas em razão do gênero, mas também compreendem todo o caminho que já foi percorrido até aqui e o papel que elas possuem ao perpetuar essa prática em um espaço público e aberto à todas as mulheres que desejam jogar. Karla afirma que sabe da responsabilidade social que elas possuem por estarem servindo de exemplo para outras meninas e mulheres.

Eu ainda acho que tem muito preconceito mesmo, pois acabam relacionando o futebol à sexualidade. Sempre acham que as mulheres que jogam é porque na verdade são homossexuais. E aqui a gente vê que não tem isso. Qualquer mulher pode jogar. O interesse é no jogo e só isso. E tem muita gente, tanto homens quanto mulheres que acham que o futebol é um esporte mais masculino e as mulheres que querem jogar muitas vezes não jogam por isso. Por essa associação com o masculino e a sexualidade. Mas na verdade tem muitas mulheres que tem habilidade, que gostam, que tem potencial para jogar bem, mas, que ficam presas nessas questões. Então, a gente está aqui mostrando para as outras mulheres que esse espaço também é nosso, que a gente também pode estar aqui. Por isso somos abertas a receber todo mundo que quer jogar, independente da sexualidade. Estamos sempre divulgando e chamando meninas para o futebol se manter. A gente não quer que morra, precisamos ter mulheres ocupando esses espaços que também são nossos. Essa quadra aqui virou o ponto das mulheres no Aterro, porque é só aqui que temos esse espaço.

Nesse contexto da prática de futebol em um espaço público no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, se faz relevante abordar o enredo do referido esporte em nosso país, trazendo as repercussões no recorte que na tese chamamos de futebol feminino.

3.2. O futebol feminino no Brasil

Quando buscamos aprender sobre a história do futebol no Brasil, muita coisa é encontrada, contudo, apenas no enquadre sobre o futebol masculino. A inserção das mulheres nesse universo eminentemente masculino é um dos aspectos menos conhecidos dessa história, como coloca Fábio Franzini (2005). Essa inserção não aconteceu de forma fácil. As fases iniciais do futebol feminino no Brasil mostram quão difícil foi esse processo, passando por questões morais, de saúde, estéticas e até mesmo proibições legais. Entretanto, segundo Silvana Goellner (2005), as mulheres protagonizam histórias no futebol há muito tempo mesmo com pouca visibilidade.

A prática esportiva por mulheres não é uma novidade e acontece desde os séculos passados, mas só no século XX que elas passaram a ter mais espaço nesse lugar considerado masculino. Anteriormente, a participação dessas mulheres era vista como uma ameaça ao esporte, aos homens e às próprias mulheres, sendo assim proibida. Os motivos dessa proibição eram porque, a princípio, acreditava-se que o excesso de suor, o esforço, a rivalidade, os músculos hipertrofiados, os movimentos bruscos, as roupas leves e ajustadas ao corpo e a seminudez iriam prejudicar a imagem ideal de feminilidade das mulheres e poderiam, ainda, desestruturar esse espaço de sociabilidade dominado pelos homens, ameaçando a superioridade masculina.

Segundo esse pensamento exposto acima, o corpo feminino deveria servir para que as mulheres fossem capazes de reproduzir e a atividade física, nesse enquadre, deveria contribuir para esse corpo de mãe. Somente algumas atividades eram recomendadas, em geral aquelas que não eram consideradas muito violentas, o futebol era proibido. Essas ideias se difundiram por todo o mundo, inclusive no Brasil (Goellner, 2005).

No início do século XX houve uma expansão do esporte e a criação de diversos clubes no país.

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos,

por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição. (Goellner, 2005, p. 145).

Autores como, Suraya Darido (2002), Franzini (2005), Goellner (2005), Jorge Knijnik & Esdras Vasconcellos (2003), Leila Salvini & Marchi Júnior (2016) sinalizam em suas respectivas pesquisas as proibições e dificuldades encontradas pelas mulheres para a prática do futebol no Brasil.

Houve no país um movimento contrário à participação das mulheres em algumas modalidades esportivas. Segundo Goellner (2005, p. 145), o General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos (CND) em 1941, “subsídios para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres a algumas modalidades”, entre elas estavam as lutas, algumas modalidades de atletismo e outros esportes que exigiam maior uso de força. Esse foi o Decreto-lei nº 3.199, que afirmava em seu artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza” (Franzini, 2005, p. 322).

Assim, em 1945, o CND aprovou a deliberação número 7 que “em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, Rugby, halterofilismo e baseball” (Goellner, 2005, p. 145).

Essa proibição era pautada em argumentos biológicos, apoiados por médicos e fisiologistas e que em muita conversa com as ideias de gênero expostas anteriormente (Rubin, 1975). Existia uma preocupação com os riscos que o futebol poderia causar no organismo da mulher, considerado como frágil, e como isso poderia prejudicar sua capacidade de reprodução.

Além do machismo e do moralismo que essas ditas preocupações com o bem-estar das brasileiras não conseguem esconder, elas revelam que, na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas ‘funções naturais’ para invadirem o espaço dos homens. Não por acaso, o foco do debate centrava-se nos usos que as mulheres faziam de seu próprio corpo, daí derivando-se o tema da maternidade. À mulher caberia, entre outras obrigações, contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis, algo que, pensava-se, só seria alcançado se a mulher preservasse sua própria saúde. Se esta condição não excluía a prática de esportes, é certo que nem todo esporte a ela se adequava. O futebol feminino, portanto, só

poderia mesmo representar um ‘desvio de conduta’ inadmissível aos olhos do Estado Novo e da sociedade brasileira do período, pois abria possibilidades outras além daquelas consagradas pelo estereótipo da ‘rainha do lar’, que incensava a ‘boa mãe’ e a ‘boa esposa’ (de preferência seguindo os padrões *hollywoodianos* de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico (Franzini, 2005, p. 321, grifos do autor)

Apesar da interdição oficial dessas práticas consideradas nocivas para as mulheres, muitas delas, indiferentes às convenções morais e sociais daquele tempo, ainda as praticavam, independentemente das proibições. Dentre esses esportes praticados, se encontra o futebol que têm registros de jogos desde 1921 (Goellner, 2005). Existem diversos registros que indicam o surgimento do futebol feminino no Brasil, mas esse esporte, de forma autorizada e institucionalizada, só teve início em meados da década de 80 (Darido, 2002).

A revogação dos decretos que proibiam a participação das mulheres só ocorreu no final dos anos 70 e início dos anos 80, tendo assim um atraso de mais de 30 anos (Salvini; Marchi Júnior, 2016). Segundo Goellner (2005), foi em 1979 que o CND revogou a deliberação que proibia a prática de futebol como também o futebol de salão femininos. “Somente em 1986 o CND reconheceu a necessidade de estímulo à participação das mulheres nas diversas modalidades esportivas do país” (Darido, 2002. p. 3).

Mesmo após a liberação, as participantes dos esportes considerados masculinos, eram alvo de preconceitos. Franzini (2005, p.3) corrobora ao dizer que “cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros”. Goellner (2005) também aponta a criação de diversas equipes femininas nos primeiros anos da década de 80 e acrescenta que, nesse período, alguns campeonatos femininos passaram a ocorrer e ganhar visibilidade no calendário esportivo do país.

Quando a prática de esportes passa a ser permitida para as mulheres acontece uma virada de foco, nesse momento o corpo das mulheres passa a ser erotizado.

Se para as mulheres do início do século XX a beleza era vista como sinônimo de saúde e também de uma genitália adequada para cumprir suas funções reprodutivas, a partir dos anos 70, a esse discurso se incorporará outro: o da erotização de seus corpos. Assim, estádios, ginásios, academias, parques e praças são identificados como locais sociais a espetacularizar os corpos das mulheres

ressaltando alguns atributos designados como característicos de seu sexo: a graciosidade, a beleza e, sobretudo, a sensualidade. Objeto do olhar de outrem, o corpo erotizado no e pelo esporte, inventa uma imagem da atleta contemporânea que, mesmo exercitada fisicamente, inscreve no seu corpo marcas que o tornam absolutamente desejável (Goellner, 2005, p. 147).

Essa erotização e esse foco no corpo das mulheres fizeram com que se criasse um imaginário estético ideal para a atleta. Tanto que os autores Goellner (2005) e Knijnik & Vasconcellos (2003) exemplificam essa questão citando o campeonato Paulista de Futebol Feminino, onde em 2001 a Federação Paulista de Futebol queria promover o esporte a partir da seleção de atletas para o campeonato. Entretanto, essa busca de atletas não era pautada nas habilidades das jogadoras, mas sim em um ideal de “beleza” e “feminilidade” desejados. O objetivo do campeonato era o embelezamento das atletas para criar uma vitrine que unisse o futebol à “feminilidade”. Segundo a federação, as moças deveriam ter entre 17 e 23 anos e possuir características femininas, como cabelos longos. Afirmava-se que diferentemente dos homens, no jogo feminino só as habilidades esportivas não eram suficientes, elas precisavam também ser bonitas.

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraente, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil. (Goellner, 2005, p. 147-148).

Esses fatos mostram o quão a categoria gênero é central e necessária para compreender esse esporte no Brasil, tanto na sua história quanto atualmente. Existe uma espetacularização do corpo, aceita e incentivada, que atinge os espaços esportivos. Os corpos femininos atléticos, fortes e modificados pela atividade física, muitas vezes causam estranhamentos e são alvos de questionamentos acerca da feminilidade dessas mulheres, questionando-se sua sexualidade e colocando em dúvida a autenticidade de seu sexo (Goellner, 2005). Existe uma enorme “dificuldade em lidar com o próprio corpo atlético da mulher, o qual nem sempre pode, ou quer, corresponder a padrões de beleza determinados por terceiros” (Knijnik; Vasconcellos, 2003, p. 10).

Na prática, as mulheres ainda enfrentam diversas formas de dificuldades, tanto culturais quanto materiais, em sua inserção no futebol, o que faz com que

esta prática não se expanda de forma linear no Brasil. Nem mesmo as conquistas olímpicas da seleção feminina de futebol em Atlanta (1996) e Sydney (2002), ambas em quarto lugar, e uma medalha de bronze na Copa do Mundo, em 1999, fizeram com que esse esporte se consolidasse como o feminino (Franzini, 2005).

De uma forma geral, a sociedade brasileira parece tolerar o futebol feminino, mas ele ainda não possui a mesma visibilidade que o futebol masculino, ou mesmo o futebol feminino em outros países, como apontam Fábio Teixeira & Iraquitã Caminha (2013). Essa é uma diferença entre o futebol feminino no Brasil e em países da Europa ou nos Estados Unidos.

Os meios de comunicação o veiculam muito pouco, enquanto que os homens aparecem quase todos os dias nos jornais, revistas e telejornais; seus jogos são televisionados periodicamente, são até dois jogos dos campeonatos nacionais, estaduais e até internacionais durante a semana na TV aberta, se falarmos das TVs por assinatura há inclusive a possibilidade de se comprar todos os jogos de um determinado campeonato. Enquanto que os jogos do campeonato Paulista de futebol feminino, Copa do Brasil feminina, por exemplo, ficam relegados aos horários de pouco íbope e às vezes televisionados por emissoras de menor expressão, pois as grandes não demonstram muito interesse em transmiti-los (Sardinha, 2017, p. 96).

Sendo assim, se considerarmos que o Brasil é o país do futebol, e que aqui esse esporte é incorporado à identidade nacional, para as mulheres, esse ainda é um espaço a conquistar. Existe a necessidade de ressignificar a prática desse esporte e mostrar que ele também pode ser um espaço feminino de socialização e exercício de liberdades (Goellner, 2005).

Nos temos de Kessler (2015, p. 256-257, grifos da autora):

Situado fora da lógica do mercado futebolístico por seus ganhos financeiros, mas tendo a matriz espetacular como referência, o *futebol de mulheres* é um futebol em constante (re)criação. O *futebol de mulheres* vai além deste modelo comercial e pontua a existência de práticas que prezam pela participação e persistentes tentativas na concretização de projetos, práticas que em sua maioria foram invisibilizadas no decorrer da história. Essas práticas demonstram que é possível outro olhar e se pensar a diversidade de futebolis existentes.

O futebol é uma prática generificada, de fato, contudo também envolve uma diversidade de expressões e potencialidades que vão além do nível profissional. A presença de mulheres em campos e quadras movimenta um universo de símbolos e significados, como é o caso das Boleiras. Então, é necessário, ao se pensar em

gênero, buscar compreender como as jogadoras lidam com suas demandas em função desse esporte. “Estas mulheres apresentam diferentes perspectivas de gênero e nem todas evocam os mesmos valores, vestimentas, habilidades e anseios” (Kessler, 2015, p. 158).

Longe das telas e dos noticiários, as mulheres ocupam espaços esportivos diversos dentro do contexto urbano e de forma impactante. Mesmo não presentes na historiografia do futebol no Brasil, as práticas esportivas realizadas por essas mulheres existem e resistem no Brasil e no mundo (Kessler, 2015).

Em meu trabalho de campo pude observar que em sua maioria, as jogadoras praticam esse esporte desde criança. As Boleiras relatam em muitos momentos como o esporte fez parte de sua vida desde a infância mesmo sem nenhuma representatividade feminina. A experiência das minhas interlocutoras corrobora com a minha própria experiência. Mesmo escutando que aquele esporte era para meninos/homens, não tendo apoio e representatividade, o esporte entrou em vida quando eu era ainda muito nova.

A experiência de realizar dribles, chutes e marcar gols sempre me trouxe muito prazer e satisfação. Jogando com meu irmão no quintal de casa, na rua com os amigos ou até mesmo na escola, com meninas e meninos, sempre busquei e insisti nessa prática. Carol compartilha uma experiência semelhante à minha. Durante uma conversa ela mencionou que sempre jogou futebol e que não se recorda de quando e como começou a jogar. Desde criança, bem pequena, a bola era seu brinquedo favorito. Sem referências femininas ela se inspirava nos craques do futebol masculino. Botafoguense, por influência do pai, ela afirma que o time de coração teve grande influência no gosto pelo esporte e que mesmo não se sentindo representada enquanto mulher, sempre quis praticar.

Dani, que não é natural do Rio de Janeiro, também compartilha uma história parecida e disse que ao se mudar para a cidade uma das primeiras coisas a serem colocadas na mala foi a chuteira para jogar futebol. Para ela o futebol ocupa um lugar muito importante e nunca ficou muito tempo sem jogar. Dani praticava na escola e em escolinhas de futebol desde a infância, e, mesmo sem perspectivas de se tornar uma jogadora profissional, nunca parou de jogar. Em uma conversa relatei que não tinha chuteira pois quando me mudei para o Rio de Janeiro acabei deixando a minha em Minas Gerais na casa dos meus pais. Dani riu e disse que nunca esqueceria a dela.

A invisibilidade da mulher no futebol é um processo histórico, muito devido aos 42 anos de proibição desse esporte para elas, que reverbera e afeta essa modalidade ainda hoje. Contudo, a prática nunca foi inexistente, como já pontuado. Mulheres sempre jogaram e continuam a jogar, atualmente em número cada vez maior, com maiores representatividades onde temos nomes como Marta, Cristiane, Formiga, Debinha, Beatriz, Tamires e tantas outras reconhecidas atualmente no mundo todo. É difícil afirmar com certeza o que fez com que essas mulheres se tornassem jogadoras de futebol em um contexto que não favorecia essa consolidação. Mas podemos afirmar que se trata de fatores múltiplos, onde as relações sociais não podem ser previstas ou delimitadas a priori, são tecidas na interação dessas mulheres com mundo, o esporte e seus pares. Como afirma Kessler (2015, p. 30-31, grifos da autora) “o *futebol de mulheres* revela questões ainda mais profundas que a aparente exclusão da mulher dos espaços esportivos”.

Muitas das Boleiras têm o hábito de ir aos jogos no Aterro utilizando camisas de times de futebol, tanto do Brasil como internacionais. Em quase dois anos de observação nunca vi uma jogadora utilizando uma camisa de algum time ou seleção feminina, com nome de alguma jogadora profissional nas costas. As camisas eram sempre dos times masculinos e com nomes de jogadores muito conhecidos como Messi, Cristiano Ronaldo, Neymar, Gabi Gol, Bruno Henrique e outros jogadores mundialmente conhecidos. Em uma pesquisa em lojas esportivas percebi que é muito difícil encontrar camisas de jogadoras, a única que encontrei foi uma da seleção brasileira com o nome da Marta.

Durante a Copa do Mundo de Futebol Feminino em 2023, tive oportunidade de acompanhar o grupo do WhatsApp das Boleiras. As jogadoras se mobilizavam para assistir e comentar os jogos no grupo, que ficava muito movimentado durante os jogos da seleção brasileira. As Boleiras também problematizaram o fato de que na copa do mundo de futebol masculino os locais de trabalho liberavam seus funcionários mais cedo ou permitiam o ponto facultativo para que todos pudessem assistir ao jogo, já na copa feminina, essa não era uma realidade. Não existe a mesma movimentação por parte da imprensa, dos torcedores, dos patrões e funcionários. Muitas Boleiras não conseguiam acompanhar os jogos por estarem trabalhando.

Além das discussões sobre o jogo em si, elas questionavam muito sobre esses aspectos externos ao campo e que influenciam para o futebol feminino não

ter o mesmo prestígio que o masculino. Da cobertura feita pela imprensa aos patrocínios recebidos, nada se compara ao futebol masculino. Ainda no primeiro jogo da seleção, Gi, Bia e Carol comentavam no grupo que não tinham muitas expectativas de o Brasil ter um bom resultado nessa copa. Elas não confiavam no trabalho da ex-técnica da seleção, a sueca Sundhage. Elas questionavam sobre o porquê de não ter uma técnica brasileira que entendesse a língua e cultura do nosso país. Questionavam, ainda, a escalação feita que, segundo Gi, faltava talentos como a nossa camisa nove Cristiane, que ficou de fora dessa edição.

Antes, durante e depois dos jogos o grupo estava sempre movimentado. Elas afirmavam a importância de prestigiar a seleção, mesmo com todos os questionamentos e sem acreditar que iríamos longe na competição. Bia afirmava a importância de os jogos estarem sendo transmitidos na TV aberta em rede nacional pela primeira vez e que isso poderia ser um início de uma nova história para o futebol de mulheres no Brasil.

Ainda tem muito que conquistar e melhorar, mas olha aonde já chegamos. Há uns anos isso era impensável. Estamos na maior rede de TV aberta do país. Parece pouco, mas acredito que é um avanço muito grande. Imagina quantas meninas que sonham em ser jogadoras e que gostam de futebol estão assistindo esses jogos? Diferente da nossa época, elas vão ter oportunidade de ver nossas meninas jogando. Isso é bom demais!

Mesmo com o péssimo resultado da seleção brasileira na competição e a eliminação precoce das jogadoras do Brasil ainda na fase de grupos que levou a nossa seleção para 18ª posição²⁶ no ranking da FIFA, as Boleiras seguiram assistindo a copa e comentando no grupo sobre o desempenho das demais seleções até o jogo final da competição, onde a Espanha se consagrou campeã pela primeira vez.

O movimento das Boleiras nos jogos da Copa mostrou que mesmo não tendo a mesma referência e identificação que possuem com o futebol masculino, elas estão em busca disso. Elas desejam ter ídolos e grandes nomes femininos que ocupem essa posição, desejam acompanhar e ver o futebol feminino crescer cada vez mais. Em suas falas expressam o desejo de que a próxima geração de

²⁶ Essa foi a pior colocação da Seleção em Mundiais adultos, tanto masculinos quanto femininos.

mulheres boleiras não precisam se inspirar em jogadores homens, mas sim nas grandes atletas que temos no futebol feminino.

3.3. Conceito de Agência, Gênero e Futebol

Os conceitos de agente e agência são intimamente relacionados com o conceito de poder e geralmente são empregados em debates sobre a relação entre indivíduos e estrutura social. Nigel Rapport & Joanna Overing (2000, p. 1) pontuam que “eles também pertencem, no entanto, à natureza da consciência individual, sua capacidade de se constituir e se reconstituir e, em última instância, à extensão de sua liberdade de determinação exterior”. Os agentes agem, e a agência é a capacidade, o poder, que se tem de ser o originador dos atos. Agentes são sujeitos de ação.

A agência é entendida melhor por meio do paradoxo da subjetivação, sendo – segundo Saba Mahmood (2006, p. 135):

Um processo que não só assegura a subordinação do sujeito às relações de poder, mas também produz os meios através dos quais ele se transforma numa entidade autoconsciente e num agente. Nesta perspectiva, a agência não é simplesmente um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também uma capacidade para a ação facultada por relações de subordinação específicas.

Devemos pensar a “agência” não simplesmente como um sinônimo de resistência às normas sociais, mas como uma modalidade de ação, que levanta questões interessantes sobre o tipo de relação estabelecida entre o sujeito e a norma (Mahmood, 2005).

Em seus estudos sobre mulheres mulçumanas, Abu-Lughod (2002); Emma Tarlo (2015) e Saba Mahmood (2005, 2006) apontam como a sociedade ocidental enxerga essas mulheres como vítimas de um sistema de opressão que as coloca em posições subalternas, provocando extremo sofrimento e privação de liberdade. Nesse interesse pelo “sofrimento” dessas mulheres, símbolos como o uso do véu, ou a participação em movimentos religiosos são tidos como mecanismos de opressão. Entretanto, em suas pesquisas as referidas autoras demonstram que essas mulheres não são sujeitos desprovidos de agência, em sua maioria estão

cientes da situação que se encontram e criam suas próprias estratégias de sobrevivência.

Utilizaremos as pesquisas dessas autoras para exemplificar as capacidades de ação utilizadas pelas mulheres nas diversas relações de subordinação enfrentadas. Em seu texto, “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros”, Abu-Lughod (2002) aponta essa obsessão que o Ocidente tem para com o “sofrimento” das mulheres muçulmanas. Nesse contexto, existe uma retórica da necessidade de salvação dessas mulheres. Ela aponta, ainda, como os símbolos femininos, como o uso véu/burca, foram mobilizados de forma a elaborar ideias superficiais sobre um conflito complexo e que acabou produzindo imagens deturpadas da realidade, reforçando divisões abismais, entre os “povos civilizados pelo mundo”, ou seja, o Ocidente e os talibãs, que são vistos como terroristas e monstros culturais.

Em muitos casos, o uso do véu é feito de forma consciente e voluntária por essas mulheres, servindo muitas vezes como uma forma de proteção e liberdade para se locomoverem em espaços públicos. Essas formas de vestimenta se tornaram tão convencionais que a maioria das mulheres dava pouca importância ao seu significado. Dessa forma, o uso desses símbolos é uma escolha dessas mulheres, elas são agentes responsáveis por suas escolhas. Precisamos trabalhar com a aceitação da possibilidade da diferença e reconhecer que essas mulheres possam querer coisas diferentes daquelas que nós desejaríamos para elas. É preciso trabalhar para poder reconhecer e respeitar as diferenças (Abu-Lughod, 2002).

Sobre indumentárias, Daniel Miller (2013) afirma que elas são a própria forma pela qual uma pessoa pode descobrir quem realmente é. As roupas constituem as pessoas. Em seu texto apresenta o exemplo do sári indiano, que segundo Miller, iniciou sua carreira como opressivo, mas passou a ser muito poderoso. Em seu exemplo o autor mostra como o uso do sári, ao vestir a mulher, faz dela o que ela é. O ‘pallu’, que é a parte solta do sári, funciona como uma terceira mão para as mulheres; é como se fizesse parte do corpo delas. Ele é utilizado de forma a ajudá-las em tarefas diárias como: segurar panelas quentes, tapar o rosto, limpar a sujeira do bebê, e até mesmo para sedução. Mas, também pode trai-la como, por exemplo, ao segurar uma panela quente pode vir a pegar

fogo, pode também ficar preso na porta do carro causando algum acidente. Dessa forma, a habilidade da mulher em vestir e manusear seu sári é muito importante, pois ele concede a ela algumas capacidades que ela não teria sozinha. A vestimenta “desempenha papel considerável e atuante na constituição da experiência particular do eu, na determinação do que é o eu” (Miller, 2013, p. 63).

Da mesma forma, em seu artigo “Islamic Cosmopolitanism: the sartorial biographies of three muslim women in London”, Tarlo (2015) narra sobre a vida e vestimentas de três mulheres muçulmanas que vivem em Londres. Apesar de o uso de roupas visivelmente identificáveis como islâmicas ser normalmente interpretado como um sinal de conservadorismo estreito ou ativismo político, as vivências dessas mulheres sugerem outra coisa. Seus vestuários e estilos são produtos criativos de seus costumes de vida e atitudes cosmopolitas onde as preocupações com moda, religião, política e estética estão entrelaçadas de maneiras interessantes, pois o uso dessas vestimentas é feito de forma voluntária e intencional.

Já Mahmood (2005, 2006) baseia suas pesquisas em seu trabalho de campo etnográfico entre devotas muçulmanas no Cairo e se preocupou com a forma como a agência dessas mulheres é entendida na análise feminista secular. Ela descreve como as mulheres do movimento pietista nas mesquitas se articulam para participar desse movimento, de forma sempre voluntária, onde muitas vezes precisam inclusive se indispor com familiares e até mesmo com seus maridos para praticarem sua fé. Mahmood busca atentar para os diferentes significados de agência que surgem dentro das práticas do movimento das mesquitas e se recusa a classificar as participantes desse movimento como “feministas subalternas”.

É importante pensar a “agência” não simplesmente como um sinônimo de resistência às normas sociais, mas como uma modalidade de ação. É necessária a separação do conceito de agência feminina de subversão e resistência. É preciso “conceptualizar a agência não só como um sinônimo de resistência a relações de dominação, mas também como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações de subordinação específicas” (Mahamood, 2006, p. 2006). No caso das mulheres pietistas, desempenha-se agência no próprio processo de se submeter ao movimento, de praticar a modéstia, de educar seu corpo para agir da forma desejada, ou seja, o ato de treinar para ser piedosa.

A partir das contribuições dessas autoras, podemos refletir e tentar compreender as ações realizadas por meninas e mulheres, as Boleiras, na prática do futebol, que podem ser de resistência ou não. Existem poucas pesquisas que apontam as estratégias utilizadas pelas jogadoras na prática do futebol e as poucas que apresentam não fazem nenhuma relação com o conceito de agência. Mas, ao fazer essa relação, podemos compreender as praticantes desse esporte, assim como as mulheres mulçumanas, como agentes, e entender que suas ações dentro desse espaço esportivo são feitas conscientemente.

Em sua pesquisa com crianças em idade escolar, Artur Pereira (2019), afirma que meninos e meninas possuem práticas, experiências, criações e movimentos de resistências contra a colonização do seu mundo pelos adultos e que essas crianças tensionam as tramas do sexismo e machismo. Ele exemplifica sua afirmação com o caso de uma aluna, Manu. De acordo com seu relato, um grupo de cinco meninos e Manu estavam jogando futebol e ele pôde perceber que a menina organizava tudo, quem deveria chutar a bola e para quem, determinava que os meninos ficassem parados, um ao lado do outro, como uma barreira humana. Então os meninos começaram a reclamar, pois Manu queria jogar somente do jeito dela. Manu não se abala e logo os meninos voltam para o grupo e todos continuam brincando o futebol do jeito dela.

Esses gestos de resistência e transgressão produzidos por Manu, junto aos meninos no espaço da escola, podem ser pensados criticamente a partir das inquietações feministas, que com as diversas correntes teóricas, objetiva acabar, senão ao menos reduzir, as hierarquias entre meninos/homens e meninas/mulheres. Por certo, a crítica feminista vai de encontro com os movimentos criativos de Manu. Eles, nos impulsionam a refletir sobre as mudanças nas relações sociais de gênero que, historicamente, baseiam-se numa supremacia masculina que subjuga o feminino distinguindo atividades, comportamentos e corpos. O fato dos meninos se sentirem incomodados com as modificações das regras que estavam acostumados e com o suposto 'controle' da menina sobre seus desejos e corpos, gera uma tensão necessária para que se possa pensar como as experiências articuladas pelas ideias sexistas e machistas vão estruturando as relações entre os gêneros (Pereira, 2019, p. 37-38).

Sobre estratégias femininas de resistência para a prática do futebol na escola, Eustáquia Sousa & Helena Altmann (1999), em sua pesquisa sobre meninos e meninas na educação física escolar, exemplificam uma situação em que o exercício de resistência das meninas ficou muito evidente. O relato se trata de

um dia em que as meninas jogaram futebol durante todo o recreio, espaço que, segundo as autoras, era ocupado diariamente pelos meninos.

Para se inserirem naquele universo masculino, as meninas lançaram mão de estratégias. Primeiro, visando evitar conflitos, chegaram cedo nas quadras com uma bola, organizando-se antes mesmo da chegada dos meninos. Segundo, permitiram que dois deles fossem os árbitros do jogo. Ao conceder-lhes o papel de autoridade, elas fizeram da aparente aceitação do domínio masculino daquele esporte uma estratégia para jogar, pois, ainda que o papel de árbitros lhes tenha sido concedido, o exercício pleno desta função não o foi, pois eram as meninas que mandavam em quadra. Apesar de todos os xingões que ouviram, os árbitros, e não as jogadoras, estiveram prestes a levar um cartão vermelho e serem expulsos de campo. A resistência das meninas ao domínio masculino das quadras foi tão eficiente que a situação se inverteu: elas passaram a dominar e eles, a resistir. Houve, então, um efeito de contra-resistência: ao perceberem que elas dominavam as quadras, os meninos tentaram restabelecer seu domínio, planejando uma invasão e chamando as meninas que jogavam de Marias-homem. Ainda assim, as Marias jogaram o recreio inteiro (Sousa; Altmann, 1999, p. 59-60)

As situações acima nos mostram estratégias utilizadas pelas meninas, na referida pesquisa, em termos de resistência. Entretanto, essas estratégias nem sempre são de subversão e resistência. Assim como apontado por Mahamood (2006), a agência deve ser vista também como uma modalidade de ação, e não somente pelo viés da resistência.

Nesse sentido vejamos o relato de Altmann (1998, p. 33) em sua pesquisa intitulada “Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na educação física”, onde ela demonstra como muitas vezes as estratégias das meninas se diferem:

Enquanto a estratégia predominantemente utilizada pelos meninos para conquista do espaço era a transgressão, a das meninas era a não-transgressão. Ao obedecer às normas, elas conquistavam a cumplicidade da professora, alcançando, assim, alguns de seus objetivos.

Pôde-se perceber que as meninas recorriam sempre à professora para a resolução de conflitos, especialmente quando eram com os meninos. Entretanto, a confiança das meninas na intervenção da professora só poderia ser interpretada como uma dependência feminina até certo ponto, pois elas faziam dessa dependência uma estratégia de conquista.

Assim, elas ‘usavam’ a professora para agir contra os meninos e conquistar o que desejavam. Ao vê-la repreendendo ou punindo os meninos, parece que quem agiu foi a professora, e que as meninas, além de incapazes de enfrentar o problema, foram passivas na sua resolução. Entretanto, quem a levou a agir, foram elas, ou seja, através da intervenção da professora. Escondendo-se atrás dela, as meninas ‘vingavam-se’ dos meninos (Altmann, 1998, p. 36).

O fato de as meninas transgredirem menos as normas e recorrerem mais vezes à intervenção da professora, não significa que elas sejam mais dependentes ou submissas que os meninos. Isso só demonstra que as meninas utilizam estratégias diferentes para conquistar o desejado, nesse caso a não transgressão e a cumplicidade com a docente (Altmann, 1998).

Em sua etnografia, Damo (2007, p. 149) apresenta o exemplo da jovem Laura, que ao praticar futebol no meio dos meninos usou de uma estratégia diferente para obter seu reconhecimento: “para enfrentar as tentativas de enquadramento e humilhação, ela entregou-se ao aprendizado das técnicas necessárias a fim de se fazer respeitar”. Laura se dedicou diariamente aos treinamentos, com muita obstinação, se exercitava isolada dos demais meninos, especialmente dos mais habilidosos. Depois de muito treino, aprendizado e lapidação dos movimentos, pode-se perceber uma grande melhora no desempenho técnico da menina.

Provavelmente Laura não teria se empenhado tão disciplinadamente na domesticação dos gestos futebolísticos, se não houvesse incorporado, a partir de outros espaços, a convicção de que meninas não são feitas para ocupar a periferia dos processos sociais. Em certa ocasião, a própria mãe de Laura invocou a história familiar, definindo-se como pertencente a uma família de ‘mulheres que vão à luta’ (Damo, 2007, p. 149-150).

A discussão sobre agência nos ajuda a compreender as mulheres jogadoras de futebol dentro de uma chave comparativa e crítica, onde cada uma possui sua forma de ser e existir no mundo, buscando fugir do estereótipo de preconceito e discriminação no qual estão inseridas e que muitas vezes reduzem suas experiências nesse esporte à apenas isso.

4 BOLEIRAS DO ATERRO: uma rede

O grupo²⁷ Boleiras do Aterro são mulheres que se reúnem para jogar futsal. O futsal é o que une essas pessoas. Entretanto, apesar de ter participantes que estão presentes praticamente todos os domingos, esse agrupamento possui uma especificidade: existe uma constante modificação dos integrantes. Praticamente todo domingo é possível observar uma nova jogadora, ou jogadoras pontuais, que estão pelo Aterro e participam somente naquele dia. Também acontece de Boleiras que participam do grupo há muitos anos passarem muito tempo sem ir jogar. Portanto, nessa dinâmica, não importa quem são as mulheres presentes, o que realmente importa é que tenha a quantidade necessária para que seja possível a realização do Fut. Nessa dinâmica, semanalmente, acontecem associações e dissociações e o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos, independentemente de quais sujeitos estejam presentes.

George Simmel (1983, 2006) defende que a base da sociedade humana se dá a partir da interação entre os indivíduos que se agrupam em unidades a partir de seus interesses individuais, e se desenvolvem conjuntamente para satisfazer tais interesses. É na interação com o outro que as coisas se tornam sociais. Simmel nomeia essa forma de interação como “Sociação”. A sociação depende da forma e do conteúdo, sendo a forma caracterizada como a maneira que os indivíduos interagem e, o conteúdo é tudo que existe no indivíduo como interesses, impulsos e objetivos. É a partir do conteúdo que o indivíduo irá causar ou receber efeitos nos/dos outros utilizando-se dos fatores pessoais intrínsecos à pessoa. A forma da interação pode acontecer de diversas maneiras como conversas, gestos, expressões etc.

Dessa maneira, a sociação cria diversas formas de interagir, guiadas pelo interesse. Esse interesse e necessidade faz com que os indivíduos se unam em um desejo de estar associado, pois existe uma satisfação nisso. Simmel (1983) nomeia esse fenômeno como “impulso da sociabilidade”, que faz com que a sociação seja um valor apreciado. Isso constitui a sociabilidade.

²⁷ Utilizo a palavra grupo pois é dessa forma que as Boleiras se intitulam. O uso da palavra grupo aqui tem sentido de associação, agrupamento, reunião.

A sociabilidade é definida pelo autor como forma lúdica ou autônoma da socialização, desligada de qualquer formalidade. Para ter sociabilidade é preciso que haja automização total na interação, ou seja, ela precisa estar desvinculada da realidade, deve ser pura, com interesses múltiplos e não ter outra finalidade além do prazer de socializar. A sociabilidade é restrita aos associados e aquele espaço de tempo não é compartilhável com terceiros, não pode ser acumulada e deve atender a interesses comuns.

Aqui, ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com um outro, para um outro, contra um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. as formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria. são liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação destes laços. é isto precisamente o fenômeno a que chamamos de sociabilidade (Simmel, 1983, p. 168).

O autor ainda exemplifica com algumas formas de sociabilidade:

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de socialização são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal (Simmel, 2006, p. 64).

A sociabilidade é uma forma lúdica de interagir com outro e de se desvincular da realidade, onde o maior objetivo é o lazer, entretenimento, diversão, estar perto, conversar, focar com aqueles que você gosta ou compartilha interesses comuns. A socialização é prazerosa para as pessoas envolvidas, que se associam por vontade própria e se ligam uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si.

Elias & Dunning (1992) também abordam a questão da sociabilidade, especialmente na questão do lazer e esporte. Para os dois autores, a sociabilidade é um elemento básico do lazer. E por isso promove um sentimento agradável de prazer ao estar na companhia de outras pessoas, livre de obrigação e por vontade própria. Nesse sentido, o lazer proporciona uma maior interação entre as pessoas. Os autores argumentam, ainda, que “as categorias de sociabilidade como uma

forma de passar o seu tempo livre, tanto quanto se pode ver, diferem grandemente nos diferentes estratos da sociedade” (Elias; Dunning, 1992, p. 109).

Apesar das Boleiras realizarem essas associações de forma voluntária e lúdica, em seu contexto o objetivo não é necessariamente o lazer, a diversão, ou estar perto das demais jogadoras, pois a cada domingo as pessoas ali presentes podem ser diferentes. No caso das minhas interlocutoras o maior objetivo é jogar futebol, esse é o motivo pelo qual elas realizam as associações. Diferente de Simmel, onde o indivíduo é uma entidade discreta, em Latour et al. (2012) ele é um coletivo ou como o autor nomeia, actante²⁸. Durante o trabalho de campo com as Boleiras do Aterro, o que mais me chamou atenção foi essa rede, que envolve homens, mulheres, os espaços públicos, redes sociais e outros actantes, em que minhas interlocutoras estão inseridas. É um grupo que possui um ordenamento próprio onde as relações são tecidas de maneira que o futebol se torna o elo, ou o conteúdo, impulso, interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro.

Então, para compreender e descrever o grupo Boleiras do Aterro utilizaremos das contribuições de Bruno Latour et al. (2012) e sua Teoria Ator-Rede (ANT). A ANT nos ajuda a apreender de forma descritiva como a realidade se descortina e como ocorrem as agências. Para Latour, o social, tido como dado e estabilizado, deve ser questionado e explicado.

A ANT é uma teoria provocativa, que modifica tudo que conhecemos como base teórica para compreensão dos fenômenos sociais. Nessa perspectiva, não existe e nunca existiu uma divisão entre sujeito e objeto, estrutura e ação, macro e micro. Essas dualidades são invenções da modernidade. Dentro das associações esses papéis podem se inverter e um sujeito se tornar objeto e um objeto se tornar sujeito. As relações são heterogêneas e sempre associativas e descritivas (Latour et al., 2012).

Latour et al. (2012) sinaliza que actante, que se trata de um coletivo de agências humanas e não humanas, é tudo aquilo que gera uma ação, cria movimento, transforma, traduz, modifica e até distorce o sentido e significado que ele mesmo carrega. Humanos e não humanos devem ser tratados simetricamente e a análise deve ser feita em termos de interrelações, mediações e traduções. Um indivíduo nunca é um ser isolado, ele está sempre em relação com tudo que está

²⁸ Latour utiliza esse termo para incluir não-humanos, pois o termo ator se refere a humanos.

ao seu redor. Assim, é importante não considerar o indivíduo ou os objetos de forma separada.

O ator não é a fonte da ação, essa casualidade não existe na ANT. O que existe é o ator enquanto alvo em movimento de um conjunto de entidades que vão se alinhar em direção a esse ator. Na ação nunca temos a certeza de quem ou o que está agindo. Um ator em cena nunca está sozinho ele sempre vai estar associado a outros autores. Então, a ação vai ser sempre uma atividade coletiva.

Dessa forma, a rede é o conjunto das interações dinâmicas entre os actantes, que se transformam e afetam mutuamente e continuamente. Essas ações que definem as redes. A agência é uma propriedade que emerge das redes a partir da interrelação entre humanos e não humanos.

Definirei um bom relato como aquele que *tece uma rede*. [...] Refiro-me com isso a uma série de ações em que cada participante é tratado como um mediador completo. Em palavras mais simples: um bom relato ANT é uma narrativa, uma descrição ou uma proposição na qual todos os atores *fazem alguma coisa* e não ficam apenas observando. Em vez de simplesmente transportar efeitos sem transformá-los, cada um dos pontos no texto pode se tornar uma encruzilhada, um evento ou a origem de uma nova translação. Tão logo sejam tratados, não como intermediários, mas como mediadores, os atores tornam visível ao leitor o movimento do social. [...] Desse modo, a rede não designa um objeto exterior com a forma aproximada de pontos interconectados, como um telefone, uma rodovia ou uma "rede" de esgoto. Ela nada mais é que *um indicador da qualidade de um texto* sobre os tópicos à mão. Restringe sua objetividade, isto é, a capacidade de cada ator para *induzir* outros atores a *fazer* coisas inesperadas. O bom texto tece redes de atores quando permite ao escritor estabelecer uma série de relações definidas como outras tantas translações (Latour et al., 2012, p. 189, grifos do autor).

As interações entre os actantes, ou seja, as conexões criadas dentro de uma rede são chamadas de associações. Para Latour et al. (2012) essa associação está sempre em constante movimento e é feita entre elementos heterogêneos que se encontram, se recombina e se refazem, criando novos agrupamentos. A partir das redes, ideia de um condutor que permite que as translações ocorram a partir das associações, é possível se explicar uma realidade que se mostra como estável. Em rede não existe um domínio compartimentalizado, todos os domínios são formados por elementos extremamente heterogêneos, o que existe são associações heterogêneas que se dão pelo efeito rede. Os atores são efeitos do trabalho das redes.

Na ANT, a realidade nunca é estável, é sempre fluída, performática e composta por redes que fluem, que são inconstantes e sempre em movimento. Ao explorar uma organização, como o grupo das Boleiras, a partir da teoria ator-rede, precisamos entendê-la como um efeito, uma consequência e não algo dado, pronto e estável. Para que essa organização se mantenha é necessário que se operem várias estratégias para gerar uma durabilidade de rede. O que é mostrado como estável são, na verdade, padrões recorrentes de associações que estão em constante movimento para manter determinada estabilidade, são padrões de rede amplamente executados (Latour et al., 2012).

Os pressupostos da ANT vão ao encontro dos pressupostos da Antropologia, da etnografia e do trabalho de campo. É preciso captar a realidade em movimento e não devemos iniciar uma pesquisa assumindo aquilo que pretendemos explicar. É necessário fazer um bom diário de campo, seguir os actantes e suas associações. Precisamos, ainda, abandonar quadros de referências anteriores que nos dão explicações rápidas. O foco deve ser descritivo, explicativo e não prescritivo. Precisamos documentar as várias formas pelo qual o social se constrói a partir das associações.

As organizações, ou grupos, são redes heterogêneas que possuem interesses comuns. Durante o trabalho de campo com as Boleiras do Aterro, o que mais me chamou atenção foi essa rede de sociabilidade, onde as associações são temporárias, pois são feitas e desfeitas semanalmente, que envolve homens, mulheres, espaços públicos, momentos de lazer, objetos, fatores climáticos, comidas, bebidas, redes sociais e outros actantes - e minhas interlocutoras estão inseridas nessa rede.

As Boleiras compõem essa rede que apesar se mostrar estabilizada, pois acontece todos os domingos há alguns anos, está sempre em movimento, criando novas associações e mantendo algumas já existentes a partir de um movimento de translação constante onde as relações são tecidas de maneira que o futebol se torna o elo, ou o conteúdo, impulso, o interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro. O que trago nesse capítulo se trata de “Uma etnografia das Boleiras do Aterro” onde busquei descrever de forma densa o grupo Boleiras do Aterro, revelando as associações que são feitas entres os actantes para construção dessa realidade.

A sociabilidade nessa composição é marcada por uma dinâmica que envolve não somente a partida em si, mas momentos anteriores como as conversas no

grupo do WhatsApp, disponibilidade da quadra, equipamentos, condições climáticas e momentos pós-jogo como os churrascos, as resenhas²⁹, a ida a algum bar e outros elementos.

4.1. O Grupo do WhatsApp

O grupo das Boleiras no WhatsApp é elemento importante na dinâmica e manutenção desse grupo de mulheres jogadoras de futsal. É pelo aplicativo de mensagens que se organiza, semanalmente, o próximo Fut. Apesar de na descrição do grupo estar sinalizado que o mesmo deve ser usado somente para a lista de presença e para repassar informações referentes ao Fut, assim como fotos dos jogos, muitas jogadoras acabam não respeitando e iniciando conversas aleatórias, mandando memes ou até mesmo falando sobre política.

Como já relatado anteriormente no texto (capítulo 2), somente depois de comparecer aos jogos por três domingos consecutivos que uma jogadora é adicionada ao grupo do aplicativo de mensagens. Dessa forma, como aconteceu comigo, as novas integrantes ficam às cegas sobre o que irá acontecer no próximo domingo, podendo se deslocar até o Aterro e não encontrar o grupo em quadra. Entrar no grupo do WhatsApp é se tornar oficialmente uma Boleira do Aterro. Mas, como sinalizei anteriormente, o grupo possui regras e todas as participantes precisam se submeter a elas para permanecerem como membras.

Para que o Fut aos domingos aconteça é necessário que dias antes alguma participante inicie a lista de presença. A partir da lista é possível saber se haverá pessoas suficientes para realizar os jogos. Em alguns dias já veio acontecer de no sábado à noite a lista ainda não ter sido iniciada. Nesses casos, as jogadoras mais assíduas, costumam cobrar a realização da mesma, como aconteceu em um sábado de feriado prolongado – em datas assim é comum que muitas pessoas viajem e assim acaba não acontecendo o futebol – onde Lua mandou a seguinte mensagem no grupo: *“E aí, amanhã não vai ter Fut? Se eu não puxar essa lista ninguém puxa. Vamos acabar perdendo nosso horário!”* Assim, imediatamente,

²⁹ Termo muito utilizado pelas boleiras para designar esse momento de confraternização pós Fut.

começaram a surgir nomes na lista. Nesse domingo, mesmo sendo um feriado prolongado, mais de 10 mulheres colocaram seu nome na lista.

Se a lista não é feita no grupo, as Boleiras entendem, por consequência, que não haverá futebol naquele domingo que se seguirá. Assim como em situações em que não se atinge um número mínimo de jogadoras para que seja possível montar dois times, de quatro jogadoras cada e um homem como goleiro, ou seja, oito mulheres. Nesses casos, sempre há algum tipo de conflito no grupo. Algumas jogadoras ficam incomodadas quando a lista não alcança esse número mínimo de pessoas. Em uma situação, Gi, uma das Boleiras mais assíduas, se irritou com o fato de somente quatro mulheres terem colocado o nome na lista e mandou algumas mensagens reclamando. Ela se mostrava inconformada pois no grupo do WhatsApp, naquele momento, havia mais de quarenta participantes e somente quatro estavam disponíveis para jogar. Ela chamava atenção das moderadoras do grupo para excluir as jogadoras que segundo ela estavam inativas e só “ocupavam o grupo”. Gi afirmava que não iria ao Aterro naquele domingo se não houvesse no mínimo oito pessoas na lista. Ela alegava que não ia se deslocar à toa. Nesse domingo não houve jogo.

Também é no grupo que o Fut pode ser cancelado devido a fatores como: chuva, calor intenso, falta de material, ou impossibilidade do uso da quadra. Durante um período, ainda em 2022, a quadra e alguns pontos do Aterro do Flamengo passaram por uma reforma. Durante aproximadamente 4 semanas os jogos não puderam ser realizados. Apesar do transtorno e do impedimento da prática, a maioria das jogadoras ficaram bem felizes com a reforma. A quadra se encontrava em estado de precariedade, as marcações no chão quase não eram visíveis, o piso apresentava buracos e rachaduras que ofereciam risco aos praticantes, as traves dos gols estavam tortas e balançavam apresentando risco de cair, as grades que cercam a quadra e servem para impedir que a bola vá para muito longe quando lançada longe do gol, apresentavam muitos buracos.

Após a reforma, a quadra ganhou novas marcações, os buracos e rachaduras não existiam mais, as traves foram trocadas assim como as grades que não tinham mais buracos. Apesar da reforma ter sido simples, agradou muito todos os frequentadores do Aterro. Tanto entre as Boleiras, quanto entre os rapazes que jogam no horário anterior ao delas, a satisfação era unânime. No domingo

seguinte à reforma foi um dia de lista cheia, muitas mulheres compareceram para jogar e todas ressaltavam a importância de ter um espaço melhor para jogar.

Apesar das melhorias da reforma, um fator essencial para realização do Fut é o clima. A quadra utilizada pelas Boleiras não é coberta, então em casos de chuvas ou até mesmo no calor intenso, que às vezes acomete o Rio de Janeiro, os jogos precisam ser cancelados. No meu período de trabalho de campo diversas situações como essa aconteceram, especialmente no período das chuvas. Algumas vezes a lista estava cheia, mais de 10 participantes, e no domingo amanhecia chovendo. Então se iniciam as conversas no grupo: “*quem mora perto Aterro? Está chovendo aí? Aqui na Tijuca está chovendo!*”. Como o Rio é uma cidade grande, é comum estar chovendo em uma parte da cidade e em outra não, então se quem mora próximo ao Aterro confirmar a chuva por lá, o futebol é cancelado, caso não esteja chovendo, o encontro de futebol das Boleiras se confirma.

O aplicativo de mensagens também é utilizado para conversar sobre futebol profissional. Na copa do mundo de futebol, tanto masculina quanto feminina, o grupo estava sempre movimentado, todas comentando os jogos, dando palpites técnicos, criticando e comemorando as vitórias. Em jogos de times cariocas essa situação também é recorrente. É comum o envio de memes, áudios ou imagens com o objetivo de tirar sarro das Boleiras que torcem para o time perdedor. Esses assuntos, por se tratar de futebol, são permitidos no grupo e geram uma grande interação das participantes, sempre em clima amigável, mesmo com as zoações.

Diferentemente das zoações sobre futebol, durante as eleições presidenciais, assuntos sobre política surgiram no grupo e geraram conflitos e discussões. É regra, fixada na descrição do grupo, que assuntos envolvendo política não são permitidos no grupo. Contudo, em um dia próximo às eleições, Lia que é uma das boleiras mais antigas do grupo, enviou uma figurinha do então candidato e atual presidente Luís Inácio Lula da Silva (Lula), algumas jogadoras que apoiavam o candidato entraram na brincadeira e começaram a elogiá-lo. Em contrapartida, outras jogadoras que não o apoiavam ficaram incomodadas com essa atitude. Se iniciou, então, uma pequena, mas intensa, discussão entre algumas participantes. Lua, moderadora do grupo, enviou novamente as regras do grupo salientando que esse tipo de conteúdo não poderia estar sendo discutido ali e solicitou que Lia e as demais que haviam enviado algo apagassem as mensagens e não enviassem mais

nada sobre o assunto. Lua chegou a ameaçar retirar quem não cumprisse as regras do grupo.

Dessa forma, numa perspectiva ANT, o grupo de WhatsApp é um actante que está sempre fazendo e desfazendo associações em torno da realidade que é futebol aos domingos. As Boleiras do Aterro não existem sem o grupo do WhatsApp, elas se fazem juntamente com ele a partir dessas interrelações.

4.2. Futebol (não só) de mulheres

Desde minha primeira ida a campo observei que a presença masculina no futebol das mulheres era um ponto essencial para essa pesquisa. Os jogos sempre acontecem com a presença de homens como goleiros. Em todas as minhas idas a campo, lá estavam eles atuando junto com as Boleiras como goleiros e em alguns casos até como jogadores de linha.

Ainda no início do meu trabalho de campo, conheci alguns desses homens que eram figuras recorrentes aos domingos no Fut das boleiras. Depois de alguns dias observando descobri que eles fazem parte de um grupo de homens que também joga futsal todo domingo naquela quadra, e ocupam o horário das 07:00h às 09:00h, antecedendo o horário das Boleiras. Além de participarem como goleiros em todos os jogos – não houve nenhum domingo em que eu estivesse presente que não tivesse, pelo menos, dois homens como goleiros –, eles possuem papel essencial na dinâmica estabelecida pelas Boleiras – Figuras 17 e 18.



Figura 17 - Mulheres e homens jogando
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 18 - Mulheres e homens jogando
Fonte: Acervo pessoal.

O grupo masculino é majoritariamente composto por homens adultos, na casa dos 30/40/50 anos, e que assim como as mulheres, se reúnem semanalmente para jogar. Alguns deles se dispõem a jogar como goleiro, no futebol das mulheres, e assim completar os times³⁰ tendo em vista que raramente alguma goleira está presente nos jogos. Muitas das vezes, se os goleiros não estivessem

³⁰ Às vezes também é preciso jogar em outras posições, como podemos ver nas imagens (Figuras 17 e 18) acima, quando não tem o número necessário de jogadoras.

presentes, não seria possível realizar o jogo feminino. Dessa forma, eles têm papel fundamental na dinâmica desses jogos.

Ao trocar a utilização do termo “futebol feminino” para “futebol de mulheres” Kessler (2015) sinaliza que universo futebolístico de mulheres é composto por mulheres e homens que assumem diferentes papéis sociais e ressalta que apesar do futebol ser de mulheres, a presença masculina se faz necessária e importante. “O *futebol de mulheres* é um espaço de prática futebolística e sociabilidade no qual predominam as mulheres, mas elas não são exclusividade” (Kessler, 2015, p. 31, grifos da autora).

Esse futebol não é um futebol ‘das’ mulheres, elas não o possuem e não são apenas elas que o compõem. Neste universo transitam não apenas mulheres, mas também homens que realizam investimentos de tempo, dinheiro ou emoções. O futebol é “de” mulheres, porque essa prática assume diferentes significados e suas condições materiais e sociais são diferentes, precisando se adequar ou se recriar. É um futebol que não se enquadra nas análises apenas adaptadas do futebol de homens; é um novo mundo que se apresenta, no qual as mulheres não são intrusas, mas participantes ativas (Kessler, 2015, p. 33).

Mizrahi (2018) em seu texto “‘O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos’: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca”, mostra que a mulher é fator essencial para produção do masculino. No baile funk, ter mulheres consigo atribuiu poder ao homem, assim como o dinheiro. Então os homens ficam dependentes de se fazer sempre na relação com as mulheres. As mulheres por sua vez, não adquirem poder somente pela companhia do homem. Muitas delas usam esses homens somente para desfrutar do dinheiro, bebidas e status. Mizhari (2018), entretanto, afirma que os homens, em muitas situações, estão cientes de estarem sendo usados pelas mulheres, mas se submetem ao jogo assim mesmo.

Da mesma forma, as jogadoras reconhecem essa importância e essencialidade da participação masculina para realização do Fut das boleiras. Elas os caracterizam como parceiros, amigos, colegas e possuem uma relação boa e amistosa com todos. Em conversa com algumas mulheres, em um dos domingos, comentei sobre a importância dos homens para que o jogo ocorresse. Nesse dia, um rapaz jogava também como “jogador de linha”³¹ completando uma equipe que

³¹ Jogadores de linha no Futsal são os 4 jogadores que formam o time juntamente com o goleiro. Normalmente se joga com um ala esquerda, um ala direita, um pivô e um fixo.

só havia 3 mulheres. Elas concordaram, e, segundo Lua, os meninos contribuem muito para que elas não percam a quadra, pois quando não conseguem chegar às 9:00h, são eles que seguram a quadra para elas. Normalmente, eles continuam jogando após seu horário, até que chegue um número significativo de jogadoras.

A questão dos rapazes que estão aqui, foi um casamento com a gente. Querendo ou não foi um casamento legal, porque não são todos os homens mesmo que aceitam. Eu creio que isso foi mesmo, mais por causa da idade, a maioria que está aqui, já passa dos 30 e tem uma cabeça totalmente diferente, respeita as mulheres. Esse grupo que está aqui, respeita as mulheres e eles participam muito com a gente, em relação tanto de jogar quanto no divertimento.

O relato de Lua sobre a relação com os homens corrobora com o que observei nesses quase 2 anos de trabalho de campo. Os homens, alguns em constância maior, como Edu, Cássio e João, são figurinhas carimbadas no Fut das mulheres. Sempre estão jogando com elas. Edu é um homem alto, magro e brincalhão que deve ter seus 40 anos e participa frequentemente como goleiro. Ele costuma ficar no Aterro após o Fut dos rapazes e sempre está com sua cerveja na mão, inclusive enquanto joga. Ele e Cássio são os que mais atuam como goleiros para as mulheres. João é um rapaz mais novo, na casa dos 30 anos, muito calmo. Ele gosta mais de jogar como jogador de linha e muitas vezes também completa os times. Os outros, em menor quantidade, também se revezam na defesa.

Sobre a relação com os homens, em um dia de churrasco, Bia me contou que é bastante amigável embora mais distante do que a relação com as meninas. Ela também contou que alguns homens, não aqueles que sempre estão presentes com elas, algumas vezes se opõe à presença feminina e não são tão amigáveis.

Porque eles têm o futebol deles aqui e nem sempre a gente é bem-vinda para integrar o futebol deles. Na maior parte do tempo a gente é bem-vinda para integrar o espaço deles, mas as vezes não. Às vezes eles colocam certos entraves como deixar a gente esperando por mais tempo. Alguns dos colegas deles se colocam contra a nossa participação e os outros tem que vir nos defender. Às vezes rolam discussões também entre os meninos e as meninas, os meninos que agarram, em virtude de falas. Porque as falas dos meninos acabam sendo mais ríspidas, mais agressivas e as meninas não curtem muito a abordagem.

Os homens, quase sempre, utilizam o momento pós-futebol e o momento do futebol feminino para ficarem na lateral da quadra, conversando, tomando cerveja, fumando cigarro, ouvindo música e, como acontece em alguns domingos,

realizando um churrasco. As Boleiras, quando não estão em quadra, também participam desses momentos, conversam com os homens e demais pessoas que se encontram ali, algumas tomam cerveja com eles, outras um licor, e, quando tem churrasco, normalmente os times se juntam e fazem um churrasco coletivo.

Foi em um dia como esse, de churrasco coletivo, que tive a oportunidade de abordar Malu, uma jogadora sempre presente, mas que não interagia muito fora dos momentos de jogo. Malu é uma jovem alta, forte, com longos cabelos pretos e cacheados e muito habilidosa no futebol. Nas minhas observações, percebi que ela interagia muito com os homens, mais que as demais jogadoras. Durante a nossa conversa, um homem que joga com o time masculino, mas que eu não conhecia, a abordou, lhe abraçou, disse que estava com saudade e que era seu fã. Aproveitei para perguntá-la sobre essa relação com os homens e ela disse que estava jogando com eles durante a semana.

Inclusive eu estou até vindo com eles segunda, quarta e sexta, e aí eu jogo com eles das 06:00h às 08:00h. Eles me tratam de igual para igual também. Eu não sou assim... mais fraca porque é menina não. Eles me tratam igual no time.

Essa diferença de relatos entre Malu e Bia mostra que os laços de amizade interferem na aceitação ou não da presença feminina nos jogos masculinos. Mas, acho importante ressaltar que tecnicamente falando Malu é uma jogadora de alto nível técnico, diferente de Bia e outras - o que pode ser um fator decisivo também na aceitação ou não das mulheres nesses jogos de homens.

Os churrascos costumam acontecer uma vez a cada mês para comemorar os aniversariantes daquele mês. Normalmente fazem uma lista, assim como a lista do futebol, e as pessoas que irão participar colocam seu nome e o que irão levar, como carnes, saladas e bebidas. Uma pessoa, geralmente dentre aquelas que moram perto, fica responsável por levar a churrasqueira. Também dividem as obrigações como: quem deve levar copos, talheres e pratos. É sempre um churrasco com muita fartura e que se estende tarde adentro, muitas vezes só sendo finalizado no final da tarde e início da noite. Em dias de churrasco, é comum que um número maior de mulheres vá ao Aterro. De acordo com Lua, é um momento de descontração e diversão. Nesses dias também é comum que namoradas, esposas, maridos, filhos e outros parentes também cheguem ao Aterro para

participar da “resenha”. Essas pessoas também levam alguma coisa para o churrasco como carnes, bebidas e outras comidas.

Essas confraternizações são bem frequentes e às vezes acontecem também no improviso. Quando dessa forma, algumas pessoas, tanto homens quanto mulheres, vão ao mercado mais próximo do Aterro e compram as coisas para o churrasco, e quem deseja participar somente realiza uma transferência bancária ou entrega o dinheiro para essa pessoa que se dispôs a ir comprar as bebidas e as comidas. Durante o período que estive em campo, participei várias vezes de momentos como esses, que sempre foram muito importantes do ponto de vista da minha pesquisa – Figuras 19 e 20.



Figura 19 - Churrasco
Fonte: Acervo pessoal



Figura 20 - Churrasco
Fonte: Acervo pessoal

Eram nesses momentos que aconteciam as maiores descontrações, conversas aleatórias e que também era possível conversar por um período mais prolongado com as Boleiras e vivenciar situações para além da quadra e dos momentos de jogo. Assim como aconteceu com Gi em um dia de confraternização.

Gi é uma jogadora muito habilidosa, atleta profissional de futebol freestyle³², na casa dos 20 e poucos anos, negra, tatuada e muito forte, e possui um chute extremamente potente e que muitas vezes faz com que os goleiros se esquivem da bola. Gi, na maioria das vezes, joga descalça, mesmo com o chão áspero e quente da quadra. Sempre a achei muito fechada, a aproximação era difícil e eu não conseguia interagir muito com ela. Nesse dia, aproveitei que ela estava sentada sob as árvores e me aproximei. Ela estava um pouco mais isolada do restante das pessoas, homens e mulheres que faziam o churrasco, e conversava com duas outras boleiras. Gi estava com muitas bolhas na sola do pé por jogar descalça na quadra quente. Aproveitei a situação e perguntei se ela não estava sentindo dor e como conseguia jogar descalça. Ela me contou que sempre jogou descalça e que usar chuteiras a atrapalhava, ela não sentia dor em jogar dessa

³² Futebol Freestyle é uma variante do futebol em que um jogador realiza manobras com uma bola ou a equilibra em várias as partes do corpo. O Freestyle se baseia na arte de compor sequências de manobras, tentando unir controle, criatividade e dificuldade, utilizando o corpo todo em interação com a bola.

forma e afirmou que *“é ainda bem melhor porque a bola gruda no pé, eu chuto mais forte assim”*.

No churrasco, um dos homens que sempre estava presente, mas não participava dos jogos das Boleiras, estava fazendo piadas machistas com os goleiros que jogavam com as mulheres. Sempre que os goleiros tomavam algum gol ele falava algo zombando por estarem tomando gol de mulheres. Gi se mostrou bem incomodada e irritada com essa situação e afirmou *“por isso eu não gosto de jogar com homem, não suporto esses babacas, por isso não converso muito com eles”*. Então eu disse a ela que achava que ela também era amiga deles, mas Gi logo respondeu que não, e que só aguentava a chatice porque precisava deles para que o Fut acontecesse.

Gi escolhe manter uma relação amigável, mesmo que distante, com esses homens pois assim eles seguem atuando como goleiros para que o futebol de mulheres aconteça. Apesar de gênero ser uma categoria importante ao se falar de futebol feminino, ele não aparece muito nas falas das minhas interlocutoras, nesses termos. Por mais que elas não estejam discutindo gênero, não significa que as questões de gênero não estão sendo associadas. Então, não entendo gênero como algo que está dado. Não é só porque são mulheres que precisam falar sobre gênero, mas porque são mulheres jogando futebol, em um espaço público dominado por homens, com a participação masculina acontecendo de forma amigável, que nesse contexto o gênero está sendo reiterado. É um futebol de mulheres, mas, que para acontecer, precisa dos homens. As Boleiras, conscientemente, ignoram os fatores ruins dessa relação com os homens e preservam os aspectos positivos como a garantia de que a quadra será guardada para elas, a garantia de sempre ter goleiros, os momentos de confraternização e a relação de amizade.

A relação amigável das Boleiras com os homens foi um fator surpresa para mim. Em minha incursão não esperava que elas fossem ter essa relação, mas sim uma relação conflituosa marcada pelo preconceito de gênero que acomete as mulheres que jogam futebol, como mostrado no capítulo 3 dessa tese. O problema é que ao chegar em campo eu já possuía as questões de gênero postas e compartimentalizadas em domínios e esperava as repostas e confirmações sobre elas. O grupo das Boleiras me conduziu para um caminho oposto e que vai ao encontro com a Antropologia e ANT, nada está dado e o social precisa ser

explicado. “No mundo futebolístico de produção e reprodução de significados, o *futebol de mulheres* é também um espaço de transformação das relações de gênero e expressão de contestações” (Kessler, 2015, p .32, grifos da autora)

4.3. Lazer e sociabilidade

Além de futebol por si só, muitas Boleiras também têm os domingos no Aterro como momento de sociabilidade. Estar ao ar livre, cercado de amigos, aproveitando o dia e a praia, são fatores muito importantes para a presença dessas mulheres no Aterro aos domingos.

Em um dia específico em campo, fazia muito sol pela manhã e a quadra estava lotada, muitas jogadoras compareceram esse dia. O parque e a praia do Flamengo estavam igualmente cheios. A banda de música da polícia militar se apresentava em uma parte do gramado próxima à quadra e as boleiras, quando não estavam jogando, se divertiam com as músicas e interagiam com os rapazes, que tomavam cerveja nos bancos que cercam a quadra esportiva.

Mel, é uma mulher de quase 40 anos, negra, divorciada, tem uma filha adolescente, trabalha com contabilidade, é formada em Ciências Contábeis e é moradora do bairro de Cascadura. Mel é uma das jogadoras que mora mais distante do Aterro, aproximadamente 24km, mas, em contrapartida, também é uma das Boleiras que mais comparece aos domingos. No dia relatado acima, quando cheguei no Aterro, Mel já estava lá jogando com homens e tomando cerveja. Ela disse que chegou bem cedo para aproveitar o dia. Se revezava entre a quadra, jogando, e lata de cerveja que sempre estava na mão quando estava fora de quadra. Muitas vezes, ela leva sua filha consigo para os jogos, nesse dia ela estava sozinha.

Em um dos momentos em que eu aguardava para jogar, ela me ofereceu uma cerveja e eu disse que ainda estava cedo para mim. Ela deu risada e disse que era domingo e não tinha isso de horário. Nesse dia, Lua até se irritou com Mel e disse que ela não iria jogar mais, pois estavam ali para jogar futebol e não beber.

Mel não se importou muito, seguiu com a sua cerveja e voltou a jogar posteriormente.

Puxei assunto sobre o local de moradia dela, utilizando do fato que eu também moro longe do Aterro. Perguntei a ela se não ficava desanimada de ir por conta da distância. Ela prontamente me respondeu que não e completou: *“futebol é meu momento de relaxar o corpo e a mente. O domingo é o meu dia! É um dia que tiro para mim, para aproveitar e fazer o que eu gosto”*. Ela ainda assinalou que gosta muito de frequentar o Aterro aos domingos, mesmo sendo longe e ficando caro. Usando um aplicativo de transporte, o trajeto de sua casa ao Flamengo custa cerca de 40\$. Por isso, sempre que vai, Mel gosta de aproveitar muito, passa o dia todo por lá, joga futebol, toma cerveja, banho de mar, revê pessoas, conversa etc. Mel ainda revelou que no domingo estava sendo o primeiro momento de lazer do seu fim de semana, pois escolheu ficar em casa sexta e sábado para se resguardar, tanto fisicamente quanto financeiramente, para aproveitar esse dia ensolarado.

Como eu falei eu sou Contadora a minha profissão o meu trabalho, o tempo todo eu trabalho sentada né, de frente para o computador. Então isso acaba trazendo uma vida sedentária para mim, então o que eu busco aqui é exatamente isso, uma atividade que eu possa movimentar minha mente, meu corpo de forma ter uma vida mais saudável e uma qualidade de vida.

Dani, uma jovem negra, de cabelos curtos e loiros, aproximadamente 30 anos, natural do Espírito Santo, funcionária pública e moradora do Aterro, estava sentada ao nosso lado participando dessa conversa e disse que para ela o futebol também era prioridade. A jovem afirmou que parou de ir para as baladas no sábado a fim de estar bem fisicamente no domingo para jogar. Segundo ela, o Fut do domingo é o momento mais esperado da sua semana *“eu passo a semana toda ansiosa porque sei que domingo vai ter futebol”*, e acrescenta que para ela esse momento é muito importante e feliz, fora da rotina cansativa de trabalho. Estar ao ar livre e praticando esportes é uma coisa que a deixa muito satisfeita.

Bia é uma mulher branca, ruiva, 31 anos, advogada e que mora na Lapa. Ela também já me afirmou, em um outro momento, que evita ir para a balada, ou eventos com bebida alcoólica nos sábados que antecedem os domingos de futebol para conseguir acordar disposta e jogar bem nos domingos. Esse momento para Bia é um ponto alto da semana e possui grande importância enquanto momento de

lazer e sociabilização. Ela ainda disse que o Fut ser no Aterro traz mais motivação para que ela vá, pois sabe que além de jogar, irá desfrutar de momentos ao ar livre. Ela também aproveita a ida ao Aterro para visitar a Feira da Glória e fazer compras de frutas, legumes e vegetais. Inclusive já fui com ela e outras boleiras caminhando até a feira, que não fica distante do Aterro.

Em uma das minhas últimas idas a campo, poucas jogadoras estavam presentes. Mel como sempre estava muito animada para aproveitar seu dia de folga, tomar um chopp e pegar uma praia. Ela convidou a todos para tomar um chopp após a o Fut em um bar localizado bem em frente ao Aterro. Nesse dia, todas as boleiras recusaram o convite pois tinham outros compromissos pós futebol. Então Mel passou a insistir muito comigo para que eu a acompanhasse em um chopp. Inicialmente recusei, pois naquele domingo eu também tinha um compromisso pela tarde, mas depois de muita insistência por parte dela eu concordei com um ou dois chopps. Atravessamos a rua e ela estava muito empolgada que alguém havia aceitado seu convite. Ela dizia que não queria voltar para casa sem tomar ao menos um chopp, pois era domingo, dia de aproveitar.

Sentamo-nos no bar, pedimos os chopps e ela me contou um pouco sobre sua vida, sua casa, trabalho, filha e família. Ela ressaltou novamente o quanto ir ao Aterro a fazia bem e o quanto ela gosta daquele espaço.

Os relatos dessas jogadoras mostram como o Parque do Flamengo, e todas suas especificidades, é fundamental para manutenção e constituição do Grupo das Boleiras como tal. O futebol no Aterro é diferente do futebol em outro espaço. Essa interação com o espaço e os usos que as jogadoras fazem dele só é possível porque acontece lá.

Em uma oportunidade, acompanhei uma das Boleiras em um futebol fora do Aterro. Era uma quarta à noite e Carol, uma das boleiras, mandou no grupo se alguém possuía uma bandeira LGBTQIA+ para emprestá-la, pois sua namorada iria fazer suas fotos de formatura no sábado seguinte e queria uma bandeira para esse momento. Carol é uma jovem negra, barbeira, 22 anos, e moradora da região da Tijuca no Rio Janeiro (como já a descrevi no capítulo 3). Ela foi uma das primeiras pessoas com a qual tive contato no Fut, logo em minhas primeiras idas ao Aterro fui com ela e sua namorada à feira da Glória após o jogo. A Feira da Glória é uma feira de rua que acontece todos os domingos próximo à estação de metrô da Glória. Pela manhã a feira é mais frequentada por pessoas que desejam

comprar frutas, legumes e carnes. Mas também existem barracas de roupas, comidas típicas de diversos lugares, tapioca, comidas veganas, artesanatos e outras coisas. Além disso, todo domingo no período da tarde acontece uma roda de samba por lá, então o local é muito frequentado pelos jovens, que permanecem apreciando o samba, bebendo e se divertindo até o anoitecer.

No domingo em questão, chegamos à feira e sentamo-nos em uma barraca de churrasquinho, comemos, tomamos cerveja e ficamos conversando um pouco sobre futebol e profissão. Foi nesse dia que descobri a profissão de Carol, onde morava e trabalhava. Apesar de ter o pai também barbeiro, Carol não trabalha mais com ele e atende em uma barbearia masculina no centro da cidade. O motivo de ter deixado a barbearia do pai, segundo Carol, é porque não se sentia valorizada enquanto profissional. Ela me contou que o pai sempre a cobrava muito e exigia que ela executasse tarefas que o outro barbeiro, seu primo, não fazia. Isso gerava sempre muita discussão e conflitos entre Carol e seu pai, dessa forma ela decidiu que trabalhar longe do convívio familiar seria a melhor escolha.

Outro ponto que motivou sua mudança foi a violência. A barbearia de seu pai fica localizada em uma comunidade na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro e, segundo seu relato, era recorrente os casos de violência nas mediações da barbearia. Carol me contou que já aconteceu de ficarem presos na barbearia durante confronto entre bandidos e polícia, assim como bandidos se esconderem na barbearia nesses momentos. Situações assim ela não vivencia mais agora que trabalha no centro da cidade.

Voltando à história da bandeira LGBTQIA+, quando Carol fez a solicitação no grupo, me dispus a emprestar a bandeira. Acreditei que seria um bom momento para conversar com ela em um espaço que não fosse a quadra do Aterro. Como moramos relativamente perto, marcamos de nos encontrar na sexta-feira à noite, no bairro Grajaú pois nesse dia Carol joga futsal com um outro grupo de meninas em uma quadra privada e paga em um clube do bairro. Por ser uma sexta-feira, comentei com ela que podíamos aproveitar para tomar uma cerveja e conversar um pouco sobre futebol. Assim, na sexta-feira às 20:00h, horário que se encerrava o futebol, fui me encontrar com Carol no clube em questão. Por ser um clube privado eu não poderia entrar e sair não sendo do grupo. Ao chegar no clube, o jogo ainda não havia acabado, então o rapaz da portaria disse que eu poderia

entrar só para avisar a Carol que eu ficaria do lado de fora esperando. Assim, fui até a quadra e sinalizei para ela que já a aguardava.

Não pude deixar de notar a diferença do espaço e das jogadoras em relação ao Aterro do Flamengo. Por ser um espaço privado, a quadra era muito mais conservada, com o piso e marcações bem preservados, redes nas traves do gol e o principal, a quadra é coberta. Sobre as jogadoras, em uma análise rápida, percebi que a maioria eram mulheres brancas, aparentemente jovens, e utilizavam roupas e acessórios esportivos de marcas caras. Posteriormente, soube pela Carol, que a maioria mora nos arredores e possuem poder aquisitivo mais elevado.

Quando o jogo acabou, Carol apareceu acompanhada da maior parte do grupo e me disse que elas iam para um barzinho ali perto e me perguntou se eu queria ir. Eu prontamente aceitei. Nem todas as jogadoras que estavam na quadra foram para o bar, algumas se despediram e foram embora, inclusive a Bia, que faz parte do grupo das Boleiras do Aterro. Antes de partir, Bia me disse que às vezes joga com esse grupo nas sextas. Assim como Bia, consegui identificar duas outras jogadoras que já tinha visto no Aterro, porém em frequência menor, mas não havia conversado individualmente com elas.

Já no bar, Carol me disse que mantém uma rede de amizade com as jogadoras desse time, algumas são suas amigas próximas, e elas se encontram fora daquele espaço. Uma inclusive é sua tatuadora e atende em um estúdio também na Tijuca, assim como algumas outras jogadoras do grupo do Aterro, com as quais ela tem mais afinidade. Entretanto, pesando no tamanho do grupo, mais de 40 participantes, somente uma mínima parcela mantém essa amizade fora do grupo.

A cerveja pós futebol é tradicional em quase todo lugar onde acontece pelada. Estudos sobre peladas e seus participantes mostram que é comum sua reunião em algum bar, ou até mesmo no próprio local do jogo, para continuar interação após os jogos. Na minha experiência enquanto jogadora esse fato também se confirma. Os jogos, os amadores no caso, principalmente às sextas-feiras e fins de semana terminam conosco indo para algum bar, tomar cerveja, comer algum petisco, conversar sobre o futebol e sobre outros aspectos da vida. No caso do Aterro isso acontece no próprio parque. No bar, me sentei ao lado de Carol, pois assim conseguiria conversar melhor com ela, pois estávamos em um grupo grande, cerca de 12 pessoas, e havia música ao vivo. Entreguei a ela a bandeira e ficamos conversando um pouco sobre as fotos que a sua namorada iria

fazer. Posteriormente, perguntei a ela se ela jogava em algum outro espaço, e para minha surpresa Carol afirmou que jogava futebol todos os dias.

Eu participo de vários grupos, não consigo ficar sem jogar. Se eu ficar um dia sem eu já fico nervosa parece que falta alguma coisa. Futebol é tudo para mim, é a coisa que eu mais gosto de fazer, eu trabalho dia todo pensando no Fut do fim do dia. Futebol é minha terapia. Eu esqueço de tudo.

Para Carol, o futebol é a melhor maneira de distrair, relaxar, fugir da realidade, muitas vezes difícil e cansativa, da rotina de trabalho. O prazer está em jogar. Aproveitei a conversa e perguntei qual era diferença que ela sentia de jogar no Aterro e jogar nessa quadra paga. A resposta que recebi foi muito interessante, segundo ela o futebol nessa quadra era mais “nutella”³³ e no Aterro mais “raiz”. Pedi então que ela me explicasse melhor e a descrição que recebi foi:

No Aterro o nível é mais elevado, o pessoal joga melhor, o jogo é mais pegado, não tem tanta frescura e todo mundo pode jogar. Aqui o grupo é mais calmo, tem mais regras e algumas meninas não gostam do jogo tão pegado. O Aterro é ótimo, o único problema lá é o sol.

O relato de Carol corrobora com uma discussão que foi lançada no grupo do WhatsApp sobre um novo time feminino que teria surgido no Aterro e que algumas Boleiras queriam participar. Uma jogadora nova no grupo perguntou se alguém conhecia algum outro futebol no Aterro durante a semana, pois ela queria jogar mais de uma vez. Bia indicou um grupo que havia começado a se reunir recentemente para jogar às quintas a noite e que ela pretendia começar a frequentar também. Porém, Gi e Malu logo entraram na conversa afirmando que o grupo era muito “Nutella” e sem graça pois elas jogavam somente para se divertir e que várias coisas eram proibidas. Para fazer parte desse grupo novo existiam várias regras - segundo elas sem sentido -, que deveriam ser cumpridas como: não chutar forte ao gol pois poderia machucar, não driblar de forma muito intensa pois poderia humilhar a adversária, não entrar em confronto corpo a corpo para evitar possíveis lesões, entre outras. Elas contaram que foram um dia nesse grupo e foram impedidas de fazer várias coisas em quadra, coisas essas comuns no futsal e dentro das regras, e foram negadas para fazer parte do grupo. Gi então ressaltou

³³ A expressão Raiz x Nutella é muito utilizado nas redes sociais atualmente e contrapõe algo autêntico, original, de raiz com algo, ilegítimo, fake, criado.

como o Fut das boleiras era superior nesse sentido. Pois não havia essas “frescuras sem sentido” e todo mundo é bem-vindo para participar.

4.4. Futebol para todas!

Uma especificidade do grupo das Boleiras é que qualquer mulher pode participar. O número de integrantes nunca é fixo, pois pessoas novas se associam a todo momento e pessoas que já fazem parte, deixam de frequentar, mesmo que somente por um período. Não existe uma idade mínima ou máxima, um corpo ideal, nível técnico necessário, sexualidade, local de moradia ou algum outro fator que impeça que uma mulher participe dos jogos. Nas redes sociais do grupo elas reforçam que são um grupo aberto e que todas são bem-vindas. Basta uma ida ao Aterro nos domingos para confirmar a heterogeneidade do grupo. O grupo é composto por mulheres de diferentes idades - uma das fundadoras é a Maria que tem 63 anos -, diferentes corpos, diferentes etnias, diferentes habilidades técnicas no esporte, mulheres lésbicas, bissexuais e heterossexuais que residem nos mais diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro.

Sobre essa diversidade Karla comenta que:

Na verdade, uma das coisas que me atraiu além do futebol em si é justamente essa diversidade. Eu comecei a perceber a diferença mesmo de pensamentos, de escolhas políticas, religiosas, tudo misturado, mas quando se trata de futebol o pessoal deixa do lado de fora da quadra e se une e joga. E isso também é o diferencial da gente se reunir aqui nesse espaço. Não somente por encontrar pessoas que vão jogar futebol, dividir esse hobby, mas também ter esse contato com pessoas de diferentes culturas, diferentes histórias de vida, e lugares.

Para jogar com as Boleiras, basta chegar à quadra e solicitar a participação. Normalmente as jogadoras são muito receptivas com pessoas novas, assim como foram comigo no meu primeiro contato. Então sempre que chega uma nova participante, mesmo que seja somente por um dia, ela é instruída de como funciona o grupo e como é a dinâmica dos jogos. Normalmente, a pessoa só precisa aguardar a próxima partida para entrar em campo. No seu relato, Karla

sinaliza que essa é uma característica do grupo que elas sempre buscam manter e enfatiza que:

Até têm alguns grupinhos, mas eles são muito fechados, a gente procura justamente abrir para as pessoas. Por exemplo essa diferença de idade, diferença até de qualidade do esporte em si. Eu e a Lua sempre falamos que a gente tinha que fazer esse grupo ser uma porta aberta para as mulheres virem jogar futebol, sabendo ou não sabendo.

Vivenciei diversas vezes esse tipo de situação, onde uma mulher nova chegou querendo participar do grupo ou até mesmo somente saber mais informações para participar nas semanas seguintes. Eu mesma, por estar sempre participando dos jogos, já fui abordada algumas vezes por pessoas buscando mais informações sobre como participar do grupo. Os perfis dessas pessoas são os mais diversos: mulheres não brasileiras, mães, adolescentes e até idosas. Karla afirma que essa é uma especificidade muito interessante do grupo, de estar sempre recebendo pessoas novas e se renovando. Em suas palavras:

Sempre acaba se renovando assim... Claro que é necessário ter aquelas que matem o futebol vivo, eu vi essa necessidade. Tem que ter uma que se comprometa a estar aqui 09:00h da manhã, que se preocupe com a bola, que se preocupe em chamar meninas, que se preocupe em estar aqui guardando a quadra para manter. A gente até usa esse termo "vai morrer" porque teve outros grupos aqui que aconteceu muito isso, as pessoas se reuniam e foi diminuindo, diminuindo... até desanimou quem organizou e deixou de lado.

O relato de Karla mostra que apesar de parecer estabilizado, o grupo das Boleiras precisa de um esforço para se manter. Como sinalizado por Latour et al. (2012) para que uma organização se mantenha é necessário que se operem várias estratégias para gerar uma durabilidade de rede. No caso das Boleiras, esse esforço para que o futebol não morra, o cuidado com a quadra e com os materiais, a cobrança pela presença das jogadoras são os padrões recorrentes de associações que acontecem semanalmente.

Por exemplo, Eva é holandesa e veio ao Brasil estudar, ela faz Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói. Ela mora na Glória e sempre frequenta o Aterro para andar de bicicleta ou correr. Em um desses dias, ela se aproximou e perguntou se poderia jogar. Apesar de falar português, sua pronúncia e sotaque dificulta um pouco o entendimento do

que ela diz, mas isso não fez com que ela fosse impedida de jogar. Ela é uma mulher branca, loira, alta, bem magra o que a favorecia na corrida. Eva não é extremamente habilidosa, tecnicamente falando, mas joga bem o futsal e desde o primeiro contato conseguiu participar dos jogos.

Eva começou a frequentar o Fut todos os domingos, era sempre uma das primeiras a chegar, continuamente muito disposta e simpática. Ela se locomove até o Aterro sempre de bicicleta e a deixa presa nas árvores ao redor da quadra. Mesmo com a comunicação dificultada pela língua, Eva foi se inserindo cada vez mais no grupo, entrou para o grupo do WhatsApp e é sempre uma das primeiras a colocar seu nome na lista para confirmar presença nos domingos. Em um domingo, ela estava acompanhada de sua irmã que tinha vindo ao Brasil visitá-la. Mesmo com sua irmã por aqui ela não deixou de ir jogar.

Em uma conversa, perguntei à Eva o que ela estava achando do Brasil (havia cerca de 4 meses que ela estava aqui). Ela me contou que estava adorando, que gostava do clima, das pessoas, da comida, da Universidade e especialmente dos domingos de futebol. Apaixonada por esportes, me contou que uma das primeiras coisas que fez ao chegar no Brasil foi procurar um espaço que pudesse praticar. Por morar próximo ao Aterro indicaram a ela o parque. Logo que conheceu o parque ficou impressionada com a estrutura e passou a frequentá-lo. Para Eva, fazer atividades físicas é uma coisa muito importante e o futsal é um esporte que ela gosta muito.

Ela também me disse que ir ao Aterro aos domingos é importante pois ela consegue interagir com outras pessoas. Em um dia, ela estava triste pois sentia saudade de casa, dos amigos e família, mas foi ao Aterro para se distrair, aproveitar o dia e buscar se sentir melhor. Nesse dia também aconteceu um churrasco, do qual Eva participou, e durou até perto do anoitecer. Mesmo após finalizar meu trabalho de campo, continuo participando do grupo do WhatsApp, e Eva segue sendo uma das Boleiras mais assíduas, muitas vezes até iniciando a lista de presença.

Assim como Eva, Ana também não é brasileira. Ana é mulher espanhola e que começou a participar do grupo depois da finalização do meu trabalho de campo presencial, pois segui realizando o trabalho de observação participante no grupo do WhatsApp, então não tive contato pessoalmente com ela. Mas, acompanhando as mensagens do grupo, vi que ela também é uma jogadora muito

assídua e empenhada. Em um dia de churrasco, Ana preparou lasanhas para todos. Ela está sempre mandando mensagens, seu nome sempre está na lista de presença e nas fotos enviadas no grupo ela está sempre presente. Não conheço muito da história de Ana, mas acredito que assim como Eva, ela encontrou um espaço para prática do futsal e para socializar e viver momentos de lazer.

Por não serem brasileiras, Ana e Eva costumam usar o grupo para pedir informações ou algum tipo de ajuda com coisas como: locais para comprar certos materiais, meios de transporte, restaurantes e bares. Apesar de na descrição do grupo informar que ele não pode ser usado para situações que não sejam o futebol, as Boleiras compreendem que para essas mulheres não brasileiras aquele espaço também pode ser usado para isso. Elas são muito bem acolhidas e todas suas perguntas e dúvidas são sempre respondidas com prontidão.

Algumas mulheres que integram o grupo são mães e é comum que elas levem seus filhos para o Aterro aos domingos. Day é uma boleira que participa do grupo há algum tempo, ela é uma mulher branca, moradora de uma comunidade localizada no Flamengo e trabalha como ambulante na praia do Flamengo localizada no Aterro. Ela tem um filho pequeno e algumas vezes o leva consigo nos domingos de futebol. Nos momentos em que está em quadra a criança fica nos arredores, sempre acompanhado de alguém de sua família ou, como já aconteceu, as próprias boleiras que estão fora de quadra tomam conta e brincam com o garoto enquanto sua mãe joga.

Mel é mãe de uma menina de aproximadamente 10 anos e que também sempre vai ao Aterro. Por ser uma criança maior, a própria Mel consegue orientar e cuidar da filha mesmo jogando. Sua filha normalmente fica sentada nos bancos ao redor da quadra enquanto Mel joga. Após o futebol elas costumam aproveitar e praia e tomar banho de mar. Como o Aterro é um parque que proporciona muitas opções de atividade é um ótimo lugar para levar crianças. Segundo Mel, esse também é um momento de lazer para sua filha, uma oportunidade das duas passarem tempo de qualidade ao ar livre para que sua filha possa brincar, aproveitar e se divertir.

Em um dia, ainda no início do meu trabalho de campo, uma mulher chegou para jogar com seu bebê, que naquele momento tinha apenas seis meses, em um carrinho. O bebê logo se tornou centro das atenções e todas queriam vê-lo. Essa mãe é a Babi, uma boleira que estava afastada há certo tempo devido sua

gravidez. Babi é uma mulher jovem, negra e bem magra, já o seu bebê, gordinho e muito sorridente. Ela frequentava o Aterro para jogar futebol antes de engravidar e algumas Boleiras a conheciam. Como eu estava de fora, ela pediu que eu cuidasse do seu bebê para que ela jogasse. Nesse dia passei quase todo o meu tempo brincando com o bebê em seu carinho. Entre um jogo e outro sua mãe se aproximava para ver se estava tudo certo. Em um momento começamos a conversar e ela disse que já queria ter voltado ao futebol, mas que não possuía uma rede apoio e não tinha com quem deixar seu bebê para ir jogar, nesse dia ela resolveu arriscar e tentar ir com ele e deu certo. Apesar do sucesso da situação Babi não retornou mais ao Fut mas, segue fazendo parte do grupo do WhatsApp.

A idade das mulheres também não é um impedimento para participação no Fut das Boleiras. Mulheres nos seus 40, 50 e até 60 anos participam dos jogos de forma regular. Uma das fundadoras do grupo, Maria, é uma senhora de 63 anos, natural do Maranhão-SL, mas mora no Rio há muitos anos. Ela é uma mulher negra, baixinha, e aparenta ter a idade muito inferior a 63 anos, trabalha como cabeleireira atualmente e é moradora da Glória. Sempre que ela revela sua idade para alguém a pessoa se mostra surpresa. Maria está sempre presente no Fut, em minhas idas a campo foram poucas as vezes que não a encontrei. Maria é o “xodó” do grupo. Adorada por todos ela está sempre com muito bom humor, é calma e muito paciente. Em seu relato ela afirma,

Para mim esporte é vida cara, é tudo! Minha vida é essa! Quando eu não estou aqui jogando, nem em casa nem no trabalho eu venho aqui andar de bicicleta, participo de corridas. Sempre aqui no Aterro, porque eu sempre morei aqui em volta do Aterro né. Aqui é praticamente a minha casa! O Aterro é minha segunda casa, sempre!

Por morar perto do Aterro ela sempre é uma das primeiras a chegar. Muitas vezes ela é quem fica responsável por guardar em sua casa bolas e coletes das Boleiras. Maria é uma apaixonada por esportes e está sempre em movimento. Ela pratica corrida, musculação, anda de bicicleta e dança. Ela me contou que começou a jogar futebol com a Lua, pois ambas faziam parte de um grupo na igreja e ficaram amigas, nesse grupo ela começou a jogar futebol que, anteriormente, só havia jogado na juventude, ainda no Maranhão. O grupo da igreja, que ela frequenta há mais de 30 anos, não tinha uma constância e acabou

tendo fim. Foi quando Lua a convidou para criarem um time para jogar no Aterro e foi assim que se iniciou a trajetória das Boleiras do Aterro.

Sobre ser mais velha que as demais Boleiras, Maria afirma que é uma situação muito tranquila.

As meninas nunca falaram nada disso e também se falarem eu não ligo. Eu não me troco por uma de 20 nem de 30. Eu com 63 anos me sinto mais eu do qualquer uma de 20 ou 25. Vejo as meninas cansando, se elas fizessem metade do que eu faço e chegar à idade que eu cheguei com a disposição que eu tenho elas podem dizer que elas são todas muito felizes. Quanto mais idade eu tenho, mais disposição eu tenho, mais energia eu tenho. A minha vida eu não consigo parar! A minha relação com as meninas é excelente, especialmente com a Lua que eu conheço há muito tempo, nós somos amigas.

Maria não é uma jogadora que tem um nível técnico alto, ela própria afirma que gosta de jogar, mas sabe que não tem a mesma habilidade que outras jogadoras. Apesar disso, ela é muito respeitada no grupo e em quadra. Participa igualmente das partidas em relação às outras jogadoras. A maior parte das Boleiras está sempre a incentivando e dando orientações durante os jogos. Quando marca um gol a comemoração é coletiva, todas ficam muito felizes. Acredito que isso se dá pelo fato de Maria ter aprendido a jogar ali, juntamente com as Boleiras. Apesar de ter jogado futebol na adolescência, foi com as Boleiras que Maria aprendeu de fato a jogar bola:

Eu sempre joguei mal né, tem umas que não tem coragem de falar, mas você sabe quando você está fazendo uma coisa que não está muito boa né. Mas sempre a Lua me incentivou, algumas outras meninas que já saíram do grupo também. Sempre tem né, umas que jogam melhor, umas que jogam pior, mas tem outras que sempre falaram: vem, vem que você aprende! E aí me ensinaram. E eu gosto sempre de observar né.

Falaremos mais no capítulo seguinte sobre esse processo de aprendizagem e do jogo. Assim como Maria, em um domingo uma senhora que aparentava seus 60 e poucos anos pediu para jogar. Era uma senhora bem magra, negra, de cabelos amarrados em um rabo de cavalo, a chamarei de Lucia. Ela usava uma bermuda dessas bem justas ao corpo de elastano, uma camiseta regata e um tênis casual que não é adequado para atividade física. Lucia apresentava algum tipo de deficiência física que limitava seus movimentos do lado direito do corpo. Quando ela se aproximou e iniciou uma conversa com as demais jogadoras ninguém esperava

que ela quisesse jogar. Algumas Boleiras ficaram receosas de permitir sua participação em razão de suas condições físicas, mas com a insistência de Lua, que enfatizava que estava acostumada a jogar futebol na posição de goleira, as jogadoras concordaram com sua participação, mesmo com receio.

Assim que se iniciou a próxima partida um dos homens que estava jogando no gol cedeu seu lugar para Lucia. Logo nos primeiros momentos do jogo foi possível observar que ela não era uma jogadora com nível técnico e de habilidades altas. Com dificuldade de deslocamento e limitação dos movimentos ela não teve uma boa performance como goleira e algumas boleiras estavam com medo de chutar forte ao gol e acabar machucando-a. Para não impedir sua participação sugeriram, então, que seria melhor que ela jogasse como jogadora de linha e ela aceitou. Assim, Lucia jogou algumas partidas e mesmo não tendo habilidade com o esporte, as demais jogadoras davam dicas a ela todo tempo.

O futebol já estava no fim quando Lucia chegou pois já havia passado das 11:00h. Após as partidas, ela perguntou se no próximo domingo teria jogo novamente pois queria participar sempre. Responderam a ela positivamente e ela garantiu que retornaria no próximo domingo e que compraria um tênis adequado para aquela prática. Nos domingos seguintes ela não retornou, mas essa situação reforça muito o que as boleiras pregam sobre possibilidade de participação de todas no Fut.

Em uma conversa com Karla, uma boleira que sempre enfatiza a sua admiração pela pluralidade que há nas Boleiras, ela me afirmou que essa diversidade é um ponto positivo, e, segundo ela:

Eu extraí nesses 4 anos uma amizade com pessoas... A gente se dá bem todo mundo, mas aí a gente meio que tirou um grupo do grupo do futebol onde são 5 pessoas que são completamente diferentes. No caso, diferente de idade, de pensamento, de história de vida, e de localidade mesmo, de onde mora. E através dessa amizade que surgiu aqui a gente está levando para a vida. Está além só esse momento de estar aqui no Aterro, no futebol, mas a gente se reúne uma vez no mês, faz atividade fora daqui.

Assim como a diversidade etária existe também a diversidade sexual. Dentre as boleiras temos mulheres heterossexuais, lésbicas e bissexuais. Um ato recorrente é a presença de parceiros e parceiras das jogadoras nos domingos de jogo. Homens e mulheres acompanham suas parceiras e permanecem ao lado da

quadra assistindo os jogos ou aproveitando o Aterro enquanto elas jogam e muitas vezes também participam dos momentos de churrasco e interação como no caso da Carol. Sempre que comparece aos jogos Carol está acompanhada de sua namorada que, apesar de não jogar, sempre a acompanha. Sua namorada já é conhecida por todos e quando tem churrasco Carol sempre coloca o nome de sua amada na lista assim como o que ela irá levar para contribuir com o churrasco.

Da mesma forma, alguns namorados acompanham suas parceiras. Bia namorava um rapaz que sempre estava presente nos jogos, mas diferentemente de só assistir, ele também jogava como goleiro e às vezes até mesmo como jogador de linha. Ele era amigo de todas as jogadoras e dos homens que jogam antes das boleiras. Karla também é heterossexual, casada há muitos anos, ela disse que a sexualidade das jogadoras e a dela não é um problema ou uma questão nessa realidade.

As pessoas ainda têm muito isso de relacionar futebol feminino à sexualidade. Quando eu falo que jogo futebol já ligam a isso: as mulheres que jogam futebol são homossexuais. Dificilmente você encontra uma maioria hetero se reunindo para jogar. Isso porque eu fiz essa... nessa coisa de buscar outros ambientes, outros grupos eu vi que sempre sou a minoria. Aqui, com as boleiras, é 100% okay. Para mim independe, tanto que eu formei amizade com pessoas que são homossexuais e eu falo sobre tudo com elas, elas se tornaram amigas do meu marido, a gente sai junto. A gente fez um passeio que inclusive uniu mais ainda esse grupo, onde estavam dois casais homossexuais e eu com meu marido. O nosso grupo se chama Fut Amizade porque realmente saiu desse encontro da gente aqui e foi um processo porque quando acabava o futebol o assunto era só futebol e dificilmente alguém falava da vida privada. Com a convivência depois do futebol, de marcar um churrasco e tal que deu a possibilidade de isso acontecer. Tanto que muito tempo depois que a gente foi perceber que a gente tem uma advogada, a gente tem uma administradora, uma ex-jogadora e aí a gente foi percebendo as histórias de vida totalmente diferentes.

A fala de Karla aponta a heterogeneidade dos atores dessa realidade. Como foi possível perceber durante minha descrição das jogadoras, elas são de diferentes etnias, diferentes corpos e sexualidades. Outra distinção são as profissões exercidas por essas mulheres. Dentre as que eu tive mais contato e que pude ter conversas sobre a vida pessoal pude identificar profissões como: advogada, cabelereira, arquiteta, contadora, administradora, ambulante, professora, engenheira e doutoranda, estudantes universitárias, barbeira, empreendedora, funcionária pública e atleta. As profissões dessas mulheres

comprovam o quão diferente elas são, mas que no Aterro se unem em torno de um objetivo em comum: jogar futebol.

Outro ponto de diferenciação entre essas jogadoras é local de moradia que impacta diretamente as experiências vivenciadas por cada uma dessas mulheres. O Rio de Janeiro é uma cidade grande e nem todas as boleiras moram próximo ao Aterro. Elas moram nos mais diversos bairros e favelas da cidade como: Copacabana, Flamengo, Lapa, Glória, Tijuca, Engenho Novo, Niterói, Cascadura e outros. O que permite que essas mulheres estejam juntas praticando futebol é justamente por ser no Aterro e ser aberto a todos. O Aterro é um espaço utilizado por toda população carioca. O fato de ser um parque público permite o acesso de todos.

Não podemos ignorar o fato de que o acesso é facilitado para aqueles que vivem nos arredores e bairros próximos ao parque. Mas não é somente esse público que o frequenta. É muito comum que famílias inteiras e que moram em bairros mais distantes se desloquem para o Aterro aos domingos para aproveitar o dia e desfrutar de tudo que o local oferece, assim como o fazem as Boleiras. O Aterro possui diversos espaços para atividades física, praia, gramados, espaços para crianças, além dos domingos ser proibida a circulação de veículos. Todos esses atrativos fazem com que o parque se torne um grande espaço de lazer a céu aberto para a população aos domingos. Esse é o caso das Boleiras. Mesmo tendo que se deslocar pela cidade muitas vezes pegando trânsito ou gastando dinheiro com transporte, ali estão elas todos os domingos. Isso tudo só é possível por esse caráter democrático e gratuito que o Aterro do Flamengo tem para o carioca (e para os não cariocas também). A variação das participantes, a entrada e saída constante das jogadoras, só é possível por ser um futebol que acontece em um espaço público.

Para finalizar, a partir dessa etnografia do domingo de jogo é possível dizer que o único dado estável sobre o Fut das Boleiras é que elas vão ao Aterro aos domingos para jogar futebol. A vontade de jogar futebol é o que as une, é o que elas têm em comum. As associações são feitas para que o jogo aconteça.

Tendo isso em mente, sobre a importância do jogo, no próximo capítulo faremos uma discussão sobre o jogo e sobre aprendizagens não escolares buscando compreender sobre como se aprende a jogar futebol.

5 Futebol, Jogo e Aprendizagem

Como sinalizado anteriormente, meu esforço tem sido o de compreender o futebol para além do jogo, o jogo como um “fato social” no qual o foco está nas jogadoras e o jogo enquanto um espaço de produção de subjetividades, de construção de relações, e de aprendizagem e sociabilidade. Faria (2008, p. 12) sinaliza que o Brasil é reconhecido como “o país do futebol” e que aqui essa prática é amplamente difundida enquanto “manifestação cultural que se multiplica e se desdobra numa diversidade de práticas, assumindo múltiplos contornos em diferentes contextos sociais”.

Esporte e sociedade fazem parte um do outro. “O Futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (Da Matta, 1982, p. 21). Não é possível compreender uma atividade sem fazer referência à totalidade em que ela está inserida. O esporte é uma das esferas pelas quais uma sociedade pode se revelar, é um objeto social complexo e que pode ser apropriado de formas diferentes por diferentes sociedades.

Enquanto uma atividade da sociedade, o esporte é a própria sociedade exprimindo-se por meio de uma certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias etc., permitindo, assim, abrir um espaço social determinado: o espaço do esporte e do ‘jogo’ (Da Matta, 1982, p. 24).

Sobre futebol e sociedade, em estudo sobre futebol no Brasil e na Argentina, Simoni Guedes (2009)³⁴ sinaliza como o futebol passa a ser parte da identidade nacional e assim se apresentar como um espaço de debates sobre o “povo” brasileiro.

Os ‘estilos nacionais’ são criados precisamente nesse espaço simbólico em que os sentimentos nacionalistas incipientes encontram possibilidade de expressão em uma prática que começa a ser compreendida e valorizado por todos os segmentos da população e, além disso, ecoa além das fronteiras da nação. O ‘produto’ desse processo, tanto no Brasil como na Argentina, resultará na valorização de uma corporalidade específica, num certo uso social do corpo (Mauss, 1968) que explora seu potencial estético e sua capacidade de derrotar o oponente de através da

³⁴ Tradução feita por mim de texto em Espanhol.

habilidade. Este ‘produto’ é, na verdade, o resultado de um complexo processo multifacetado em que as representações coletivas desempenham um papel fundamental: selecionar através de aplausos ou vaias performances valorizadas, estimulando os usos sociais do corpo escolhido, destacando e recompensando os indivíduos que melhor representam os valores selecionados. Não se trata, portanto, de uma apropriação simbólica de algo que é dado anteriormente. É apenas um longo processo de construção coletivo, com inúmeros debates, com posicionamentos diversos, constantemente avaliada pelos resultados que produz, ou não (Guedes, 2009, p. 175).

Guedes ainda afirma que cada um desses “estilos nacionais” é combinado com outras expressões de identidade desse determinado povo. Para se pensar essa relação do esporte com sociedade brasileira, podemos utilizar das contribuições de Elias & Dunning (1992) que afirmam que a compreensão dos desportos contribuiu para a compreensão da sociedade, pois cada vez mais as pessoas se engajam em atividades esportivas, sejam como praticantes ou expectadoras, sentem excitação e prazer nessa prática. Os autores consideram os esportes e o lazer como espaço de interação e sociabilidade, falarem de esportes com maior contato físico e utilizando o futebol como exemplo, argumentam que na sociedade atual, esportes, assim, “constituem áreas privilegiadas para uma expressão socialmente aceitável, ritualizada e mais ou menos controlada da violência física” (Elias; Dunning, 1992, p. 394). Assim, o esporte na sociedade moderna teve um grande papel civilizador.

Por outras palavras, a incipiente modernização do futebol e de jogos semelhantes envolvia um complexo de mudanças que os tornavam mais «civilizados» do que os seus antecedentes [...] Isto é, não se tornaram «civilizados» num sentido absoluto, mas apenas um pouco mais civilizados, continuando a refletir os preconceitos patriarcais, característicos de uma sociedade que se encontrava num estágio ainda relativamente inicial da sua emergência como um Estado-nação urbano e industrial (Elias; Dunning, 1992, p. 395).

Elias & Dunning (1992) ainda afirmam que mesmo que o desporto moderno ainda continue apoiado em estruturas patriarcais e repleto de valores desse modelo, o mesmo surgiu a partir de uma mudança civilizadora onde um dos aspectos foi a busca pelo equilíbrio dos poderes existentes entre os sexos. Entretanto, como consequência, contribuiu para o desenvolvimento de expressões simbólicas do machismo. Expressões essas que podemos observar ainda hoje.

No Brasil, como país do futebol, esse esporte pode ser estudado como sendo capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. Da Matta (1982, p. 29) coloca que o futebol é uma prática que envolve “códigos, interesses,

identidades, redes de sociabilidade e uma diversidade de sujeitos, em todos os âmbitos de sua manifestação”. Entretanto, o esporte passou por um grande processo de naturalização no nosso país, o que dificulta a percepção dos muitos aspectos que compõe essa prática. “Enfim, o futebol é tão ‘natural’ no contexto cultural brasileiro que a investigação da sua aprendizagem aponta para a possibilidade de melhor compreensão da aprendizagem da cultura” (Faria, 2008, p. 13-15).

Como afirmamos, no Brasil, a prática do futebol é cotidiana e amplamente difundida. Não se circunscrevendo a espaços específicos e a formatos pré-definidos. Ela é de domínio público e se produz de múltiplas maneiras (futebóis) e em diferentes lugares, articula variadas formas de engajamento e conjuga diferentes gerações de praticantes (Gomes; Faria, 2015, p. 1219).

Sendo o futebol ser o esporte mais apreciado no Brasil, cabe levantar questões sobre o porquê do mesmo ter caído no gosto do brasileiro. Ao abordar o esporte Bourdieu coloca o futebol como um dos preferidos das classes populares.

Do mesmo modo, para compreender a distribuição da prática dos diferentes esportes entre as classes, seria Necessário levar em consideração a representação que, em função dos esquemas de percepção e de apreciação que lhes são próprios, as diferentes classes têm gastos (de ordem econômica, cultural e ‘física’) e benefícios associados aos diferentes esportes, benefícios “físicos” imediatos ou diferidos (saúde, beleza, força - visível com o culturismo, ou invisível com a higienismo, etc.), benefícios econômicos e sociais (promoção social, etc.). benefícios simbólicos, imediatos ou diferidos, relacionados com o valor distribucional ou posicional de cada um dos esportes considerados (isto é, tudo o que advém a cada um deles pelo fato de sua maior ou menor raridade e de estar mais ou menos claramente associado a uma classe: assim, boxe, futebol, Rugby ou culturismo evocam as classes populares; tênis e esqui, a burguesia; e golfe, a grande burguesia), benefícios de distinção proporcionados pelos efeitos exercidos sobre o próprio corpo (por exemplo, magreza, bronzeado da pele, musculatura mais ou menos aparente, etc.) ou pelo acesso a grupos altamente seletivos, obtido pela prática de alguns deles (golfe, polo, etc.) (Bourdieu, 2007, p. 25).

Pensando no meu campo de pesquisa e minhas informantes, não podemos dizer que o futebol de fato faz uma separação pelas classes sociais, pois no grupo estudado temos mulheres de diversas classes, que possuem formação em áreas diversas do conhecimento, experiências e trajetórias únicas. Mas, considerando que esse futebol acontece em uma quadra pública, onde o uso é livre e sem custo para a população, é possível colocar que as classes populares têm um acesso facilitado a esse espaço. É no Aterro do Flamengo que muitas pessoas encontram

a possibilidade de praticar um esporte sem precisar despende de dinheiro para isso.

O parque permite que a prática do futebol aconteça com acesso livre, por isso o constante entra e sai de participantes nas Boleiras. As atividades que ocorrem pós-futebol como os churrascos e comemorações só são possíveis por estarem acontecendo em um espaço público e de acesso das classes populares que muitas vezes não possuem outro lugar para realizar essa confraternização. Em futebóis que acontecem em clubes, ou condomínios que possuem área de lazer com churrasqueira e piscina, essas confraternizações pós-futebol também acontecem. Mas na realidade da classe popular, que ocupa o Aterro, esse parque é o lugar que os proporciona essa vivência.

Sobre a escolha das práticas esportivas pelas pessoas, Bourdieu (2007, p. 198) ainda afirma que:

Pelo fato de que os agentes apreendem os objetos através dos esquemas de percepção e de apreciação de seus *habitus*, seria ingênuo supor que todos os praticantes do mesmo esporte - ou de qualquer outra prática - conferem o mesmo sentido a sua prática ou, até mesmo, praticam, propriamente falando, a mesma prática. Seria fácil mostrar que as diferentes classes não estão de acordo em relação aos ganhos esperados da prática do esporte. , tratando-se dos ganhos específicos - propriamente corporais que não são, de modo algum, objeto de discussão relativamente ao fato de serem reais ou imaginários já que são realmente visados, tais como os efeitos sobre o corpo externo (por exemplo, a magreza, a elegância ou uma musculatura visível) ou os efeitos sobre o corpo interno (por exemplo, a saúde e equilíbrio psíquico) - sem falar dos ganhos extrínsecos, tais como as relações sociais que podem ser estabelecidas mediante a prática do esporte ou as vantagens econômicas e sociais que, em determinados casos, tal prática pode garantir. E, apesar de existirem casos em que não há equívoco em designar a função dominante da prática, não se tem jamais o direito de supor que a expectativa das diferentes classes esperem a mesma coisa da mesma prática: assim, por exemplo, pode-se exigir da ginástica - aliás, essa é demanda popular satisfeita pelo culturismo - a produção de um corpo forte e que exiba sinais exteriores de sua força ou, então, um corpo saudável - essa é a demanda burguesa que encontra satisfação em uma ginástica com função essencialmente higiênica - ou, ainda, com as 'novas ginásticas', um corpo 'liberado' - essa é a demanda característica das mulheres das novas frações da burguesia e da pequena burguesia. Somente uma análise metódica das variações da significação e função atribuídas às diferentes práticas esportivas poderiam permitir, por um lado, escapar às 'tipologias' abstratas e formais baseadas - essa é a lei do gênero - na universalização da experiência concreta do pesquisador e, por outro, construir a tabela dos traços sociologicamente pertinentes em função dos quais as agentes se determinam (consciente ou inconscientemente) na escolha de suas práticas esportivas.

Nessa perspectiva, as jogadoras do Aterro não podem ser entendidas enquanto unidade única, suas escolhas para a prática desse esporte não podem ser generalizadas. Os motivos pelos quais elas se engajam nessa prática e como o fazem serão expostos mais à frente a partir dos dados etnográficos da pesquisa. Para Bourdieu, não existe uma homogeneidade social dos praticantes, e os conflitos que acontecem retraduzem as diferenças sociais ali presentes. Dessa forma, os esportes que conseguem se democratizar, como no caso do futebol, podem fazer coincidir públicos socialmente diferentes. Isso serve como uma advertência contra a necessidade de se buscar uma explicação para a distribuição desse esporte entre as classes. Na concepção de Bourdieu não é possível compreender essa relação sem considerar os usos sociais que são favorecidos ou não por essas práticas. Como no caso das Boleiras, além do futebol em si, essas pessoas desfrutam de momentos de lazer e sociabilidade estabelecendo relações, inclusive de aprendizagem com os pares.

Em sua pesquisa sobre a aprendizagem de futebol em um bairro de Belo Horizonte-MG, Faria (2008) assegura que é possível afirmar que a aprendizagem do futebol se dá nas diversas interações cotidianas e não concentrada na escola ou instituições formais de ensino. Existe uma ampla difusão desse esporte na sociedade e sua pedagogização é difícil, o que aponta que para compreender os modos de aprendizagem do futebol existe a necessidade do uso de abordagens que irão permitir que sejam contempladas outras formas de relações sociais que perpassam esse esporte.

Sobre a formação de jogadores de futebol, Damo (2009, p. 29)³⁵ aponta que o Brasil é reconhecido internacionalmente como celeiro de craques e que isso se dá devido à uma “forte rede articulada de agências e agentes que visa transformar os jovens em profissionais”. Segundo ele, a disseminação da associação da associação de futebol foi obra de jogadores amadores.

A formação dos jogadores de futebol é a etapa seguinte à aquisição dos conhecimentos técnicos básicos, que no Brasil acontece em ruas, praças, parques e pátios, terrenos baldios – ou seja, fora de instituições esportivas e educacionais. Esta fase antecede a atividade do futebol profissional (Damo, 2009, p. 38).

³⁵ Tradução feita por mim de texto em Inglês.

Como mostrei no capítulo 3, sobre Futebol Feminino no Brasil, a inserção das mulheres nesse esporte, considerado como identidade nacional, não aconteceu da mesma forma que foi para os homens. Apesar do Brasil ser considerado o país do Futebol, esse futebol enquanto manifestação cultural do nosso povo é genderizado. Dessa forma, ao se discutir futebol e sociedade não podemos esquecer que por muito tempo as mulheres não faziam parte dessa realidade. O celeiro de craques é um celeiro masculino. Apesar de termos a Marta, ganhadora do título de melhor jogadora do mundo por inúmeras vezes, não temos muitas outras jogadoras que se destacam mundialmente no futebol de mulheres.

A seleção feminina de futebol do Brasil também é um exemplo dessa desigualdade. Apesar de um grande histórico de participação em campeonatos, essa não possui títulos como a masculina. A seleção não possui nenhum título de campeã no Campeonato Mundial de Futebol Feminino e ocupa somente a décima primeira posição no ranking da Fédération Internationale de Football Association (FIFA). O Campeonato Brasileiro, maior campeonato do país, teve sua primeira edição feminina somente em 2013, já o masculino ocorre desde 1980. Esse cenário se difere muito de países como nos Estados Unidos, onde o futebol feminino é uma potência, inclusive maior que o masculino. Sobre a diferença entre jogadoras no Brasil e nos Estados Unidos, Geórgia Fernandes Balardin et al. (2018), afirmam que:

O investimento no futebol feminino nos Estados Unidos está muito associado com a cultura, uma vez que os pais investem muito inicialmente, se mobilizando para arrecadação de fundos para manter os programas esportivos até a idade de 18 e 19 anos (Balardin et al., 2018, p. 104).

Kessler (2015) afirma que nos Estados Unidos os homens praticam mais o *football*, conhecido no Brasil como futebol americano, e esse esporte tem uma maior identificação nacional. Já o futebol, *soccer* nos Estados Unidos, era mais praticado por jovens, mulheres e hispânicos. Na universidade em que realizou sua pesquisa nos Estados Unidos, o futebol *soccer* era o esporte mais desenvolvido para as mulheres. Segundo a autora, no Brasil, temos 2,1 milhões de jogadores registrados pela FIFA, porém o número de mulheres é baseado em estimativas. Segundo cadastro da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 2014, havia 6.287 cadastros, mas que possuíam algumas regularidades como homens incluídos

e jogadoras que não praticam mais. Os países com maior número de jogadoras registradas são Estados Unidos (1,6 milhão), Alemanha (871 mil) e Canadá (495 mil).

No Brasil, as competições oficiais são recentes e limitadas. Diferentemente dos Estados Unidos, onde possuem competições desde a infância até a fase adulta, “o que favoreceu o país a se tornar uma grande potência nesta modalidade esportiva” (Balardin et al., 2018, p. 104).

O desenvolvimento nos Estados Unidos torna o esporte favorito das mulheres, por estar incluído desde a fase escolar e em universidades através de bolsas para atletas, e ligas de alto nível para disputas de campeonatos (Balardin et al., 2018, p.104-105).

Já no Brasil, apesar de todos os avanços nos últimos anos, a estruturação do futebol feminino ainda é precária, são poucos os campeonatos que acontecem, as contratações são temporárias e muitas atletas exercem outras profissões. Em relação às políticas, tanto públicas como privadas, para incentivo da prática do futebol entre em meninas e mulheres, estas são praticamente inexistentes (Balardin et al., 2018).

Sobre as diferenças entre os dois países Kessler (2015, p. 356, grifos da autora) concluí que:

Com disciplina heterodoxa de treinamentos e sem legislação específica, as jogadoras *brasileiras* ainda vivem de sonhos, enquanto as *estadunidenses* contam com regimes disciplinares de treinamentos rígidos desde a infância, estruturados de forma a proporcionar o acesso ao sistema futebolístico das estáveis instituições educacionais universitárias. Enquanto o tempo, a performance e a geração parecem guiar as ações das jogadoras universitárias estadunidenses; o improviso, a liberdade e a criatividade aparecem como fortes elementos que compõem o futebol porto-alegrense. [...] Em relação ao *futebol de mulheres* brasileiro, prefiro defini-lo como um *futebol de devir*, ou seja, um futebol que ainda está a fazer-se e refazer-se. Nos Estados Unidos, entretanto, o *futebol de mulheres* é bastante estruturado e possui diversas regulações, que o aproximam mais a uma matriz espetacular, entretanto, sem poder ser assim considerado. De forma sintética, pode-se dizer que diferentes mundos futebolísticos se relacionam com o empoderamento, o aumento da autoestima, a superação de barreiras e a produção de *famílias*.

Mesmo sem representatividade, apoio, incentivo, e considerando as diferenças entre os países, muitas mulheres no Brasil escolhem jogar futebol. Esse esporte é muito praticado por meninas e mulheres, seja em ambientes formais de

ensino, ou não. Como no caso de minhas interlocutoras, onde a grande maioria sempre praticou esse esporte, seja em escolinhas de ensino formal, em projetos sociais ou somente de forma amadora em campos, quadras e até mesmo na rua.

Dessa forma, buscando compreender como se dá o aprendizado do futebol amador pelas Boleiras do Aterro, que acontece em um espaço não escolarizado ou de aprendizagem formal, utilizo das contribuições de Lave & Wenger (1991) onde a aprendizagem é considerada um aspecto inerente de toda prática social e Ingold (2020) onde a educação se trata de uma prática de atenção, e não de transmissão.

Lave & Wenger reformulam a nossa concepção de aprendizagem colocando a ênfase na pessoa como um todo. Nesse contexto, o agente, a atividade e o mundo são mutuamente constitutivos. Essa visão escapa da tradição em que existe a suposição de que a aprendizagem é a recepção de informações ou conhecimentos formais e que ignoram o caráter essencialmente social da aprendizagem. Os autores propõem que a aprendizagem é um processo de participação em comunidades de prática, que a princípio é legitimamente periférica, e que aumenta gradualmente em engajamento e complexidade. Para esses autores é importante uma mudança de foco analítico do indivíduo enquanto aluno para a aprendizagem como participação no mundo social e do conceito de processo cognitivo para uma visão mais ampla da prática social.

Essa aprendizagem é concebida como “atividade situada”, ou como os autores nomeiam “Legitimate Peripheral Participation (LPP)”. O processo de participação periférica legítima é a característica definidora central da aprendizagem vista como atividade situada. Os alunos participam de comunidades de práticas inevitavelmente e o domínio do conhecimento e da habilidade requer que os recém-chegados se movam em direção à plena participação nas práticas socioculturais de uma comunidade. Nesse sentido, a aprendizagem é um aspecto integral e inseparável da prática social (Lave; Wenger, 1991).

‘Participação periférica legítima’ diz respeito ao processo pelo qual os recém-chegados se tornam parte de uma comunidade de prática. As intenções de aprender de uma pessoa são engajadas e o significado da aprendizagem se configura por meio do processo de se tornar um participante pleno de uma prática sociocultural. Esse processo social inclui, a aprendizagem de habilidades que podem ser aprendidas e que estão submissas na prática (Lave; Wenger, 1991, p. 29).

No caso da minha pesquisa, com as Boleiras, por se tratar de um esporte amador temos uma diferença em relação ao que foi proposto por Lave e Wenger. Na verdade, minhas interlocutoras não demonstram ter a ambição de passar de aprendiz a mestre, como é central ao esquema dos autores. Mas, trata-se de saber jogar para usufruir de tudo que ser uma Boleira pode proporcionar: o jogo propriamente dito, os churrascos, os momentos de descontração, o lazer e a prática da atividade física, ou seja, o jogo para além do jogo e assim se tornar de fato uma Boleira.

O conceito de atividade situada assume proporções de uma perspectiva teórica geral. Sendo assim, afirma-se que não há atividade que não seja situada. A ênfase é em compreender a pessoa como um todo e na atividade no e com o mundo. Já a aprendizagem como uma participação periférica legítima surge do contraste entre uma teoria da aprendizagem na qual a prática, no sentido de replicação, é incluída nos processos de aprendizagem e uma teoria onde a aprendizagem é parte integrante da prática. Dessa forma, a aprendizagem não está meramente situada na prática ela é componente integrante da prática social generativa no mundo vivido (Lave; Wenger, 1991).

Assim, nos termos propostos, não pode existir algo como 'participante periférico ilegítimo'. A forma que a legitimidade da participação assume é uma característica definidora dos modos de pertença e, não só uma condição para a aprendizagem, mas um elemento constitutivo de seu conteúdo. Também não pode ter uma coisa tão simples como a 'participação central' em uma comunidade de prática. A periferia sugere que existem maneiras múltiplas, variadas, mais ou menos engajadas e inclusivas de estar localizado nos campos de participação definidos por uma comunidade. Participação periférica é estar localizado no mundo social. A mudança de locais e perspectivas faz parte das trajetórias de aprendizagem dos atores (Lave; Wenger, 1991, p. 35).

A noção de participação periférica legítima é complexa e implica em estruturas sociais que envolvem relações de poder. Assim, a legitimidade periférica vai sugerir uma forma de obter acesso a fontes de compreensão por meio de um envolvimento crescente. É importante, ainda, enfatizar que a participação periférica legítima não é uma forma educacional ou estratégia/técnica de ensino, ela é um ponto de vista analítico sobre a aprendizagem, ou seja, uma maneira de compreender a aprendizagem (Lave; Wenger, 1991).

Sobre a aprendizagem situada, Faria (2008) utilizando-se de Lave como referência, argumenta que a aprendizagem está presente então em todo o tipo de

atividade e não só naquelas de situações claras de treinamento e ensino. As atividades que uma pessoa participa no seu cotidiano irão permitir o acesso a diferentes modos de comportamento. Pensando no futebol, em face da sua difusão/popularização no Brasil, “este esporte foi tomado como prática em que os processos de aprendizagem são indivisíveis da produção cotidiana” (Faria, 2008, p. 30).

Ingold (2020), assim como Lave e Wegner, critica a visão tradicional do ensino e da aprendizagem como transmissão de conhecimento. Ele busca provar que o estudo antropológico, enquanto maneira de viver a vida com os outros, é inteiramente educacional e afirma que os princípios da Antropologia e da Educação são os mesmos. Ingold se preocupa com a concepção existente de que educação é a prática de transmissão de informações e a escola concebida como único espaço em que o conhecimento pode ser adquirido. Como contraposição, afirma que a educação é sobre “atentar para as coisas, e para o mundo” (Ingold, 2020, p. 17). Assim, é mais provável que a Educação acontece fora da escola em contextos de transmissão e comunicação.

Nesse contexto, comunicação assume o sentido de comungar, ou seja, é “a comunhão da vida e, a transmissão, sua perpetuação, o ambiente é então sua variação” (Ingold, 2020, p. 20), e esses são fundamentais para a continuidade da vida, ou seja, para educação. Segundo o autor, “todo conhecimento é fundado na habilidade” (Ingold, 2020, p. 30), portanto, não se trata de um conhecimento transmitido, mas sim o conhecimento que cresce na pessoa enquanto ela segue os caminhos de seus predecessores.

Na educação como forma de se atentar para vida, Ingold (2020, p. 40) apresenta o termo hábito que é “o que o passar pelas coisas traz para a tarefa do fazer”. É por meio desse fazer que as pessoas habitam o mundo, essa habitação é um processo de atenção. Assim, a vida é compreendida como uma tarefa, e sua condução é uma tarefa da educação. No hábito a atenção significa “ir junto com”, os seres se correspondem, se atendem e caminham juntos.

O objetivo, então, é conduzir os novatos para o mundo, e não inculcar conhecimento em suas mentes. Para isso é necessário que as pessoas se exponham, correspondam com mundo e se atentem a ele. O processo de educação da atenção acontece de forma gradativa com a experiência, ou seja, a educação acontece então pela atenção, e não pela transmissão (Ingold, 2020). Em outro

texto, abordando a educação, o autor afirma que “educar é levar os noviços para o mundo lá fora, ao invés de – como é convencional hoje – inculcar o conhecimento dentro das suas mentes. Significa, literalmente, convidar o aprendiz para dar uma volta lá fora” (Ingold, 2015, p. 23)

Nesse sentido o aprendiz estaria no presente, vulnerável, mas com uma compreensão fundada na experiência daquilo que está do conhecimento, é um entendimento a caminho da verdade (Ingold, 2015). A educação da atenção é uma forma de compreender a aprendizagem que acontece na prática cotidiana (Ingold, 2020).

Ingold tem como referência Gregory Bateson (1972) que sinaliza que a aprendizagem ocorre em qualquer relação entre pessoas, com o termo “aprender a aprender” explica uma aprendizagem de contextos. Um dos pontos centrais da teoria de Bateson é a comunicação, fator essencial para que o jogo aconteça.

Para Bateson (1972) o jogo é uma forma mais complexa da brincadeira e assim como a forma lúdica só acontece, pois, as pessoas envolvidas sabem que estão jogando, ou seja, existe o que ele chama de metacomunicação entre os envolvidos. Em algum grau, aqueles que brincam ou jogam, sabem e transmitem a mensagem de aquilo “é um jogo” ou aquilo “é apenas uma brincadeira”. Assim, jogar só é possível porque o nosso organismo consegue trocar sinais que levam a mensagem de que os jogadores estão apenas jogando (Bateson, 2000).

Gabriel Guarino Sant’Anna Lima de Almeida (2023, p. 146) em sua tese de doutorado sobre a aprendizagem de Chen Shi Taijiquan, pergunta: “quando sabemos que um vivente aprendeu algo?” Nos termos de Bateson seria notando a diferença no comportamento dessa pessoa, alguma mudança no padrão das suas atividades que permitiriam inferir uma variação. “Chamamos de aprendizagem justamente o processo ao qual creditamos causa da variação: ‘fulano aprendeu’, dizemos no cotidiano, sabedoria popular de que o aprender é constitutivo não apenas de espaços escolares, mas da própria vida” (Almeida G, 2023, p. 147).

Sobre Antropologia e Educação, Mizrahi (2020) toma a educação como relação. Assim, a agenda de uma pesquisa antropológica que tem a Educação como campo deve-se desenhar não pela consideração dos sistemas de conhecimento distintos, mas sim “a partir de uma consideração do nosso tornar-se a partir do engajamento com a materialidade do mundo” (Mizrahi, 2020, p. 171).

A partir dessas considerações podemos refletir acerca de como se dá o aprendizado de futebol pelas Boleiras do Aterro, que acontece na relação nos domingos de futebol, nos demais espaços em que muitas jogam e que conformam também situações de aprendizagem, na interação entre o grupo, na prática do esporte entre os pares que se aprende a ser uma Boleira do Aterro. O futebol enquanto prática social tem a aprendizagem como aspecto inerente. Dessa forma, a aprendizagem

Decorre da participação da participação nos múltiplos contextos de prática a partir de diferentes engajamentos: jogar, assistir, conversar, ensaiar, torcer, ou, simplesmente, estar lá são modos de praticar futebol que redundam em aprendizagem da e na prática (Gomes; Faria, 2015, p. 1220).

5.1. O Aterro como espaço de aprendizagem

Em um domingo de jogo decidi que iria pedir autorização às minhas interlocutoras para gravar um pouco de nossas conversas. Era um dia de muito movimento e churrasco e várias jogadoras aceitaram participar dessa conversa gravada. Um dos assuntos que abordei é se elas consideravam aquele espaço enquanto um espaço de aprendizagem.

Como já mencionado no capítulo anterior, a jogadora Maria relata que aprendeu de fato a jogar futebol com as Boleiras. Em suas palavras ela afirma que:

Eu sempre joguei mal né, mas sempre teve as meninas que me incentivaram. Eu não conseguia jogar e agora eu consigo. Elas sempre me incentivaram e falaram que eu ia aprender. Hoje eu jogo de igual com elas. E eu sou uma pessoa muito feliz, eu gosto de jogar, mesmo não sabendo tudo.

O relato de Maria corrobora com o que pude observar durante meu trabalho de campo. Apesar de não ter presenciado esse momento anterior relatado por ela, onde ela ainda não dominava o jogo, pude perceber um pouco de sua evolução. Ela, mesmo com um nível de habilidade menor que outras jogadoras, participa das partidas de forma igual às demais.

Maria também afirma que isso só foi possível porque o grupo das Boleiras é aberto à todas que queiram jogar, sabendo ou não, *“Todo mundo que chega que quer jogar, mesmo sabendo ou não sabendo, elas dão oportunidade. O legal é esse né? Você não sabe, mas pode aprender”*. O caso de Maria demonstra como a aprendizagem do futebol independe de seu ensinamento ou de um espaço formal de ensino aprendizagem. Foi na prática, dentro de uma comunidade de prática, ao interagir com os pares, se relacionar e vivenciar aquele contexto que ela se tornou uma Boleira e aprendeu a jogar futebol. O conhecimento não foi transferido a ela, pelo contrário, o aprendizado aconteceu conforme Maria ia habitando aquele espaço, compartilhando experiências e vivendo e caminhando com as Boleiras.

Maria também afirma que a cada dia ela sente que está melhor e que se esforça para isso. A aprendizagem pela prática é uma aprendizagem contínua, permanente e que acontece enquanto a prática existir. Especialmente se pensamos em práticas corporais onde o aprendizado é circunscrito ao corpo, então enquanto houver prática existe aprendizagem. Pensando com Bateson, a aprendizagem nesse caso é uma melhora progressiva no desempenho da ação, nesse caso jogar futebol. Dessa forma, trata-se de “aprendizados que o movimento promove” (Almeida G, 2023, p. 183). Faria (2008) corrobora e sinaliza que a aprendizagem deve ser compreendida como historicamente constituída e como processo em que corpo e cultura estão entrelaçados.

O caso de Maria, que tem 63 anos, também demonstra uma característica própria do futebol amador, que é a produção de jogos de futebol entre praticantes de diferentes idades e com diferentes domínios da prática. Nesse cenário, nem sempre o jogador com maior idade vai ser mais experiente que um jogador de idade inferior. Maria, mesmo sendo a mais velha desse grupo, se encontra na posição de novata/iniciante.

Nele a difusão do conhecimento se dá, portanto, nas diferentes formas de engajamento e a partir de relações de poder e camaradagem (totalmente diferentes das relações pedagógicas) entre jogadores mais velhos/experientes e mais novos/iniciantes. Um participando do aprendizado do outro. É importante salientar, desse modo, que se trata de um processo circular. Isso porque, quando um jovem deixa de ser iniciante, passa a constituir relações com outros iniciantes (Faria, 2008, p. 2010-2011).

O processo de se tornar uma boleira também envolve certos rituais que são inerentes a esse grupo específico. Lave & Wenger (1991) afirmam que a participação é baseada em negociações e renegociações situadas dos significados do mundo em que apresentam a natureza conflitual da prática social, assim, a aprendizagem irá incorporar a característica estrutural da comunidade. Faria (2008, p. 29, grifos da autora) citando Lave sinaliza que “a aprendizagem é, pois, constitutiva das experiências *na* e *da* prática social. Está ligada, portanto, ao centro da produção, reprodução, transformação e mudança da ordem sociocultural”

Essa aprendizagem acontece dentro de um contexto da prática social.

Se o contexto é visto como um mundo social constituído de relações entre pessoas que agem, a compreensão de ele é inescapavelmente flexível e está em constante transformação ganha destaque. Definindo o contexto como em permanente mudança, a aprendizagem torna-se característica central (Faria, 2008, p. 29).

O contexto da prática social em que as Boleiras estão inseridas é composto por diversos elementos como sujeitos, objetos, instrumentos, redes sociais e demais ferramentas que possibilitam a aprendizagem, ou se tornar uma Boleira. As jogadoras, participam de um processo de entrada cujas etapas consistem em: a) solicitar a participação em um domingo de jogo; b) participar de três domingos para assim ser inserida no grupo do WhatsApp; c) uma vez no grupo, as jogadoras devem obedecer as regras de convivência do grupo (expostas anteriormente); d) colocar o nome na lista sempre que for comparecer aos domingos para jogar; e) comparecer, pontualmente, no Aterro aos domingos; f) seguir as regras do jogo, que foram formuladas pelas Boleiras e aprovadas pela maioria (em anexo).

Em uma conversa com Lua indaguei sobre o porquê de todo esse processo para participar do grupo, e ela me disse que mesmo ali sempre um ambiente de descontração e não de aprendizagem formal, algumas regras eram necessárias para se manter a organização. Lua afirma que todas as regras foram definidas em acordo entre as veteranas de forma que facilitasse a inserção de novas pessoas e que também não fosse algo extremamente rígido, pois esse não é o objetivo do grupo. A necessidade de participar de três domingos de jogos antes de participar do grupo de mensagens é para que esse grupo não fique muito cheio de pessoas que não irão participar sempre, ou que só participaram uma única vez, e, através

de minha observação em campo pude perceber que, de fato, essa regra faz sentido para o exercício das Boleiras do Aterro.

Dessa forma, como apontado por Faria (2008) e Lave & Wenger (1991), a aprendizagem não acontece de forma passiva, mas existe um processo estruturado, embora não formal, que permite a aprendizagem do ser uma Boleira do Aterro. “Ela se constitui no sujeito a partir de intenso processo de participação/experimentação/imersão do e no futebol” (Faria, 2008, p. 2013). É um processo em que as aprendizes vão se mover, de iniciantes a veteranas, na estrutura da prática social e assim aprender. Em sua pesquisa sobre a aprendizagem do futebol, Faria (2008, p. 134) assinala que:

Os relatos possibilitam compreender também, que não estava em jogo no futebol a assimilação passiva de um programa motor definido, mas a aprendizagem de uma relação, da qual era preciso considerar a dinâmica inteira: eu, a bola, o outro, o contexto.

Lua, que é a fundadora das Boleiras do Aterro, afirma que antes do Boleiras existir ela participava de outro grupo que se desfez. Com o término desse antigo grupo, ela criou juntamente com algumas outras veteranas, Lia e Maria, o grupo do Boleiras do Aterro e passou a divulgá-lo para que novas participantes o integrassem. Lua afirma que desde o início o objetivo foi de receber toda mulher que tivesse interesse pela prática e que aquele espaço devia ser de lazer, diversão e de aprendizado, tendo em vista que nem todas as mulheres que gostam ou desejam jogar, de fato saíam.

Eu comecei a jogar por divertimento, eu conheci o futebol aqui no Rio de Janeiro, quando eu morava em Belém, porque eu sou de Belém, eu jogava vôlei. Futebol eu vim participar aqui no Rio de Janeiro. Aqui que eu aprendi mesmo o futebol. E hoje o futebol é tudo para mim.

Ao ser perguntada se enxergava aquele espaço como espaço de aprendizagem, Lua prontamente respondeu que sim:

Somos pessoas de várias idades, várias sexualidades, e isso é importante para nós. Ter essa união independente e a pessoa ser homossexual ou heterossexual, nós estamos lutando pelo futebol. Para que outras meninas possam vir jogar e aprender. É importante para nós. É muito satisfatório para nós isso, receber meninas novas pois o grupo nunca termina, vai se renovando cada vez mais, vai saindo algumas e vai entrando meninas novas. Esse é o intuito, não deixar acabar,

deixar essa marca nossa. Importante é ter a mulherada aí jogando, praticando e aprendendo o esporte.

Depois desse relato, insisti um pouco sobre como ela enxerga a aprendizagem do futebol, especificamente, na prática aos domingos.

Nem todo mundo que chega aqui sabe jogar. Eu mesma aprendi bastante coisa aqui. Tem pessoas que não sabem jogar nada e chegam aqui e falam: eu não sei jogar. E a gente sempre fala para elas que estamos aqui para divertir e aprender. Todo mundo que vem aqui, vem para divertir e aprender umas com as outras. Tem algumas que jogam bem para caramba, com certeza, mas tem algumas que não sabem jogar. Mas com o passar do tempo vai aprendendo entendeu? Vai aprimorando, isso que é importante, ter o incentivo de quem sabe um pouco mais para quem não sabe. É esse tipo de coisa que acontece, que traz mais pessoas para cá, entendeu? Eu quero mais é aprender e poder passar adiante.

O relato de Lua corrobora com o que foi apontado por Faria (2008, p. 207) que “a participação nas práticas futebolísticas (na comunidade de prática) que fundamenta a aprendizagem desse esporte”. Dessa forma, o conceito de participação periférica legitimada é fundamental.

Na aprendizagem cotidiana do futebol o foco está na participação, na aprendizagem entre pares. [...] Difusa, a prática do futebol é reforçada por toda a estrutura da vida dos jovens brasileiros. A sua aprendizagem não é, portanto, instrumental, consciente, individualizada e desconectada da sociabilidade” (Faria, 2008, p. 209-210).

No futebol, os praticantes não se deslocam/movimentam apenas em função da meta/gol. De iniciantes a experientes, eles se deslocam na prática e, na medida em que ganham acesso ao conhecimento no corpo (embodied), movem-se em direção à participação plena, ou seja, aquela em que há o domínio do conhecimento ou prática coletiva [...] A aprendizagem do futebol é, portanto, a consequência da imersão cotidiana dos jovens na prática, ou seja, os praticantes (não identificados como aprendizes) incorporam-no em seu contexto de produção. Nas relações de sociabilidade que envolvem esses praticantes há intensos processos de aprendizagem em diferentes formas de engajamento na prática. É por meio da participação nas práticas de futebol, na escola, na Praça de Esportes, no campo de futebol, nas ruas, etc., que os jovens (em relações de poder, tensões e conflitos inerentes à participação na prática social) constituem a habilidade futebolística. (Faria, 2008, p. 210).

É na prática que aprendizagem do futebol acontece, as jogadoras que iniciam sua participação de forma mais contida e menos habilidosa, com o passar do tempo passam a incorporar o jogo e ter maior domínio do futebol, como Maria e Lua, e passam a ser mais requisitadas durante o jogo, recebendo mais

passes e participando mais das partidas, assim com a aprendizagem vem uma maior responsabilidade (Faria, 2008).

Citando Ingold, Faria (2008) ainda afirma que a existe uma contradição básica na participação nas práticas de futebol que é a necessidade que os participantes têm de aprender para participar/praticar e de participar/praticar para aprender. Dessa forma é a partir da participação no futebol que a atenção necessária para a prática desse esporte é constituída.

Sobre veteranas e novatas, Bia comenta que é um grupo que está sempre se renovando e agregando pessoas. De acordo com seu relato, sua inserção nesse grupo se deu da seguinte forma: ela buscava um lugar para jogar futebol e uma pessoa disse que no Aterro havia um grupo de mulheres que jogava aos domingos, assim ela passou a frequentar e a participar dos jogos. De iniciante há um tempo, hoje ela é uma das veteranas.

É um grupo que vai agregando. Tem sempre umas veteranas, eu sou uma dessas pessoas apesar de que eu não sou da leva de veteranas iniciais, das veteranas 'dinossauras', mas eu sou de uma segunda leva de veteranas vamos dizer assim. Então é legal porque vão surgindo pessoas e tem aquelas pessoas que sempre continuam aqui, elas podem até, por viagem ou uma doença, faltar e ficar um tempo sem vir, aí do nada elas ressurgem. Ao passo que tem essas veteranas que ressurgem, tem pessoas novas que começam a brotar. E essas pessoas podem também se tornar habituais e vir se tornar veteranas.

Malu afirma que sua inserção nesse grupo se deu em um dia que caminhava pelo Aterro e viu as Boleiras jogando, se aproximou e pediu para participar. Foi muito bem recebida e desde então participa sempre dos jogos e é uma das jogadoras mais assíduas. Malu conta, ainda, que apesar do seu conhecimento sobre o jogo e de já praticá-lo há muito tempo, sua inserção e plena participação no contexto das Boleiras aconteceu de forma lenta e gradual, onde ela se deslocou de uma novata para uma veterana, conhecida e reconhecida pelas demais.

Karla apontou que um dos motivos que a fez frequentar e se tornar membra do Boleiras do Aterro foi compreender que aquele lugar diverso e plural poderia oferecê-la vivências que outros espaços em sua vida cotidiana não ofereceriam. Em seu relato, ela sinaliza que vem aprendendo muito com as demais jogadoras e acredita também contribuir no aprendizado das demais nessa relação. Para Karla, a diversidade étnico-racial, de sexualidade, de classe social e local de moradia é o

que faz o grupo ser único. É na relação entre indivíduos tão diferentes que a aprendizagem de novas formas de se viver e habitar o mundo é construída.

A gente aprende muito uma com a outra. No início eu acreditava que seria difícil por ser uma mulher heterossexual em um ambiente que sou a minoria. Mas com o tempo fui mostrando para as meninas que eu não tinha nenhum interesse por trás, eu queria somente jogar. E hoje em dia a gente se respeita, aprendemos a respeitar nossas diferenças. O meu grupinho é formado por heterossexuais e homossexuais e hoje elas são amigas do meu marido.

O relato de Karla aponta como a aprendizagem nesse contexto não se resume somente à aprendizagem motora da prática do futebol. Existem outras formas de conhecimento que são possíveis a partir da prática, mas que também acontecem pela observação, pela conversa, pelas trocas etc. É um movimento que está sempre reincidindo, renovando, reinventando, reiterando e recomeçando o onde quem aprende nunca estará pronto. “Ao participar da prática social futebolística, ele sempre constitui um novo aprendizado” (Faria, 2008, p. 213).

Apesar das Boleiras reconhecerem que a aprendizagem se faz em sua prática cotidiana, para as participantes esse não é um objetivo. Não é pela aprendizagem que elas se engajam nessa comunidade de prática, mas a aprendizagem faz parte do engajamento. O motivo da sua participação é o jogo, jogo esse que não se trata somente da atividade propriamente dita, mas para além do jogo que envolve momentos de lazer, churrasco, confraternização etc. Ao perguntá-las sobre o porquê que elas jogavam futebol, e o porquê acordavam cedo em um domingo para jogar, as respostas que recebi sempre caminhavam para o sentido da participação, de jogar, do prazer do jogo, de encontrar os amigos, socializar, de estar ao livre, de cuidar da saúde, da forma física e da saúde mental. Dessa forma, a aprendizagem é uma decorrência maior, que surge a partir do jogar e de tudo que esse jogar articula.

Como apontado por Faria (2008) o futebol é prática social cotidiana complexa. Então compor a aprendizagem do futebol é uma tarefa difícil, “já que nas práticas futebolísticas, cuja a aprendizagem de tão sutil é chamada de dom, muitos elementos parecem escapar” (Faria, 2008, p. 101). Assim, busco revelar os modos de aprendizagem do futebol pelas boleiras a partir da descrição dos modos de participação dessas mulheres na prática.

5.2. A aprendizagem na cena do jogo

Em um domingo de sol e lista cheia de jogadoras, enquanto jogava, Lia dava muitas instruções para as demais jogadoras, tanto do seu time quanto do time adversário. Alguém que, no momento não consegui identificar, argumentou: “*você está dando dica para o time adversário?*” Lia prontamente respondeu: “*claro ué, para todo mundo aprender. Todo mundo tem que saber jogar, não seja egoísta. Quanto melhor elas jogarem, melhor o jogo fica!*”. A postura de Lia contribui para que o jogo aconteça de forma fluida e proveitosa para todas, então é interessante que todas as jogadoras tenham domínio básico do esporte.

5.2.1. Dinâmica dos jogos

Os domingos de Fut sempre se iniciam da mesma maneira. A partir das 9:00 horas da manhã as jogadoras começam a chegar no Aterro. Mesmo com os pedidos de pontualidade feitos no grupo do WhatsApp, raramente as Boleiras chegam às 9:00 horas. Assim, à medida que vão chegando elas se reúnem na lateral da quadra para esperar. O jogo só começa se houver uma quantidade mínima de mulheres, normalmente 6, contanto que os homens participem para completar o número mínimo.

Dessa forma, atingindo o *quórum* mínimo, acontece a divisão das equipes. Desde a minha primeira inserção em campo pude perceber como era feita a divisão das equipes. As boleiras buscam deixar as equipes equilibradas, mesclando jogadoras mais habilidosas e com maiores qualidades técnicas com jogadoras menos habilidosas ou mais recentes no grupo. A divisão é feita de forma a evitar que um time fique muito mais forte que o outro, ou que ocorram o que elas chamam de “panelinha”³⁶.

³⁶ Significa que as jogadoras mais habilidosas ou mais entrosadas criam uma equipe para jogarem sempre juntas e deixam as menos habilidosas em uma outra equipe, impedindo que tenham equipes equilibradas.

Entretanto, quando existe um número grande de jogadoras, que ultrapasse os dois times em quadra, é comum que jogadoras menos habilidosas ou novatas fiquem “de fora” aguardando a partida acabar para poderem jogar. Mesmo na busca pelo equilíbrio, ao dividir as equipes, as mais habilidosas ou mais antigas no grupo são sempre escolhidas primeiro e sempre iniciam jogando.

Na minha primeira vez em quadra comentei que havia muito tempo que não jogava, então não tinha certeza se conseguiria jogar bem. Nesse dia havia somente 7 jogadoras, então todas iniciaram jogando, juntamente com os homens. Bia então pediu que redividissem o grupo de forma que eu e Maria, consideradas jogadoras mais fracas, não ficássemos na mesma equipe e assim as equipes ficariam equilibradas.

Em um outro domingo, havia mais de 15 mulheres, sendo assim algumas ficaram de fora aguardando o fim da partida, que no Aterro dura 10 minutos ou até alguma das equipes completar dois gols. Em caso de empate acrescenta-se 5 minutos e, se ao final o empate persistir, a decisão da partida é feita nos pênaltis. Assim, a equipe perdedora dá seu lugar à equipe que ficou de fora, e a equipe ganhadora segue jogando. Esse formato de jogo é muito comum em peladas. Caso a quantidade de jogadoras de fora não forme uma equipe, as que estão de fora escolhem quem elas querem tirar da equipe perdedora e entram em seu lugar. Isso faz com que as jogadoras novas e menos habilidosas sejam mais facilmente substituídas e joguem menos tempo, enquanto as mais habilidosas muitas vezes jogam o tempo todo.

Apesar de as Boleiras sempre buscarem o equilíbrio das equipes para que o jogo flua, ainda sim é comum que as jogadoras “de fora” no início da partida sejam jogadoras menos habilidosas ou novatas, que formam uma equipe mais fraca, tecnicamente falando e que ao disputar com a equipe vencedora da partida anterior acabam não tendo tanta chance de vitória e perdem a partida. Esse fato também foi evidenciado por Faria (2008, p. 104, grifos da autora) que aponta que:

Num jogo de inclusão/exclusão (*de fora* para dentro e novamente *de fora*), de hierarquias e de competição, mas também de aprendizagem (até das relações de poder e dos aspectos competitivos do jogo), o futebol era cotidianamente produzido. Nessa forma de organização, alguns jogadores participavam do jogo o tempo todo, enquanto outros (inexperientes/iniciantes) a todo o momento retornavam à participação como *de fora*. Sendo o último a ser escolhido, o último a entrar no jogo e o primeiro a sair nos momentos de revezamento de times, o desafio

do iniciante era ‘suportar’ os processos de exclusão do jogo e o fato de ser reconhecido pelos pares como aquele que conhece (corporalmente) menos o futebol.

No Aterro, a jogadora novata, ou que está participando esporadicamente, precisa compreender essa dinâmica do jogo e aguardar sua vez. Apesar de ser um espaço democrático, onde qualquer pessoa pode participar, existe ainda certa hierarquia e competitividade. Mesmo sendo um futebol amador, as Boleiras mais experientes, habilidosas e mais antigas no grupo, não gostam de perder ou jogar em equipes muito fracas ou somente de jogadoras novatas.

Como foi o caso de Lúcia, que já mencionei anteriormente, se aproximou da quadra e perguntou se poderia jogar. Mesmo com receio, por ela ser uma senhora mais idosa, magra e com deficiência, as Boleiras permitiram que ela jogasse. Mas, ela teria que esperar de fora até que a partida acabasse e ingressar na equipe que estava de fora. Assim, Lúcia aguardou sua vez e quando entrou em quadra sua equipe, mais fraca tecnicamente, perdeu e ela logo foi substituída ficando novamente de fora. Nesse enredo, Lúcia mais observou do que de fato jogou. Isso também aconteceu em minhas primeiras participações.

5.2.2. Aprendizagem corporal na prática

Por estar fora de forma e sem prática, eu sempre iniciava do lado de fora - a não ser que não houvesse jogadoras suficientes para completar os dois times -, e só entrava quando alguma jogadora cansava, se machucava ou a partida acabasse. Somente com o tempo, com a observação da dinâmica dos jogos e com a minha participação constante nos domingos que fui melhorando meu rendimento, conseguindo jogar melhor e até marcando gols. Um tempo depois eu já era escolhida para as primeiras equipes e não passava tanto tempo de fora. Esse também foi o caso de Maria que um dia me disse

No começo eu comecei a jogar e ninguém queria jogar comigo porque eu era ruim demais. Aí umas (jogadoras) com paciência começaram a jogar comigo. No começo precisa de alguém para te dar uma oportunidade. Eu ficava puta, ninguém me chamava para o time. Aí Lua falava: vai, tem que jogar para aprender!

Sobre Maria, Lua e Karla afirmarem, apesar de serem as fundadoras e organizadoras da pelada, quando começou o Fut, a primeira mencionada diz que “não conseguia nem dominar uma bola”. Hoje em dia ela já consegue jogar partidas inteiras com bom desempenho e as jogadoras mais jovens demonstram muito carinho e respeito por ela, sempre incentivam com instruções e palavras positivas. Apesar de não ser a primeira escolhida para formar as equipes, Maria está sempre presente e joga a maior parte do tempo. Foi pela prática que ela constituiu a habilidade e foi participando cada vez mais.

O paradoxo da participação como *de fora* estava no fato de que os iniciantes tinham de apresentar *habilidade* futebolística para participar, porém tinham de participar/praticar para constituir *habilidade*. Aprender a lidar com essa tensão — de fazer parte, mesmo não estando à altura dos demais praticantes, e, ao mesmo tempo, ter que participar para estar à altura — era fundamental para os iniciantes. (Faria, 2008, p. 105, grifos da autora)

Pelo relato de minhas interlocutoras, esse também foi o caso de Bia. Desde que iniciei minha pesquisa pude observar que ela é uma das Boleiras mais frequentes. Praticamente todos os domingos Bia está presente. Conversando com ela sobre futebol, ela me disse gostar muito de jogar e que isso a fazia bem. Bia joga no Aterro aos domingos e durante a semana a noite, inclusive com grupos de homens. Sentada na lateral da quadra pude ouvir duas jogadoras comentando sobre como Bia havia melhorado no futebol. Diziam que a mesma estava jogando muito bem, em comparação ao seu início no grupo. Day então diz: “*É claro que ela está jogando muito pô, ela está jogando aqui todo dia! Se eu jogar todo dia eu melhora também!*”.

Maria intervêm na conversa e diz para Day que ela também havia melhorado muito. Day é mãe um menino de aproximadamente dois anos e após a gravidez ganhou muito peso e ficou um tempo sem jogar. Ela, assim como Bia e Maria, é bem assídua no futebol e apesar de não ser uma jogadora extremamente habilidosa joga de forma plena com as demais Boleiras. A fala de Day mostra como a participação frequente e prática efetiva do futebol favorece o aprendizado.

5.2.3.

Repetição e imitação como forma de aprendizagem

Estar de fora permite também a observação do jogo, que contribui para aprendizagem tanto do jogo em si quanto das dinâmicas próprias daquele grupo, pois cada futebol é único. No caso das Boleiras, elas possuem regras e organizações próprias que podem ser apreendidas, tanto na prática enquanto se joga, quanto no processo de observação do jogo enquanto se está “de fora”. É também do lado de fora da quadra, enquanto esperam sua vez de jogar, que as Boleiras conversam, brincam, dão risada, falam sobre a vida, e algumas vezes batem bola. Sempre tem uma bola reserva nos jogos, então enquanto esperam algumas jogadoras aproveitam para trocar passes, fazer embaixadinhas, treinar dribles, e conversar sobre o jogo, sobre o que estão errando e o que precisam melhorar em quadra.

Enquanto aguardava sua vez de jogar, Gi que é atleta profissional de freestyle, reclamava que seu time não estava jogando bem e que elas não estavam ganhando nenhuma partida. Então ela se levanta, pega uma bola e começa a fazer embaixadinhas e movimentos de freestyle com a bola. Sua habilidade chama atenção e as demais jogadoras ficam assistindo e vibrando. Bia observa e depois tenta aprender o movimento, que consistia em dar uma volta com a perna ao redor da bola enquanto faz a embaixadinha. Depois de muitas tentativas, seguindo as dicas de Gi, Bia consegue realizar o movimento e todas vibram muito. Ingold (2010, p.15) sinaliza que o processo de aprendizagem envolve a observação e a imitação, “neste sentido, mais de imitação do que de transcrição, copiar é um aspecto da vida de uma pessoa no mundo, envolvendo repetidas tarefas e exercícios”

Este copiar, como já mostrei, é um processo não de transmissão de informação, mas de redescobrimto dirigido. Como tal, ele envolve um misto de imitação e improvisação: isto pode ser mais bem compreendido, na verdade, como as duas faces de uma mesma moeda. Copiar é imitativo, na medida em que ocorre sob orientação; é improvisar, na medida em que o conhecimento que gera é conhecimento que os iniciantes descobrem por si mesmos. Nesta concepção, segundo Bourdieu, a improvisação é ‘tão distante de uma criação de novidade imprevisível’ como a imitação é ‘uma simples reprodução mecânica dos condicionamentos iniciais’ (Bourdieu, 1977, p. 95). Ambas são aspectos do envolvimento situado e atento que é fundamental para se tornar um praticante habilidoso (Ingold, 2010, p. 21).

Em outro momento, outras jogadoras que também aguardam aproveitam o tempo de fora para treinar o passe. Uma de frente para a outra, cerca de 3 metros de distância, elas trocam passes utilizando ambos os pés e se desafiam a fazê-lo de forma mais rápida possível. Em seu diálogo, afirmam que se estivessem trocando passes assim durante a partida não teriam perdido, uma conversa com a outra sobre a melhor forma de bater na bola com os pés, indicando que o toque fica melhor se tocar a bola com o peito do pé. Assim, elas seguem treinando o passe, em movimentos repetitivos, enquanto aguardam sua vez. É essa repetição da ação que proporciona o aprendizado dela. Ingold (2010) corrobora ao afirmar que são as capacidades específicas de percepção e ação que constituem a habilidade motora são adquiridas pelo corpo humano através da prática e treinamento. Faria (2008) também sinaliza que é na repetição e reprodução que se exercita e experimenta o futebol e, assim se aprende a coordenar os movimentos do corpo.

Sobre repetição dos movimentos, Carol que é uma jogadora muito habilidosa me relatou que joga bola desde os 4 anos de idade. Ela disse que passava horas em casa chutando a bola na parede, fazendo embaixadinhas, treinando movimentos, dribles, jogadas e brincando com a bola de forma geral. Segundo Carol, por isso ela tem tamanha habilidade com a bola nos pés, pois sempre praticou muito. Futebol sempre foi sua brincadeira preferida. Hoje ela joga praticamente todos os dias e se destaca pela habilidade nos dribles.

É neste sentido que todo conhecimento está baseado em habilidade. Assim como o meu conhecimento da paisagem é adquirido ao caminhar por ela, seguindo várias rotas sinalizadas, o meu conhecimento da tarefa também é adquirido seguindo as várias receitas no livro. Não se trata de conhecimento que me foi comunicado; trata-se de conhecimento que eu mesmo construí seguindo os mesmos caminhos dos meus predecessores e orientado por eles. Em suma, o aumento do conhecimento na história de vida de uma pessoa não é um resultado de transmissão de informação, mas sim de redescoberta orientada (Ingold, 2010, p. 19).

5.2.4.

Comunicação dentro e fora de quadra

Elogios, orientações, oportunidades, reclamações e intrigas. O jogo de futebol é uma troca de vivências, de interação social, de construção de corpos. Corpos que se moldam, que se tocam, que ocupam espaços e nesses espaços se movimentam. Corpos em deslocamento e subjetividades em exposição. Cada jogadora em campo ou quadra assume uma performance que lhe é própria e que por ela pode ser modificada, conforme seus interesses e necessidades (Kessler, 2015, p. 257).

A situação relatada um pouco acima, onde Lia dava instruções às jogadoras enquanto jogava, é muito comum nos jogos do Aterro. Em todos os domingos presentes pude observar as jogadoras dando orientação às demais sobre jogo. Parceiras de equipe se comunicam todo o tempo pedindo passe, orientando posicionamento de ataques e defesa, dando comandos de chute e saídas de bola dos goleiros. Algumas jogadoras exercem esse papel de forma mais efetiva, como Lua, Bia, Karla, Mel, Lia e Gi, outras são as que recebem mais essas instruções, normalmente jogadoras novatas ou menos habilidosas. Maria é uma jogadora que está sempre recebendo orientações e direcionamentos em quadra.

Em minha primeira participação em quadra fui colocada em um time onde eu era a única jogadora menos experiente. Logo de início, Bia me orientou sobre a forma que ela acreditava ser melhor que nossa equipe jogasse. Ela sugeriu que fizéssemos uma marcação individual³⁷ e que eu marcasse a Maria. Acredito que Bia tenha feito essa escolha pois a Maria era a jogadora menos habilidosa da outra equipe e assim seria mais fácil para eu marcá-la. Mesmo vendo que eu tinha uma boa visão de jogo e sabia jogar bem o esporte, Bia passou todo o jogo me dando orientações como: “corre”, “pega”, “chuta”, “marca”. Ela também elogiava meus acertos e falava palavras de incentivo após os erros.

Nossa equipe perdeu e saímos de quadra. Na lateral, enquanto bebíamos água Bia se aproximou e disse que eu jogava muito bem, que só faltava pegar ritmo de jogo e me entrosar mais para que o time funcionasse melhor. Concordei com ela sobre o ritmo de jogo, visto que eu não jogava há muito tempo e comentei que esse modelo de marcação individual não é muito interessante para pessoas, que assim como eu, estão sem ritmo, pois correr atrás de um mesmo jogador a

³⁷ Na marcação individual cada jogador da equipe de defesa possui um jogador da equipe adversária o qual ele deverá marcar o tempo todo, desprezando a questão de posicionamento, importando tão somente o jogador pré-definido a ser marcado por cada membro da equipe.

partida inteira gera maior desgaste físico para os jogadores - minha fala foi baseada nos meus conhecimentos como professora de educação física e ex-jogadora. Bia, então, discordou e afirmou que aquele era o melhor modo porque assim eu não precisava marcar uma jogadora com maior nível técnico que o meu.

Seguimos a conversa e ela, assim como as outras jogadoras de nossa equipe, seguiram comentando sobre o que estávamos errando e o que podíamos melhorar para que pudéssemos sair vitoriosas na próxima partida. Essa situação não foi uma exclusividade minha ou de Bia, todas as Boleiras, tanto dentro quanto fora de quadra, dão instruções e orientações durante os jogos.

Lua é uma Boleira que ficou um período sem participar dos jogos pois estava em recuperação de uma cirurgia que realizou. Ainda assim ela comparecia aos domingos para assistir os jogos e rever os amigos. Impossibilitada de jogar Lua fazia o papel do árbitro e apitava os jogos. Na lateral da quadra além de apitar o jogo ela intervinha e dava orientações para as jogadoras em campo. Em uma jogada de ataque de uma das equipes ela se empolgou tanto que esqueceu de apitar enquanto gritava para a jogadora chutar ao gol. Jogadas bonitas, sejam dribles, passes ou gols, são sempre comemoradas e aplaudidas por quem está de fora da quadra.

Jogadoras novatas ou menos habilidosas são sempre as que recebem mais instruções. Maria afirma que gosta disso, desde que a instrução seja feita de forma positiva e não de forma agressiva ou em tom de reclamação. Segundo ela muitas meninas falam muito, mas é para ajudar. Mas algumas falam sem paciência, criticam os erros e não querem ajudar em sua melhora. Maria me disse que observa muito para aprender e escuta todas as dicas que recebe. Em quadra está sempre atenta no jogo e quando está do lado de fora observa as jogadoras para aprender melhor como jogar. Sobre seu aprendizado ela ainda afirmou que *“Eu não sabia nada quando comecei. O povo ficava nervoso e eu até era xingada aqui e, agora olha aí, estou até marcando gol.”*

A paciência de Maria em receber as orientações, que muitas vezes são feitas em tons mais hostis e de xingamento, não é uma unanimidade entre as Boleiras. Algumas jogadoras não gostam de receber esses direcionamentos enquanto estão em quadra. Muitas vezes, reclamações sobre erros ou instruções para que a jogada seja feita de uma determinada forma geram discussões e brigas entre as jogadoras. Laura é uma jogadora conhecida pelo seu temperamento explosivo, sempre

reclama muito quando está jogando com jogadoras mais novas ou menos habilidosas. Maria afirma que não se importa com o que Laura fala, mas algumas outras jogadoras já demonstraram desconforto e até a confrontaram.

Em um dia de jogo que Laura não estava presente, o futebol se estendeu até depois das 12:00 horas. Estava um clima de muita descontração e havia muitas jogadoras. Lia que estava sentada do meu lado no banco de concreto que fica próximo à quadra comentou: *“olha que clima gostoso que está hoje! Não podia ser sempre assim? Tem gente que vem só para arrumar confusão”*. Olhei para ela e comentei que o clima estava bem legal mesmo, e ela continuou: *“sabe de quem eu estou falando né? Eu não jogo mais com ela”*. Lia se referia à Laura. Maria então concordou e disse que também não gostava de jogar com ela, pois suas críticas não eram construtivas e que ela não tem paciência com quem está começando.

Apesar do clima tranquilo e da premissa de que qualquer mulher pode jogar, algumas Boleiras se mostram um pouco impaciente com pessoas que não sabem jogar bem. Quando Lúcia, a senhora que comentei mais acima, pediu para participar do jogo, Malu ficou bastante incomodada por terem permitido uma senhora *“tão idosa assim”* jogar. Ela disse que não tinha cabimento uma coisa daquelas e sugeriu que chutássemos a bola forte no gol, assim Lúcia ficaria com medo e desistiria de jogar. Disse, ainda, que ela mesmo poderia chutar. As demais Boleiras não concordaram e disseram que todos deveriam ter o direito de jogar.

Lúcia então ficou em minha equipe e quando a partida se iniciou ela se posicionou no campo defensivo e se manteve parada perto da área. As jogadoras, vez ou outra, tocavam a bola pra ela e pediam para que ela marcasse a Maria, que jogava no time adversário. Apesar de não saber jogar, se manteve atenta ao jogo, observando tudo o tempo todo e tentando seguir os direcionamentos que recebia. As Boleiras, por não saberem seu nome, a chamavam de *“tia”* e narravam as jogadas como: *“Vai tia, chuta tia, pega tia...”*.

Essas situações de intervenções e direcionamentos mostra, como foi apontado por Faria (2008), que aprendizagem do futebol faz parte da sociabilidade. Ao receber os direcionamentos, ouvir o que foi dito, assistir os jogos e buscar compreender o que deve ser feito, jogadoras como Maria e Lúcia aprendem, é uma educação da atenção.

O processo de aprendizado por redescobrimto dirigido é transmitido mais corretamente pela noção de *mostrar*. Mostrar alguma coisa a alguém é fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo. Aqui, o papel do tutor é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para poder assim ‘pegar o jeito’ da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma ‘educação da atenção’ (Ingold, 2010, p. 21, grifos do autor).

Essa situação de orientação também acontece com as jogadoras mais experientes e mais habilidosas, é algo regular que nos jogos, as pessoas - homens e mulheres - que estão dentro e fora de quadra, deem instruções para as que estão jogando. Em alguns momentos essas instruções são ouvidas e consideradas, em outros momentos são ignoradas. É algo muito recorrente nos jogos e feito de maneira fluída, faz parte do jogo. Dessa forma, o aprender é elemento inerente à vida, faz parte da consciência da pessoa que surge na prática e é estabelecido pela sua presença no mundo. A aprendizagem acontece em tempo real. O cenário de tarefas onde uma pessoa se move depende também da prática de outras pessoas, e cada indivíduo desempenha um papel no desenvolvimento dos demais. A aprendizagem equivale então ao próprio processo histórico da vida social. (Ingold, 2010).

Em sua pesquisa sobre aprendizagem do futebol por meninos, Faria (2008, p. 131, grifos da autora) também mostra a ocorrência e importância dessas instruções/comunicações durante os jogos.

Com gritos, palmas, gestos e outras formas de sinalização (de jogadas e de jogadores a passar a bola, por exemplo), a comunicação, no campo, era a base do jogo. Portanto, aprendê-la era fundamental. Jovens que mergulhavam na prática aprendiam uma linguagem específica e, com ela aspectos importantes do futebol. Exemplos de falas recorrentes nos contextos de jogos de futebol mostram como as orientações entre praticantes ocorriam (e eram parte) no jogo: “—Vamos ganhar esse jogo”; “—Joga que nem homem, porra”; “— Cruza a bola”; “— Cuidado com o ladrão”; “—Lança para o gol”; “— Pedala”; “— Dá o sangue, caralho”; “— Calma. Protege a bola”; “— Chuta”; “— Que canetada, véio!”; “— Aqui!”; “— Passa a bola”; “—Dá um bicão”; “— Como que você perde uma bola dessa, meu filho”; “— Chega junto”; “—Toca a bola”; [...].

5.2.5. (Des)cumprimento das regras e conflitos

Apesar de algo recorrente, algumas vezes as instruções e opiniões não são bem recebidas pelas jogadoras em quadra, que entendem o ato como crítica negativa. Lua, que estava fora de quadra passou toda a partida dando orientações para as jogadoras de ambas as equipes. Em um momento de falta, Lua afirmou que a falta solicitada não teria acontecido e que a jogada havia sido normal. Laura que havia solicitado a falta ficou bastante irritada e disse que quem estava de fora não poderia opinar no jogo. *“Vai ter que ter juiz agora se ficar assim! Porque sempre foi essa regra, agora quem está de fora que vai decidir?”*. Após alguns minutos de conflito, Laura “ganhou” a discussão e conseguiu cobrar a falta sofrida.

É também na prática que alguns aspectos do jogo específicos do grupo das Boleiras são revelados. Apesar de existir as regras fixadas no grupo do WhatsApp, algumas pessoas que jogam não fazem parte desse grupo ou até mesmo não se atentam a elas. No jogo oficial de futsal, o goleiro não pode pegar a bola com as mãos quando ela é recuada para ele por um jogador do seu próprio time, no Aterro essa regra oficial não é utilizada dessa forma, o goleiro pode pegar qualquer bola com as mãos. Algumas outras regras que envolvem números de faltas, espaços na cobrança de lateral, tempo para essa cobrança e até mesmo local de batida da falta não acontecem da mesma maneira que em um jogo oficial. Essas especificidades, inerentes a esse Fut não são apresentadas às jogadoras em sua primeira entrada em campo. As jogadoras, à medida que vão participando, vão apreendendo na prática essas dinâmicas. Como sinalizado por Lave & Wenger (1991) a participação é alterada pelo envolvimento direto e crescente na prática.

Por exemplo, uma particularidade das Boleiras é que quando alguma jogadora sofre uma falta, essa jogadora deve solicitar a falta. Como normalmente não tem uma pessoa que apite os jogos, a própria pessoa que sofre a falta é quem deve solicitar a marcação. Normalmente, as demais jogadoras aceitam, sem nenhuma contestação, a marcação. Entretanto, em alguns momentos, acontecem situações de desentendimentos onde alguma jogadora contesta a marcação da falta. Houve um dia específico que os nervos estavam muito exaustados e aconteceram diversos desentendimentos. Algumas jogadoras inclusive foram

embora mais cedo devido à tamanha confusão. Maria, que estava sentada ao meu lado disse: “*não gosto disso, a gente tem que vir aqui pra se divertir e não brigar*”, Lia concorda e afirma “*tem gente que precisa aprender a jogar pra se divertir, aqui ninguém é profissional, é para a gente aproveitar*”.

Sobre as regras, Faria (2008, p. 131) apresenta similaridades:

Aprendidas concretamente as regras faziam parte das práticas lingüísticas do jogo. Jamais na forma escrita, até na escola, as regras eram tornadas públicas, aprendidas e (re)produzidas nos diferentes jogos de futebol do bairro. ‘— *Falta!*’, ‘— *A bola é nossa*’, ‘— *Mão*’, [...] são exemplos das ações pautadas em regras que compunham os jogos.

Nesse dia em específico estavam acontecendo muitas situações de desentendimentos em relação às regras. Em um momento, Lia, que havia reclamado de algumas jogadoras estarem “procurando” confusão, não cedeu o espaço necessário para que a jogadora do time adversário fizesse a cobrança da lateral, ficando muito em cima e dificultando a cobrança, isso no futsal oficial não é permitido e no grupo das Boleiras também não. Apesar de não ter uma distância definida, é consenso no grupo que deve se dar um espaço. Lia também, em outro momento, não aceitou o pedido de falta de Laura, o que gerou outra confusão generalizada. Day, que assim como eu observava de fora toda a situação disse que Lia e Laura sempre se desentendem e criam problemas com as regras. Disse, ainda, que não gosta de jogar com elas pois quando erra não é acolhida, pelo contrário, sempre recebe críticas por parte das duas.

Depois desse dia, houve uma reunião do grupo, as regras foram reforçadas e algumas alteradas. Tudo foi passado pelo grupo do WhatsApp para que todas tomassem consciência. Ainda assim, durante os dias de jogos essas regras são reforçadas o tempo todo na prática. Eva, que é holandesa, me disse que não havia entendido muito bem o que havia sido falado sobre as regras, devido às limitações do idioma. Tentei explicar para ela algumas coisas e disse que caso ela tivesse alguma dúvida poderia perguntar. Apesar da limitação do idioma, Eva se encaixou bem junto com as Boleiras, hoje ela é uma das jogadoras mais presentes e pontuais. Ela não é uma jogadora com alto nível técnico ou muito habilidosa, mas tem muita resistência e corre muito. Nas primeiras participações errava muitas jogadas, mas, com a prática dominical, mesmo sem ensino formal, ela foi aprimorando cada vez mais e se tornou uma Boleira, mesmo com todas as

diferenças culturais entre elas. Até mesmo a comunicação hoje já está mais fluida entre ela e as demais jogadoras. Faria (2008) aponta que a prática continuada permite que os participantes se tornem cada vez mais capazes de responder às demandas do jogo.

5.2.6. Observação como processo de aprendizagem

Ingold (2020) afirma que a educação acontece pela atenção e não pela transmissão e que esse processo acontece de forma gradativa, juntamente com a experiência na prática. Faria (2008) aponta, ainda, que a aprendizagem do futebol implica numa incorporação de um tipo de atenção que permite que o jogador perceba aspectos do jogo não visíveis aos demais. No Aterro, além de aprender o jogo propriamente dito, as Boleiras precisam aprender tudo que ele carrega consigo: o espaço público, a relação com os homens, as regras próprias daquele grupo, a relação com o espaço (quadra, sol, chuva), o uso de roupas e acessórios adequados, a participação nos churrascos etc. É na prática que esses aspectos ficam visíveis para as jogadoras.

No dia que estive presente, após jogar uma partida, Lúcia foi substituída pois nossa equipe perdeu. Então, ao sair de quadra ela se sentou ao meu lado no banco onde aguardamos a próxima partida e disse que tinha gostado muito de jogar. Perguntei se ela iria jogar novamente e ela me disse que não, pois iria descansar e começar devagar, mas prontamente disse que iria voltar no próximo domingo. Ela continuou conversando e me disse que percebeu jogando que seu tênis estava ruim e a machucando, pois ele não era bom para jogar futebol. Me perguntou onde eu havia comprado minha chuteira, pois ela precisava de uma para jogar melhor. Nesse dia o sol estava muito forte e eu usava uma viseira³⁸ esportiva para me proteger do sol, Lúcia então disse que não jogaria mais também devido ao sol intenso e que na próxima vez viria usando um boné para se proteger e conseguir jogar mais vezes. Em uma partida somente Lúcia foi capaz de

³⁸ A viseira é como um boné, porém, sem a parte de cima e mais eficiente. O principal objetivo de uma viseira é, basicamente, proteger os olhos e o rosto da exposição aos raios solares.

compreender muitas coisas sobre o jogo e o que deveria fazer para jogar de forma mais eficiente.

O que foi observado por Lúcia também me ocorreu logo nas minhas primeiras participações em quadra. Apesar do uso de roupas adequadas para a prática esportiva, passei algum tempo jogando com um tênis que não era adequado para o futsal. No futsal existe um modelo de chuteiras próprias, sem travas, que favorece a prática desse esporte. Ao jogar com um tênis inadequado, muitas vezes eu sentia dificuldades em dominar a bola, chutar e realizar passes. Assim, após alguns domingos comprei uma chuteira para poder participar de forma mais efetiva nos jogos. É comum notar jogadoras em suas primeiras participações com as Boleiras participando sem os equipamentos necessários, contudo, à medida que vão participando dos domingos de futebol, vão incorporando, além do jogo e do repertório motor, outros aspectos do jogo.

Um casal de mulheres jovens, na casa dos 30 anos, chegou na quadra e perguntou se poderiam participar e como funcionava o Fut. Lua então disse que elas poderiam participar e só precisavam esperar a próxima partida. Enquanto esperavam elas seguiram fazendo algumas perguntas sobre o futebol como: *“qualquer pessoa pode jogar? Como separam os times? É só entrar em quadra?”*. Isso mostrava que elas possuíam algumas dúvidas sobre o funcionamento daquele agrupamento. Lua respondeu algumas de suas perguntas e disse que elas iriam entendendo à medida que fossem jogando, quando a partida acabou, elas entraram na equipe que havia perdido. Em quadra, suas dúvidas pareciam ter desaparecido, elas jogaram durante os 10 minutos, sem realizar muitas perguntas, se movimentando e participando do jogo.

Ao fim dos jogos, quando estavam todas conversando e se despedindo, elas se aproximaram e disseram que queriam participar do grupo oficialmente. Lua então explicou que era só elas comparecerem todos os domingos às 9:00 horas para jogar e que se após três domingos elas continuassem assíduas, entrariam no grupo do WhatsApp. Então, as duas que calçavam tênis esportivos, mas não chuteiras, começaram a procurar chuteiras para comprar online, ali mesmo, no celular. Durante a busca elas perguntavam para Lua, para mim e outras jogadoras qual das opções considerávamos melhor e se tínhamos alguma recomendação de chuteira boa. No domingo seguinte, ambas apareceram usando chuteiras e prontas para jogar.

5.2.7. Aprendendo sobre a vida

Conversando com Karla sobre o Fut, a mesma relata que o grupo das Boleiras é o melhor lugar que já jogou pois é um espaço onde o objetivo é jogar e aprender juntas, e que todo mundo, sabendo ou não participar podem jogar. Nas falas de Karla:

Eu e a Lua sempre falamos que a gente tinha que fazer esse grupo ser uma porta aberta para as mulheres virem jogar futebol, sabendo ou não sabendo. Tem que ter um espaço para pessoas que só querem jogar e aprender, outras mulheres no caso né. Aprender a jogar e desenvolver junto com a gente. E isso que está fazendo a diferença nesse futebol, porque sempre tem mulheres buscando isso. E não é só aprendizado do futebol né, a gente aprende muita coisa aqui, sobre a vida sabe? Porque são pessoas muito diferentes, e que só estão se relacionando por causa do futebol.

Karla se refere à essa particularidade das Boleiras: mulheres que se diferem na idade, classe social, etnia, profissão, lugar de origem e moradia, corpo e sexualidade, que jogam futebol em uma quadra pública localizada em um parque público, que é referência de lazer na cidade do Rio de Janeiro. Ao conviverem, essas mulheres trocam histórias de vida e aprendem com seus pares.

No Quadro 1 abaixo mostro um pouco da heterogeneidade desse grupo através de dados como cor/raça, sexualidade, profissão e idade de algumas boleiras, coletados a partir de conversas gravadas de forma individual com aquelas que se dispuseram a participar.³⁹ O recorte para construção desse quadro se deu a partir da aceitação dessas jogadoras para participar de uma conversa individual e gravada comigo. Apesar de todas terem sido convidadas, não foram todas que realizaram essa conversa onde eu pude recolher as informações presentes no quadro.

Nome	Cor/Raça	Sexualidade	Profissão	Idade
------	----------	-------------	-----------	-------

³⁹ Utilizamos a idade no formato 20+/30+ pois algumas participantes não informaram sua idade exata. Na sexualidade, utilizamos o termo LGBTQIAP+ para informar as participantes não heterossexuais pois muitas utilizavam termos não oficiais para se classificar.

Lua	Parda	LGBTQIAP+	Administrativo	40+
Maria	Negra	Heterossexual	Cabeleireira	60+
Bia	Branca	Heterossexual	Advogada	30+
Karla	Branca	Heterossexual	Empresária	40+
Carol	Negra	LGBTQIAP+	Barbeira	20+
Mel	Negra	Heterossexual	Contadora	30+
Dani	Negra	LGBTQIAP+	Funcionária Pública	30+
Malu	Branca	LGBTQIAP+	Doutoranda em Engenharia	20+
Gi	Negra	LGBTQIAP+	Atleta Profissional	20+
Lia	Negra	LGBTQIAP+	Professora	40+
Day	Branca	Heterossexual	Ambulante	30+

Quadro 1 - Perfil de algumas Boleiras do Aterro

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

O perfil das jogadoras apresentado acima representa uma parcela desse grupo, mas que já é bem representativa e demonstra bem essa diversidade que venho afirmando. Em nossa conversa, Karla afirma que provavelmente não teria conhecido nem feito amizade com algumas dessas jogadoras se não fosse o futebol. Ela, que possui uma amizade para além do futebol com outras Boleiras, diz que essa amizade só foi possível graças ao Fut e especialmente pelo espaço do Aterro. Ela afirma que considera essa interação extremamente importante, pois hoje tem amigas para além do futebol, que saem, se divertem, e compartilham coisas em comum apesar de toda a diferença de idade, local de moradia, classe social e sexualidade.

O relato de Karla corrobora com o que pude observar em meu trabalho de campo: existe uma relação de respeito e naturalização em relação à sexualidade das jogadoras. Mulheres lésbicas e bissexuais, assim como heterossexuais, estão

sempre acompanhadas de seus parceiros e parceiras no Fut. Algumas dessas pessoas como a namorada de Carol, de Gi e de Laura são rostos conhecidos e estão sempre presentes assistindo os jogos e participando dos momentos de confraternização como os churrascos. O ex-namorado de Bia também estava sempre presente, quando ainda namoravam, e participava como goleiro em quase todos os jogos. Essa relação também é amigável e de muito respeito com os homens que muitas vezes também estão acompanhados de suas parceiras.

Em um dos domingos, minha namorada foi me encontrar após o jogo e participou de um dos churrascos. Ela foi muito bem tratada por todos, homens e mulheres. Nos domingos seguintes, sempre que eu chegava sozinha em quadra, era questionada sobre a presença dela. Nunca ouvi nenhum comentário preconceituoso por parte das mulheres heterossexuais ou por parte dos homens sobre a sexualidade das Boleiras. Confesso que esse fato foi uma surpresa para mim, pois essa não é a realidade que vivenciei durante toda a minha vida, especialmente em um ambiente com a presença masculina.

Sobre o local de moradia, Lua diz que sempre frequentou o Aterro por morar próximo, na Glória, mas sabe que o parque recebe gente de todos os lugares do Rio de Janeiro. *“Tem gente que vêm de longe, que tem que acordar cedo, para vir jogar e mesmo assim vem! Mel mesmo, vêm de Cascadura, eu não sei se eu morasse tão longe assim eu viria”*. O Parque do Flamengo fica localizado na Zona Sul do Rio de Janeiro que é considerada uma localidade onde moram pessoas com maior poder aquisitivo, entretando, também existem favelas nesse bairro, assim como na Glória e Catete.

Então, mesmo morando próximas ou no mesmo bairro, a realidade das Boleiras não é mesma. Algumas moram, como elas mesmo dizem, “no morro” e outras no “asfalto”. Day e Lia por exemplo moram em comunidades próximas do Parque, já Dani e Malu, moram em condomínios próximos à praia do Flamengo. O local de moradia e a classe social dessas jogadoras são muito diferentes. Day, é natural do Maranhão-SL, assim como Maria, e veio para o Rio fugida após uma briga com os pais e foi acolhida na favela por uma amiga, lá se estabeleceu e foi construindo sua vida, hoje trabalha como ambulante na praia do Flamengo. Diferentemente, Dani que é natural do Espírito Santo, veio para o Rio de Janeiro após ser aprovada em concurso público na cidade e hoje tem um emprego fixo, com boa remuneração e estabilidade.

Dani e Day jogam juntas, conversam, participam dos churrascos, trocam conhecimentos e experiências de vida, assim como as demais boleiras. Essa interação de pessoas tão diferentes só é possível pela especificidade desse futebol acontecer em um parque público, de fácil acesso e que recebe pessoas de toda a cidade. Essa realidade não é a mesma de futebóis que acontecem em espaços privados onde é necessário pagar para jogar, ou fazer parte de algum clube. O Aterro permite a reunião de jogadoras que poderiam não se encontrar em outros lugares, como já foi exposto acima, que de fato não acontece com a maioria delas, assim, a interação fica muitas vezes restrita ao ambiente da quadra.

No caso de Eva e Ana que não são brasileiras, a interação com pessoas nativas e que têm português como sua língua materna permite a todo tempo o exercício de aprendizagem do idioma. Para jogar elas precisam se comunicar de alguma forma, mesmo que não verbal. Muitas vezes Eva perguntava o que alguma palavra significava. Gírias, palavras abreviadas e até mesmo diferenças de sotaque dificultavam seu entendimento, mas nunca foram impedimento para sua prática. Com o passar do tempo Eva foi adquirindo maior confiança para conversar e até mesmo reproduzir algumas gírias cariocas, ou seja, a prática do futebol contribuiu para que ela compreendesse melhor a cidade, as pessoas e o espaço. Em uma conversa a Boleira me disse que gostava muito do Fut e que se sentia bem acolhida. Ao eu lhe questionar sobre a barreira do idioma, ela afirmou que estava aprendendo um pouquinho a cada dia, e que estar entre a gente era um ótimo exercício para isso.

Como por exemplo, numa situação em que conversando sobre o jogo alguém disse: “*que pelada feia*” se referindo a partida que estava acontecendo. Eva sem entender perguntou: “*o que é pelada?*”. As Boleiras deram risada e a explicaram o sentido e uso da palavra. No mesmo dia, um pouco mais tarde, Eva utilizou a palavra para se despedir. Ao pegar sua bicicleta para ir embora ela disse: “*até o próximo domingo para a próxima pelada*”.

Podemos perceber, então, que a função social do jogo extrapola o próprio jogo. A aprendizagem do futebol e se tornar uma Boleira não se trata apenas do jogo em quadra, mas sim de tudo que ele articula. Como sinalizado por Faria (2008, p. 135, grifos da autora),

Jogar não constituía a única atividade futebolística. O futebol é plural e a *habilidade* constituída no jogo era uma dimensão da participação na prática. [...] o currículo de aprendizagem do futebol envolvia outras formas de engajamento e a participação periférica não ocorria apenas no jogo.

As Boleiras do Aterro constituem na prática do futebol em seus encontros dominicais um modo próprio de aprendizagem desse esporte tão difundido no Brasil. Em uma relação em que o futebol é o elo e o Aterro do Flamengo o espaço que possibilita que a prática ocorra, essas mulheres incorporam o jogo e todas as relações implicadas em sua prática.

6 Conclusão

Em meados de 2023 finalizei meu trabalho de campo juntamente com as Boleiras no Aterro do Flamengo após quase dois anos de observação participante. O afastamento do campo se fez necessário para que a escrita desse texto pudesse acontecer. Entretanto, não foi um afastamento total. Segui e sigo acompanhando as Boleiras pelo grupo do WhatsApp, que ainda faço parte, e pelas redes sociais de algumas jogadoras. Acompanho todas as movimentações, desde a lista de presença, a cobrança por maior participação e pontualidade, as organizações de churrascos e resenhas, as discussões, os aniversários e a entrada e saída de jogadoras. A rede de interações dinâmicas que se transformam e se afetam mutuamente se mantem.

Chego ao final dessa tese entendendo a escrita etnográfica, do mesmo modo que o meu campo, como algo que não estará de fato finalizada. A escrita etnográfica me demandou um aprendizado que, igualmente aos aprendizados do corpo e do futebol, nunca estará pronto ou finalizado. Sempre aprenderemos algo novo. Assim como para aprender um esporte, aprender a etnografia me exigiu um grande esforço, dedicação e trabalho contínuo. Partindo dessa perspectiva, minhas considerações finais devem ser compreendidas como parte de algo que não está completamente estabelecido ou fixo.

Dessa forma, o que apresentarei agora são as conclusões que obtive a partir dos capítulos apresentados acima, mas deixando sempre aberta a possibilidade de serem reescritas, reavaliadas ou incorporadas. Tendo isso em mente, retomo ao meu objetivo principal nessa tese que foi buscar compreender o futebol para além do jogo, enquanto um fato social, onde meu foco foram as praticantes e entendendo esse espaço como um lugar produção de subjetividades, de construção de relações, e de aprendizagem e sociabilidade.

Para alcançar esse objetivo, encontrei aporte teórico na Antropologia, em diálogo com a Educação. A partir do trabalho de campo pude levantar questões sobre gênero, agência, sociabilidade e aprendizagem tendo o Aterro do Flamengo como palco para construção dessas relações. O Parque do Flamengo é um espaço público que favorece a sociabilidade e aprendizagem de minhas interlocutoras, e é

um local de produção dessa mulher Boleira, onde se aprende ser uma boleira e tudo que isso implica, dentro e fora das quatro linhas. Essa produção se dá, como foi mostrado, a partir da interação entre mulheres (e homens) de diferentes idades, classes sociais, corpos, etnia, profissão, lugar de moradia e sexualidade, e pela sociabilidade do corpo na prática desse esporte genderizado.

O espaço utilizado pelas Boleiras é localizado no Parque do Flamengo, zona sul do Rio de Janeiro, que é uma região mais elitizada da cidade. Apesar disto, por ser um parque público e com uma grande área estruturada para a prática dos mais diversos esportes e atividades físicas, o Aterro recebe pessoas de todos os bairros da cidade. A convivência harmônica de pessoas de camadas sociais tão distintas só é possível por ser um espaço público. O Aterro é o principal e maior local público de prática de atividade física e lazer no Rio.

Apesar de ser um espaço privilegiado para a prática esportiva, a presença de mulheres, especialmente nas quadras e campos de futebol é ainda muito pequena em comparação aos homens. A rua, ou espaço urbano, ainda impõe muitos desafios para acesso das mulheres, mas é nesse espaço que as Boleiras se consolidaram enquanto grupo de mulheres que jogam futebol em uma quadra pública. É nesse ambiente, marcadamente masculino, que essas mulheres se tornam Boleiras e reiteram o gênero em sua prática.

Apesar dos desafios encontrados para se estabelecem nesse local, as Boleiras lutaram e conquistaram seu espaço. Pela prática cotidiana e sua presença dominical, criaram esse espaço de sociabilidade feminina onde podemos compreender o conceito de agência, sendo resistência ou não, na ocupação de um espaço público urbano. As mulheres participantes desse grupo reconhecem e afirmam a importância de ocuparem esse ambiente e se preocupam em ser um local aberto, seguro e acolhedor para outras mulheres que também queiram jogar futebol.

A partir da minha observação participante, ou “participação observante” como propõe Loic Wacquant (2002), onde além de observar tudo também é possível experimentar a sensação de me tornar uma Boleira e vivenciar os processos de sociabilidade e aprendizagem que esse experimentar proporciona.

O futebol enquanto espaço de socialização feminina possui implicações em relação ao gênero. Não podemos tentar encaixar essas mulheres em um padrão único universal de mulher, onde a feminilidade e heterossexualidade são

pressupostos. As jogadoras de futebol possuem experiências únicas onde ser uma mulher pode estar atravessado por outras categorias como raça, classe e sexualidade. A maioria delas reconhece as discriminações enfrentadas em sua prática futebolística em razão do gênero, mas não reduzem sua participação a isso.

O grupo das Boleiras do Aterro tem o futebol como elo. Ele é o que une essas mulheres na prática. As participantes não são fixas, a cada domingo o número pode variar, assim como sempre ter jogadoras novas. Assim, semanalmente, acontecem associações e dissociações onde o único fator recorrente é o acontecimento dos jogos, na mesma quadra, independentemente de quais jogadoras estejam presentes.

Sendo assim, uma rede é tecida nas associações que ocorrem entre humanos e não humanos, envolvendo homens, mulheres, os espaços públicos, redes sociais e outros actantes, e minhas interlocutoras estão inseridas aqui. As relações tecidas têm o futebol como o elo, ou o conteúdo, impulso, interesse, que leva essas jogadoras até o Aterro. Nesse contexto, a rede é o conjunto das interações que acontecem entre os actantes, que se transformam e afetam mutuamente e continuamente.

Tornar-se uma Boleira é participar de uma forma de sociabilidade marcada por um ritual, e não somente nos momentos de jogo. Apesar de ser um espaço aberto à todas as mulheres, estão envolvidos alguns elementos como a entrada no grupo, a participação no grupo do WhatsApp, a lista de presença, a disponibilidade da quadra, equipamentos, jogadoras, as condições climáticas, a relação com os homens, os momentos pós-jogo como os churrascos, as resenhas ou a ida a algum bar, dentre outros elementos.

O grupo do WhatsApp se mostrou um elemento imprescindível para a dinâmica das Boleiras, pois nessa rede social de comunicação através de mensagens instantâneas, toda a comunicação entre elas ocorre. Entrar nesse grupo de aplicativo significa se tornar efetivamente uma Boleira. É nesse ambiente virtual que se confirma ou não a realização do Fut no domingo, também é nele que a lista com os nomes e quantidade de jogadoras é feita. O grupo também é utilizado para outras conversas, sempre relacionadas ao futebol, brincadeiras, trocas de opiniões sobre jogos de futebol profissional, masculinos e femininos, e algumas vezes para pedir informações ou divulgar algo.

Outro elemento dessa rede que se mostra essencial para a realização dos jogos é a presença masculina. São os homens, que jogam na mesma quadra no horário anterior ao das Boleiras, que garantem que a quadra não seja ocupada por terceiros enquanto as mulheres não chegam ao Aterro no horário previsto, às 9:00h. São eles, também que praticamente todos os domingos jogam na posição de goleiro para completar as equipes e os jogos acontecerem. Em uma relação de amizade, respeito e cumplicidade, esses homens integram o grupo feminino e compõe o universo futebolístico de mulheres.

A relação entre o grupo masculino e o feminino extrapola os limites da quadra e se estende para momentos pós-futebol. As Boleiras, quase que de forma unânime, reconhecem a importância da presença masculina para manutenção do seu Fut e reafirmam o que pode observar durante todo o trabalho de campo: a relação amigável entre eles. Nos momentos pós-futebol, homens e mulheres se reúnem para churrascos que acontecem, quase que mensalmente, nos arredores da quadra. Desfrutando dos espaços do parque, como as sombras das árvores, a praia, o gramado e ar livre. São momentos de descontração, brincadeiras e socialização para além das quatro linhas da quadra.

É um futebol de mulheres que precisa da presença masculina para acontecer. Apesar da relação amigável, em alguns momentos acontecem situações de desentendimento ou discussão entre eles, mas, que não são motivos para que se encerre essa relação. Em contrapartida, mantém o que de fato é importante, como a amizade, os momentos de churrasco, a garantia de que a quadra não será ocupada e participação dos goleiros, mostrando que o futebol feminino pode ser também um lugar para transformar as relações de gêneros.

Os domingos de futebol também se mostraram como importante espaço de lazer e sociabilidade. Muitas mulheres utilizam a ida ao Parque para a prática esportiva e para desfrutar de momentos de lazer e descanso em seu fim de semana. Muitas Boleiras vão acompanhadas de membros familiares ou amigos e utilizam o espaço do Aterro e seus arredores, como bares, restaurantes e feiras, como espaço para se divertir, descansar e estar com pessoas queridas. Esse dia é, para muitas delas, um momento para se desligar das funções de trabalho, ou demais responsabilidades do dia a dia, e aproveitar fazendo algo que traga prazer, satisfação e bem-estar.

O caráter aberto do grupo que permite a participação de qualquer mulher faz com que o número de participantes nunca esteja definido. A entrada e saída constante de jogadoras reforça o caráter fluido dessa composição. As Boleiras valorizam e reforçam a importância desse espaço ser uma porta aberta à toda mulher que deseja jogar, aprender e praticar esse esporte de forma amadora. A variação das participantes, a entrada e saída constante das jogadoras só possível por estar acontecendo em um local público. Dessa forma, o grupo em questão é um local de sociabilidade feminina, onde a aprendizagem ocorre a partir da relação entre os pares. Pares esses que talvez não se encontrariam e se relacionariam se não tivesse o futebol como elo. Essas associações são feitas para que o jogo aconteça.

Reconhecendo o jogo como principal impulso para as associações, discutimos o papel do futebol na sociedade brasileira, enquanto manifestação cultural do nosso povo. O futebol é uma das formas pela qual o povo brasileiro se expressa, logo, compreender essa prática contribui para a compreensão da nossa sociedade. Os espaços de esporte e lazer são espaços importantes de interação e sociabilidade. Contudo, no Brasil, esse esporte se tornou tão corriqueiro que os aspectos envolvidos em sua aprendizagem, são muitas vezes, compreendidos como naturais e pouco problematizados.

Contudo, demonstramos através da pesquisa que a escolha desse esporte como prática democratizada no nosso país nem sempre acolheu as mulheres enquanto praticantes. O futebol se mantém, apesar dos avanços, enquanto uma prática marcadamente masculina. O ambiente da rua e os espaços públicos ainda são lugares de sociabilidade masculina. Tanto no nível amador quanto no profissional, as mulheres ainda não possuem o mesmo reconhecimento e valorização que os homens. O Aterro do Flamengo se torna, então, um lugar onde essas dualidades são contestadas e onde as Boleiras subvertem essa ordem vigente, fazendo da quadra localizada no posto 2 um lugar de sociabilidade feminina e de aprendizagem.

A aprendizagem do futebol por elas se dá na prática em relação com os pares. Apesar de não se tratar de um ambiente formal de ensino, é nas relações com as demais jogadoras, com os homens e com espaço que elas mulheres apreendem o futebol e tudo que esse jogo implica para além das quatro linhas. Aprender a ser uma Boleira é um processo estruturado, embora não formal, de

aprendizagem e que não acontece de forma passiva ou natural. Ele é inscrito nos corpos das jogadoras durante sua participação nesse ambiente. O foco da aprendizagem está na participação.

Dessa forma, as Boleiras do Aterro apreendem o jogo a partir do jogo propriamente dito, do contato umas com as outras, da observação participante, das orientações verbais que acontecem durante toda a partida, da repetição e imitação dos atos das mais experientes e habilidosas, da relação com os homens, da convivência com pessoas de contextos distintos, do cumprimento ou não das regras do jogo e do grupo.

A partir dessa etnografia e tudo que vivenciei em campo com as minhas amigas Boleiras, posso afirmar que a função social do jogo de futebol, nesse contexto, extrapola os limites da quadra. Nunca será apenas futebol. Essas jogadoras constituem em sua prática uma maneira única de se aprender esse esporte. No Aterro do Flamengo o jogo acontece em uma rede de relações heterogêneas, associativas e descritivas, onde os actantes, que se transformam e afetam mutuamente e continuamente.

Para concluir, afirmo que assim como na ANT proposta por Latour, meu relato etnográfico das Boleiras do Aterro não deve se considerada uma realidade estável. Ela é uma realidade fluída, que está sempre em movimento, criando e desfazendo associações, mas nunca pronta. Saio da pesquisa com um sentimento de finalização de uma etapa, mas com consciência de que o trabalho de compreensão de uma realidade tão complexa nunca estará de fato finalizando. Mas por certo, considerando as contribuições de Ingold, a partir da Antropologia foi capaz de abrir os meus olhos para uma nossa forma de perceber o mundo e outras possibilidades de ser uma jogadora de futebol.

7

Referências Bibliográficas

ABU-LUGHOD, L. “Do Muslim Women Really Need Saving? Anthropological Reflections on Cultural Relativism and Its Others”. **American Anthropologist**, v.104, n.3, p. 783-790, 2002. Versão em português: Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200006>> Acesso em 10 set. 2022.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALMEIDA, A.N. **Entrando em campo: a “pelada organizada” no Aterro do Flamengo**. Rio de Janeiro, 2012. 119p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ALMEIDA, G.G. **Ressonâncias de uma arte do punho: uma etnografia da aprendizagem de Chen Shi Taijiquan na diáspora chinesa da cidade de São Paulo (Brasil)**. Rio de Janeiro, 2023. 399 p. Tese de Doutorado – Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

ANDRADE, L.T.; BAPTISTA, L.V. Espaços públicos: interações, apropriações e conflitos. **Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 29, 2015.

BALARDIN, G.F. et al. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, n. 36, p. 101-109, 2018.

BATESON, G. **Steps to an ecology of mind: a revolutionary approach to man’s understanding of himself**. New York: Ballantine Books, 1972.

BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. **Cadernos IPUB**, v. 5, p. 35-49, 2000.

BETTI, M. Esporte e sociologia. **Motrivivência**, n. 2, p. 7-11, 1989.

BUTLER, J. Atos performáticos e a formação dos gêneros: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque (Ed.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Bazar do Tempo, p. 213-230, 2019.

BUTLER, J. “Introdução”. In: **Corpos que Importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: N-1 Edições, 2019a, p. 15-53.

- BOURDIEU, P. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.
- CHUVA, M.R.R. Parque do Flamengo: projetar a cidade, desenhando patrimônio. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 25, p. 139-166, 2017.
- CRENSHAW, K. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p. 7-16, 2004.
- DA MATTA, R. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Edições Pinakotheke, 1982.
- DA MATTA, R. "O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues". In NUNES, E. O. (org.). **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar. pp: 23-35. 1978.
- DA MATTA, R. Antropologia do óbvio-Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista Usp**, n. 22, p. 10-17, 1994.
- DAMO, A.S. A dinâmica de gênero nos jogos de futebol a partir de uma etnografia. **Gênero**. Niterói, RJ. Vol. 7, n. 2 (1. sem. 2007), p. 135-150, 2007.
- DAMO, A.S. The training of football players in Brazil. **VIBRANT-Vibrant Virtual Brazilian Anthropology**, v. 6, n. 2, p. 29-49, 2009.
- DAMO, A.S.; OLIVEN, R.G.; GUEDES, S.L. Sports: an anthropological perspective. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. SE, p. 0-0, 2008.
- DARIDO, S.C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- FARIA, E. L. **A aprendizagem na e da prática social: um estudo etnográfico sobre as práticas de aprendizagem do futebol em um bairro de Belo Horizonte**. 2008. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, UFMG, Belo Horizonte, 2008.
- FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista brasileira de história**, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- GEERTZ, C. "Por uma teoria interpretativa da cultura: uma descrição densa". In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1991. pp.13-41.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOELLNER, S.V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- GOMES, A.M.R.; FARIA, Eliene Lopes. Etnografia e aprendizagem na prática: explorando caminhos a partir do futebol no Brasil. **Educação e Pesquisa**, v. 41, n. SPE, p. 1213-1228, 2015.

- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura Brasileira. In: Silva, Luiz Antonio. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. ANPOCS. Brasília, p. 223-244, 1983.
- GUEDES, S.L. Las naciones argentina y brasileña a través del fútbol. **VIBRANT-Vibrant Virtual Brazilian Anthropology**, v. 6, n. 2, p. 167-185, 2009.
- HARAWAY, D. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.
- HÉRITIER, F. **Enciclopédia Einaudi**: Vol. 20, "Parentesco". 1989.
- INGOLD, T. "Antropologia versus etnografia". **Cadernos de campo**, São Paulo, n. 26, v.1, 2017.
- INGOLD, T. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. 124p.
- INGOLD, T. Antropologia não é etnografia. In: INGOLD, T. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, p. 327-347, 2015a.
- INGOLD, T. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.
- INGOLD, T. O dédalo e o labirinto. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, p. 21-36, 2015.
- INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação. Porto Alegre**, p. 06-25, 2010.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA -IPEA. Trabalho para o Mercado e Trabalho para Casa: Persistentes Desigualdades de Gênero. **Comunicados do IPEA**, n. 149, 2012.
- KESSLER, C. S. **Mais que barbies e ogbras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos**. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- KNIJNIK, J.D; VASCONCELOS, E.G. Mulheres Na Área No País Do Futebol: Perigo De Gol. In: SIMÕES, Antônio Carlos (Org). **Mulher e Esporte – mitos e verdades**. Barueri: Manole, p.165-175, 2003.
- LATOUR, B. et al. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador-Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.
- LAVE, J. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, v. 21, n. 44, p. 37-47, 2015.
- LAVE, J; WENGER, E. **Situated learning: Legitimate peripheral participation**. Cambridge university press, 1991.
- LEVI-STRAUSS, C. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petropolis, Vozes, 1975.
- LOTA, de Macedo Soares. **O Parque do Flamengo: o sonho de Lotta**. Destinatário: Rachel de Queiroz. Carta. Rio de Janeiro, 1965. Disponível em:

<<https://correio.ims.com.br/carta/o-parque-do-flamengo-o-sonho-de-lotta/>>. Acesso em 20 ago. 2022.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MACEDO, M.S. Relações de gênero no contexto urbano: um olhar sobre as mulheres. In: **Perspectivas de Gênero: Debates e questões para as ONGs**. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib/SOS CORPO Gênero e Cidadania, p. 56-79, 2002.

MACHADO, G. M. C. **De “carrinho” pela cidade: a prática de street skate em São Paulo**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo social**, v. 17, p. 173-205, 2005.

MAHMOOD, S. “Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito”. **Etnográfica**, X (1): 121-158, 2006.

MAHMOOD, S. Agency, gender and embodiment. In: MAHMOOD, S. **Politics of Piety**. Princeton and Oxford: Princeton University Press. pp. 153-188, 2005.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, p. 183-314, 2003.

MENEZES, M.L.P. O Aterro e o Parque do Flamengo. 50 anos de espaço público. Sucessos e conflitos. **Biblio3W Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, 2017.

MILLER, D. **Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

MIZRAHI, M. “O Rio de Janeiro é uma terra de homens vaidosos”: mulheres, masculinidade e dinheiro junto ao funk carioca. **cadernos pagu**, 2018.

MIZRAHI, M. A educação como relação: estética, materialidade, subjetivação - contribuições desde a antropologia. In: BANNELL, R.; MYZRAHI, M.; FERREIRA, G.; **Deseducando a educação: mentes, materialidades e metáforas**. Rio de Janeiro: Editora PUC, p.165-179, 2020.

MIZRAHI, M. Las políticas del pelo negro: estética, relacionalidad y disidencia en Río de Janeiro. **Mana**, v. 25, n. 2, p. 457-488, 2019.

MIZRAHI, M. **Figurino funk: roupa, corpo e dança em um baile carioca**. 7 Letras, 2019a.

OLIVEIRA, A.R. Parque do Flamengo: Instrumento de planificação e resistência. **Arquitextos, São Paulo, ano**, v. 7, 2006.

ONO, H. Recuperação e revitalização do Parque do Flamengo. **Paisagem e Ambiente**, n. 15, p. 127-141, 2002.

PEREIRA, A.O. "Ela só quer jogar o futebol dela": quando meninas brincam e tensionam a supremacia masculina e as expectativas de gênero juntos aos meninos no espaço da escola. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 8, n. 3, 2019.

PORTAL MULTIRIO. **O Aterro do Flamengo: marco paisagístico**. Portal MultiRio [s.d]. Disponível em: <<https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/3358-o-aterro-do-flamengo-marco-paisagistico>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

PORTAL RIO PREFEITURA. **Informações sobre o uso de quadras de esporte no Aterro**, [s.d]. Disponível em: <<https://carioca.rio/servicos/informacoes-sobre-o-uso-de-quadras-de-esporte-no-aterro/>>. Acesso em: 30 mar. 2023.

PORTAL RIO PREFEITURA **Parque Brigadeiro Eduardo Gomes**, [s.d].. Disponível em: <<https://www.rio.rj.gov.br/web/fpj/exibeconteudo?id=10245255>>. Acesso em: 08 mai. 2023.

RAPPORT, N.; OVERING, J. "Agent and agency". **Social and cultural anthropology: key concepts**. London: Routledge, p. 1-9, 2000.

RUBIN, G. "Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade". **Cadernos Pagu**, n. 21, 2012. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1229/rubin_pensando_o_sexo.pdf?seq>. Acesso em: 30 mar. 2023.

RUBIN, G. A Circulação de Mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo. **Towards an anthropology of women**. New York: Monthly Review, 1975.

RUBIN, G. **Pensando o sexo**. Notas para uma teoria radical da política da sexualidade, 2017.

SALVINI, L; MARCHI JÚNIOR, W. "Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.

SAMPAIO, L.; FRANÇA, L. As relações de gênero aplicadas à análise socioespacial: como a construção cultural no espaço urbano aprisiona as mulheres. In: **2º WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL**, p. 59-70, 2015.

SANTOS, R.F.; ROSSETTO, E.R.A. Feminismo, culturas infantis, gênero e raça: uma reflexão sobre ser menina negra. **Zero-a-seis**, v. 20, n. 37, p. 157-169, 2018.

SARDENBERG, C. M. B; MACEDO, M. S. 2. Relações de gênero. In: Alcantara, A. C; Rodrigues, A. T. ; Vanin, I. M. (org). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. Salvador: NEIM, p.33-49, 2011.

SARDINHA, E.M. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **HÓRUS**, v. 6, n. 1, p. 92-110, 2017.

- SCHNEIDER, D.M. **Parentesco americano: uma exposição cultural**. Petrópolis: Vozes, 2016, 152p.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v. 20, n. 2, 1991.
- SILVA, J.M. Gênero e sexualidade na análise do espaço urbano. **Geosul**, v. 22, n. 44, p. 117-134, 2007.
- SILVA, P.; GOMES, P. B.; QUEIRÓS, P. Educação Física, Desporto e Género: o caminho percorrido na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (Portugal). **Movimento** (ESEF/UFRGS), v. 12, n. 1, p. 31-58, 2006.
- SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**. Zahar, 2006.
- SIMMEL, Georg; Georg **Simmel: sociologia**. Org. DE MORAES FILHO, Evaristo. Ática, 1983.
- SIQUEIRA, L.A. **Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife**. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2015.
- SOUSA, E.S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n.48, p.52-68, 1999
- TARLO, E. "Islamic Cosmopolitanism: the sartorial biographies of three muslim women in London". **Fashion Theory**, 11 (2/3): 143-172, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/27224555_Islamic_Cosmopolitanism_The_Sartorial_Biographies_of_Three_Muslim_Women_in_London>. Acesso em: 08 mai. 2023.
- TEIXEIRA, F.L.S.; OLIVEIRA C.I. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.
- VILLELA, J.L.M. Por uma etnografia da pelada: descrição de um caso. **Pesquisa de Campo**, v. 5, p. 69-93, 1997.
- WACQUANT, L. 2002. **Corpo e Alma - Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 294 pp.
- WITTER, J.S. **O que é futebol**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pessoas identificadas



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO Programa de Pós-Graduação em Educação

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PESSOAS IDENTIFICADAS NO TRABALHO DE CAMPO

Olá, neste documento, convido você a participar da minha pesquisa. No papel, registramos o aceite de sua participação. Para tanto, preencha o seu nome abaixo, leia os tópicos explicativos e faça as assinaturas e marcações da parte final. Muito obrigada!

Seu nome:

—

Pesquisa: FUTEBOL FEMININO: gênero, agência, e materialidades

Pesquisadoras Responsáveis: 1- Liliane de Fátima Dias Macedo, que atende pelo endereço profissional na PUC-Rio, Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, sob identificação de matrícula: 2011692, email: liicamacedo@gmail.com 2- Mylene Mizrahi, que pode ser encontrada à Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea, Rio de Janeiro, telefone: (21) 3527-1001, email: mylenemizrahi@puc-rio.br, telefone: (21) 3527-1001.

Esta pesquisa foi aprovada com parecer favorável pela Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, instância da Universidade que avalia do ponto de vista ético os projetos de pesquisa dos seus docentes, pesquisadores e discentes, quando solicitada. Endereço da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio: Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea, 22543-900, RJ. Telefone (21) 3527-1618.

Financiamento da pesquisa: Esta pesquisa é financiada através da Bolsa de Doutorado CNPq.

Objetivos: Esta pesquisa busca compreender o futebol para além do jogo, enquanto um espaço de produção de subjetividades, de construção de relações, e de aprendizagem, e assim buscar apreender quem são essas meninas/mulheres praticantes de futebol, o que o esporte representa para elas, como elas se organizam e se relacionam e qual papel do esporte em sua vida.

Metodologia: De forma resumida, o objetivo nessa pesquisa é a produção de um texto etnográfico, a minha tese de doutorado, a partir da realização de um trabalho de campo utilizando a observação participante. A observação participante será durante os momentos de prática do futebol/futsal, durante os jogos, pré e pós-jogos, resenhas posteriores e demais momentos em que a pesquisadora se fizer presente com as jogadoras. A pesquisadora buscará, através da observação, participação e conversas informais e livres com as participantes, apreender sobre esse universo, essa prática e essas jogadoras. Para assim, produzir uma descrição densa de como a prática do futebol pelas meninas/mulheres é de fato vivida e experienciada, de forma detalhada e fiel.

Riscos e desconfortos da pesquisa e como contorná-los: Os riscos que oferecemos para os sujeitos são mínimos, como eventual desconforto, uma vez que estaremos em constante contato, conversa e observação participante, as participantes podem vir a se sentir incomodadas com a presença da pesquisadora em suas atividades cotidianas. De forma a contornar esses riscos, as participantes podem recusar a participar da pesquisa, podem também se recusar a conversar com a pesquisadora, ou mesmo solicitar que a ela se retire do local. Iremos manter muito cuidado com os registros e notas, a prática do diário de campo e sua manutenção já se apresentam como uma forma de segurança e controle de dados da pesquisa. As informações obtidas, através da observação participante, serão utilizadas para fins científicos. Assim, será garantido o sigilo das informações e a preservação da imagem com anonimato, procedimentos utilizados como garantia de redução de danos. As pessoas que participarem das atividades e conversas referentes à pesquisa, caso se sintam constrangidas ou desconfortáveis, poderão a qualquer momento se recusar a responder a tais perguntas ou mesmo se recusar a

participar da pesquisa, ainda que já estejam envolvido com a mesma. As informações repassadas serão confidenciais e a privacidade da participante será respeitada.

Benefícios esperados: A participação neste estudo não terá nenhum benefício pessoal direto, contudo, contribuirá para a ampliação de conhecimentos sobre o tema. O principal benefício da pesquisa é a produção de subsídios teóricos e críticos sobre o futebol feminino.

Despesas decorrentes de participação na pesquisa: Não há despesas ou gastos pessoais para nenhum participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira vinculada à sua participação. O participante será indenizado pelo dano decorrente da pesquisa nos termos da lei.

Registro da garantia de sigilo e confidencialidade: Os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de Educação da PUC-Rio, por um período de 5 anos. Garanto ainda que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com outros sujeitos, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes. Desta forma, A garantia de sigilo e confidencialidade é indispensável e será assegurada e todos os documentos.

Eu, _____
_____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, confirmo meu aceite para participação na pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que a participação é isenta de despesas e que a imagem e o nome dos envolvidos na pesquisa não serão publicados. Estou de acordo com a presença da pesquisadora nos espaços de prática. Estou ciente de que os dados obtidos serão guardados pela pesquisadora responsável por essa pesquisa em local seguro no Departamento de Educação da PUC-Rio e por um período de 5 anos. Estou ciente de que, em

qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização, prejuízo ou constrangimento.

Assinatura _____ da _____ participante:

Liliane de Fátima Dias Macedo, pesquisadora.

Assinatura _____ da _____

Pesquisadora: _____

_____, _____ de _____ de 2023.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do/a participante e outra para os arquivos da pesquisadora.

Futebol Feminino

Boleiras do Aterro

NORMAS PARA PARTICIPAR DOS JOGOS

- As partidas serão realizadas todas os domingos de 09:00 as 11:00, exceto nos dias em que a quadra não estiver disponibilizada por questões climáticas.
- Atletas amadores de preferencia do sexo feminino podem jogar independente da idade, porém devem ter um preparo físico razoável a fim de que não coloque em risco seu estado de saúde.
- Todas as atletas são obrigadas a respeitar o nível de conhecimento técnico das participantes.
- Deve-se evitar totalmente jogadas violentas de forma a preservar a integridade física de nossas atletas.
- Será indicada pelas integrantes do grupo do whatsapp das boleiras, uma representante do grupo com a finalidade de controlar os pertences do grupo (bolas, rede, coletes, bomba...) e a mesma é quem organizará as partidas de forma justa.
- É obrigatório o uso de colete quando estiver disponibilizado pela integrante responsável.

REGRAS DO FUTEBOL

- **NA DIVISÃO DOS TIMES SEMPRE DEVERÁ PREVALECER O BOM SENSO.**
- **A PREFERÊNCIA SERÁ DAS MULHERES NA LINHA E OS GOLEIROS DOS TIMES PODERÃO SER HOMENS.**
- **A QUANTIDADE DE MULHERES PARA CADA TIME DEVERÁ SER IGUAL SEMPRE. CASO NÃO SEJA POSSÍVEL, ENTRARÃO NA PARTIDA POR ORDEM DE CHEGADA À QUADRA, OS HOMENS QUE QUEIRAM JOGAR E QUE JÁ FAÇAM PARTE DO GRUPO DE DOMINGO.**
- **TEMPO DA PARTIDA 10 MIN OU 2 GOLS. TERMINANDO EMPATADO SERÁ DADO MAIS 5 MINUTOS COM "GOL DE OURO". EXCETO A PRIMEIRA PARTIDA, QUE DEVERÁ SER DE 15 MINUTOS INDEPENDENTEMENTE DO PLACAR, E EM CASO DE EMPATE SERÁ TIRADO NA MOEDA ONDE O PRIMEIRO TIME A TER FEITO GOL ESCOLHE O LADO DA MOEDA.**
- **TIME VENCEDOR TERÁ O DIREITO DE JOGAR SOMENTE A SEGUNDA COM O MESMO TIME.**

- QUANDO HOUVER MAIS DE DUAS EQUIPES COMPLETAS DE FORA, A EQUIPE QUE GANHAR TRÊS PARTIDAS DIRETAS DESCANSARÁ ENTRANDO AS DUAS DE FORA.
- TEMPO PARA BATIDA DE LATERAL, ESCANTEIO OU SAÍDA DA AREA NO RECOMEÇO DO JOGO "7 seg."
- A BOLA PODERÁ SER ATRASADA PARA O GOLEIRO SEM LIMITE DE VEZES. DENTRO DA ÁREA ELE PODE PEGAR COM AS MÃOS E AO DOMINAR COM OS PÉS NÃO PODE ULTRAPASSAR O MEIO DA QUADRA.
- MÃO DO GOLEIRO FORA DA ÁREA, SERÁ FALTA DIRETA, COM BARREIRA A 2 METROS.
- MÃO DENTRO DA ÁREA, BRAÇO ABERTO NÃO ESTANDO A FRENTE DO TRONCO, CASO O BRAÇO VENHA A IMPEDIR A TRAJETÓRIA DA BOLA DENTRO DA ÁREA OU DE PROPÓSITO SERÁ CONSIDERADO "PENALTI". *OBS: EM CASO DE MÃO EM GOL É GOL.*
- MÃO FORA DA ÁREA SEM QUERER OU POR QUERER - "LATERAL"
- JOGADORA CAÍDA, PREVALECE O BOM SENSO, INDEPENDENTE SE ESTIVER EM LANCE DE GOL O JOGO DEVERÁ PARAR. *OBS: A REGRA DIZ JOGADORA CAIDA, NÃO É SERÁ CONSIDERADO SIMULAR UMA QUEDA EM UM LANCE CLARO DE GOL.*
- LANCE DE FALTA SÓ PODERÁ SER REQUISITADO POR JOGADORA DO LANCE, QUANDO NÃO HOUVER ALGUÉM APITANDO.
- CASOS DE DÚVIDAS DE LANCE DUVIDOSO, CASO NÃO HAJA ENTENDIMENTO ENTRE OS DOIS TIMES. DEVERÁ PREVALECER A OPINIÃO DOS PARTICIPANTES DA PRÓXIMA PARTIDA.
- EM CASO DE OFENSAS PESSOAIS, AGRESSÃO VERBAL OU FISICA, A PARTICIPANTE SERÁ JULGADA PELAS INTEGRANTES DO GRUPO DO WHATSAP BOLEIRAS DO ATERRO. SENDO SUJEITA A SUSPENSÃO DO PRÓXIMO FUTEBOL OU DEPENDENDO DA GRAVIDADE DO CASO ATÉ SUSPENSÃO DEFINITIVA DO GRUPO.
- TODAS AS INTEGRANTES TEM O DIREITO DE PROPOR MELHORIAS AO FUTEBOL, NÃO FICA RESTRITO A UM NÚMERO DE PESSOAS SELETAS, SOMOS UM GRUPO.
- CASO TENHA ALGUMA IDEIA NOVA, SERÁ APRESENTADA AO GRUPO, ONDE ESTAREMOS ANALISANDO OS PROS E OS CONTRAS E SEMPRE PREVALECERA A MAIORIA E O BOM SENSO.

RIO DE JANEIRO, 18 DE OUTUBRO DE 2020

Handwritten signatures and notes:
 - A large signature at the top left.
 - A signature in the middle left.
 - The name "maria baia" written in the center.
 - The name "Ana Aguiar" written below "maria baia".
 - The name "gen. Souza" written at the top right.
 - Other illegible handwritten marks and initials.